

Bibliotheca Pedagógica Brasileira

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

Serie 5.^a - BRASILIANA — Volumes publicados :

- 1 — Baptista Pereira : *Figuras do Imperio e outros ensaios* (2.^a edição).
- 2 — Pandiá Calogeras : *O Marquês de Barbacena* (2.^a edição).
- 3 — Alcides Gentil : *As idéas de Alberto Torres* (synthese com indice remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna : *Raça e Assimilação* (3.^a edição augmentada).
- 5 — Auguste de Saint-Hilaire: *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822)*. Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.
- 6 — Baptista Pereira : *Vultos e episodios do Brasil*.
- 7 — Baptista Pereira : *Directrices de Ruy Barbosa* (segundo textos escolhidos).
- 8 — Oliveira Vianna : *Populações Meridionaes do Brasil* (3.^a edição).
- 9 — Nina Rodrigues : *Os Africanos no Brasil* (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado - 2.^a edição.
- 10 — Oliveira Vianna : *Evolução do Povo Brasileiro* (2.^a ed. illustrada).
- 11 — Luiz da Camara Cascudo : *O Conde D'Eu* (volume illustrado).
- 12 — Wanderley Pinho : *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* (volume illustrado).
- 13 — Vicente Licínio Cardoso : *A margem da Historia do Brasil*.
- 14 — Pedro Calmon : *Historia da Civilização Brasileira* (2.^a edição).
- 15 — Pandiá Calogeras : *Da Regencia á queda de Rozas* (3.^o vol. da série *Relações Exteriores do Brasil*).
- 16 — Alberto Torres : *O Problema Nacional Brasileiro*.
- 17 — Alberto Torres : *A Organização Nacional*.
- 18 — Visconde de Taunay : *Pedro II*.
- 19 — Affonso de E. Taunay : *Visitantes do Brasil Colonial* (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria : *Maná* (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — Baptista Pereira : *Pelo Brasil Maior*.
- 22 — E. Roquette-Pinto : *Ensaio de Anthropologia Brasileira*.
- 23 — Evaristo de Moraes : *A escravidão africana no Brasil*.
- 24 — Pandiá Calogeras : *Problemas de Administração*.
- 25 — Mario Marroquim : *A lingua do Nordeste*.
- 26 — Alberto Rangel : *Rumos e Perspectivas*.
- 27 — Alfredo Ellis Junior : *Populações Paulistas*.
- 28 — General Couto de Magalhães : *Viagem ao Araguaya* (3.^a edição).
- 29 — Josué de Castro : *O Problema da alimentação no Brasil*. Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon : *Pelo Brasil Central* (ed. illustrada).
- 31 — Azevedo Amaral : *O Brasil na crise actual*.
- 32 — C. de Mello-Leitão : *Visitantes do Primeiro Imperio* (ed. illustrada com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz : *Meteorologia Brasileira*.

- 34 — Anygone Costa : *Introdução á Archeologia Brasileira* - (ed. illustrada).
- 35 — A. J. de Sampaio : *Phytogeographia do Brasil* (ed. illustrada).
- 36 — Alfredo Ellis Junior : *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* (2.^a edição).
- 37 — J. F. de Almeida Prado : *Primeiros Povoadores do Brasil* (ed. illustr.)
- 38 — Ruy Barbosa : *Mocidade e Exilio* (Cartas Ineditas Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe). - Ed. illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto : *Rondonia* (3.^a ed. augmentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calmon : *Espirito da Sociedade Colonial* (edição illustrada com 13 gravuras).
- 41 — José-Maria Bello : *A Intelligencia do Brasil*.
- 42 — Pandiá Calogeras : *Formação Historica do Brasil* (2.^a ed. com 3 mapas fóra do texto).
- 43 — A. Saboia Lima : *Alberto Torres e sua obra*.
- 44 — Estevão Pinto : *Os indigenas do Nordeste* (com 15 gravuras e mappas).
- 45 — Basilio de Magalhães : *Expansão Geographica do Brasil Colonial*.
- 46 — Renato Mendonça : *A influencia africana no português do Brasil* (edição illustrada).
- 47 — Manoel Bomfim : *O Brasil* - Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Vianna : *Bandeiras e sertanistas habianos*.
- 49 — Gustavo Barroso : *Historia Militar do Brasil* (Ed. illustrada com 50 grav. e mappas).
- 50 — Mario Travassos : *Projeção Continental do Brasil*. Prefacio de Pandiá Calogeras. 2.^a Edição ampliada.
- 51 — Octavio de Freitas : *Doenças africanas no Brasil*.
- 52 — Gel. Couto de Magalhães : *O Selvagem*.
- 53 — A. J. de Sampaio : *Biogeographia dinamica*.
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho : *Calogeras*.
- 55 — Hildebrando Accioly : *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America*.
- 56 — Charles Expilly : *Mulheras e costumes do Brasil* (Traducção, Prefacio e Notas de Gastão Penalva).
- 57 — Flausino Rodrigues Valle : *Elementos de Folk-lore Musical Brasileiro*.
- 58 — Auguste de Saint-Hilaire : *Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820)* Traducção e Prefacio de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior : *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.
- 60 — Emilio Rivasseau : *A vida dos Indios Guaycurús* (Edição illustrada).
- 61 — Conde d'Eu : *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* - Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiuss (com 3 illustrações fóra do texto).
- 62 — Agenor Augusto de Miranda : *O rio São Francisco* - (ed. illustrada).
- 63 — Raymundo Moraes : *Na planicie amazonica* - 4.^a edição.
- 64 — Gilberto Freyre : *Sobrados e Mucambos* - Decadencia do Patriarchado Rural no Brasil - Edição illustrada.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SILVA JARDIM



BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
Serie 5.^a **BRASILIANA** *Vol. 65*

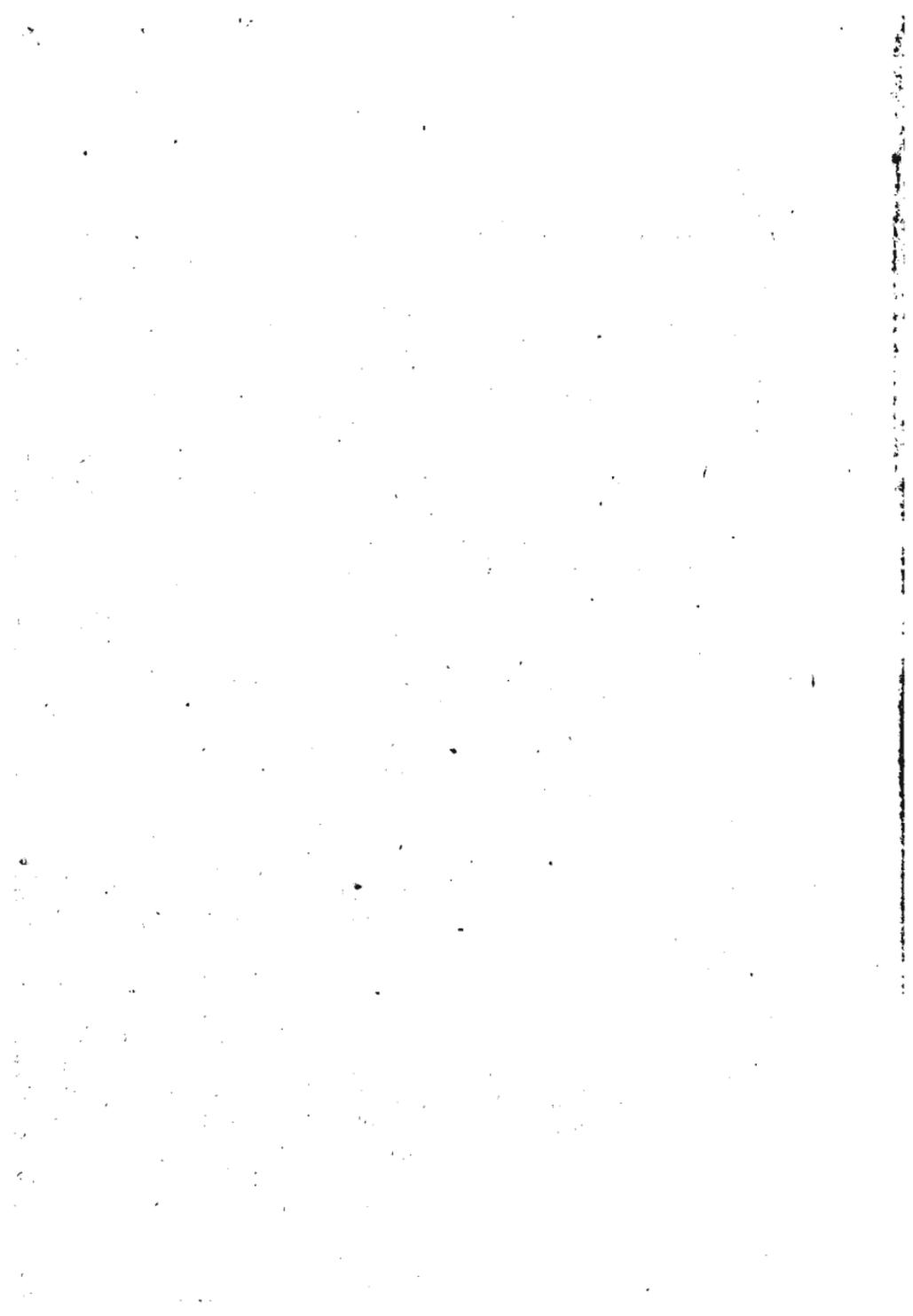
João Dornas Filho

SILVA JARDIM



1936

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
S. Paulo



... Un Rochefort brésilien dans le journalisme, un Gambetta d'outremer parlant au peuple ...

JEHAN SOUDAN



A
FERNANDO
DE
MELLO
VIANNA,

*meu tio e meu amigo, que
no Governo de Minas realizou victo-
riosamente o grande sonho republica-
no de* SILVA JARDIM.



INDICE

<i>Deserto de homens</i>	13
<i>O ninho da aguia</i>	23
<i>Incendio em marcha</i>	41
<i>A propaganda republicana em Minas</i>	49
<i>A propaganda republicana na capital do paiz</i>	63
<i>A propaganda republicana no norte</i>	77
<i>15 de Novembro</i>	97
<i>O Politico</i>	111
<i>O Publicista</i>	135
<i>O exilio voluntario</i>	147
<i>O pretenso suicidio</i>	155
<i>Em funeral</i>	169
<i>A voz da Historia</i>	187



DESERTO DE HOMENS...



A ÉPOCA transcorrida entre 1880 e 1889 é das mais interessantes e agitadas que o Brasil tem vivido, nem por isso é das mais estudadas e debatidas, como seria de desejar.

Nem os successos da abdicção, da regencia e da maioridade assumiram o aspecto de tanta delicadeza e importancia como essa, na qual o Brasil passou pelas reformas e transformações as mais absolutas e em condições as mais perigosas.

Foi uma época de transplantação de visceras fundametaes, da qual o paiz sahiria para uma longa convalescença, e cujo periodo ainda não se extinguiu.

A culpa desse tormentoso restabelecimento, entretanto, é parte dos cirurgiões e parte dos enfermeiros a que ficou entregue o gigante, como veremos no decorrer deste volume. O despeito e a ambição dos homens que assumiram perante a historia a responsabilidade da intervenção, não se mantiveram á altura do grave commettimento. Os mesmos disturbios que constataram no organismo da Nação no periodo da Monarchia, se apresentaram depois que a cirurgia republicana applicou o recurso maximo da transformação politica, e isso quem sabe si por ausencia da asepsia indispensavel...

O mal, entretanto, não é do regimen, como explicam os sociologos saudosistas. O mal é dos homens apenas, que não souberam ou não quizeram enxergar a realidade da situação, que se mostrava com a claresa dos factos evidentes.

Desse trecho accidentado da nossa historia muito poucos nomes conseguiram flutuar com a grandesa capaz de affrontar a Posteridade. E' que os successos foram maiores do que os homens, e estes se submergiram definitivamente, antes mesmo que terminasse o cyclo da sua geração.

Silva Jardim é dos pouquissimos que se salvaram, e assim mesmo talvez o seja pelo golpe do destino que o abateu em plena mocidade gloriosa, sem dar-lhe tempo de mergulhar-se no *mare-magnum* das competições inferiores, que é constante no panorama politico do Brasil.

Grande movimentador de ideas, daquelles que sahiram incorruptiveis da feiticeira retorta de Augusto Comte, Silva Jardim, com o fogo da sua intelligencia inquieta, com os arroubos da sua mocidade tumultuaria, com a bravura civica que é o traço marcante da sua alma de agitador — foi o mais alto batalhador dos ideaes democraticos do Brasil.

Intelligencia caldeada por uma vontade que nunca sentiu a ameaça da fraqueza, a sua voz, desde os tempos de academico, foi instrumento indormido de reivindicações em todo o lugar em que ellas o chamassem.

A abolição e a republica foram as duas unicas preoccupações da sua vida de luctas incessantes, e a ellas deu tudo sem nunca reclamar a sua parte nos despojos, como é praxe do paiz. E' que na sua construcção moral, rectificada ainda pela educação philosophica consistente em supprimir fronteiras e limites, não havia logar para recompensas individuaes a serviços que são da Humanidade.

E' isso que explica o julgamento de Rangel Pestana, quando traça os contornos moraes desse vulto desconcertante de menino bracejando no vortilhão de principios em tormenta, que tal foi a campanha republicana:

“Silva Jardim é a organização moral mais integrada, a dedicação mais sincera, o ardor mais pronunciado pela victoria da idéa que de todo o dominou, a audacia mais requintada em affrontar as iras do preconceito, e o espirito mais affeito á propaganda, de todos quantos nella tomaram parte em sua segunda phase. Espirito rebelde, intransigente, autoritario e insubordinado, pôz á causa da republica toda a sua actividade, todo o seu concurso. Pouco affeito ás difficuldades da organização, para que não se sentia com as condições precisas, era, entretanto, um homem feito e talhado para a propaganda. Podemos mesmo dizer — della é a figura mais proeminente”.

Essa imponente figura de lidador, que “representa a maior força mental do movimento republicano”, que aos trinta annos de idade já havia derruido um throno

da solidez do de Pedro II, teve sempre a volupia do combate em grande estylo. As acaloradas discussões do preparatoriano no recesso das "republicas"; o incidente com o examinador de historia que o reprovou injustamente; o attrito com Theophilo Dias; a retirada espectacular do seio da Egreja Positiva, são indices irrefragaveis dessa poderosa organização de agitador e de esgrimista, que a propaganda republicana iria revelar ao paiz e fixar na historia com as cores dramaticas do predestinado, cuja vida, pontilhada de revoltas e de incendios, foi um caminho de fogo entre os combates e o Vesuvio...

Quando todos os homens se evadiam dos compromissos assumidos ante as disposições da Monarchia; quando o gabinete João Alfredo atirava aos republicanos o presago desafio "Cresça e appareça"; quando a pusilanimidade se encolhia na frase "revolução, mas no sentido moral", é Silva Jardim que apanha o desafio do gabinete e incendeia as provincias com o seu verbo apocalyptico, erguendo em cada mão um facho de revolta...

Perigos, ameaças, despeitos insopitados, interesses feridos e desencadeados em attentados covardes, ambições subalternas solapando o proprio terreno em que pisavam — tudo isso a sua assombrosa convicção reduziu e submetteu á força ineluctavel da sua vontade e do seu idealismo.

Rangel Pestana, (cito sempre Rangel Pestana, pela força moral que envolvem as suas palavras sobre

Jardim) exclamava em 1888 que lhe dessem “dez Silva Jardim e elle faria a Republica amanhã”. E’ que o venerando chefe paulista já havia vislumbado a dobrez e a covardia de um lado e a bravura e o desinteresse do outro, como declarou ao Congresso republicano paulista, quando os *profiteurs* já ensaiavam o bote sobre o intemerato agitador:

“O dr. Silva Jardim comprehendeu bem a disposição dos espiritos no movimento republicano e tomou a rota que lhe pareceu melhor, convidando a acompanhal-o os que revelam coragem de affrontar os perigos.

“A dictadura do dr. Silva Jardim (dictadura scientifica) é, portanto, producto natural do meio d’onde ella brotou. Fomos todos nós que a levantamos. Elle é o unico homem que até aqui vos apresentou o movimento revolucionario, porque só elle tem sabido caracterizar os sentimentos nacionaes, dando-lhes, pela sua energia, pelos seus trabalhos, pela sua acção intelligente e bem definida, a representação na lucta com a monarchia. Reconhecer isto é ter a franqueza de proclamar a verdade”.

E mais adiante:

“E’ possivel que elle se enfraqueça por haver committido o erro de exceder-se no seu rigor de concentrar a direcção, impondo um tanto violentamente a sua autoridade e deixando claramente posta a sua dictadura. O entusiasmo e a fé do moço talvez tenham inutilizado em parte o grande trabalho de preparos para

o ataque ás velhas instituições, sem garantia da organização da Republica.

E' fóra de duvida, porém, que só elle reune as condições de chefe do movimento revolucionario, ainda que o não seja do partido republicano.

Atraz delle deviam estar os homens da organização, os espiritos directores, capazes de medir friamente o effeito da sua ousadia de agitador e de assegurar a victoria em um momento dado e de assentar em bases fortes o edificio da Republica.

Mas... parece que elle é a unica vontade que vence tudo, que procura meios de acção por toda parte, e que reúne em redor de sua individualidade sympathias, enthusiasmo, admiração e confiança, esse conjuncto de factos que annunciam a elevação politica de um homem á chefia de uma revolução.

Podéis eleger commissões, tentar reunir homens que se illudam de bôa fé, que esterilizam esforços communs por cortesia, que se annullam pelas reciprocas provas de uma desnecessaria cordialidade, que se fiscalizam olhando-se de soslaio por um falso respeito á popularidade; tudo isso complicará as funcções partidarias e apresentará a agitação revolucionaria. Esta é a minha convicção.

O dr. Silva Jardim continuará a ser o homem da revolução onde quer que ella appareça" (1).

(1) "*Memoria Politica ao Congresso Republicano Paulista*" — in *Apointamentos para a Biographia de Silva Jardim* — JOSÉ LEÃO — pags. 162-63.

E' que nesse tempo, Silva Jardim já era temido pelos proprios companheiros, que viam nelle "um homem perigoso", como mais tarde lhe confessou Benjamin Constant. E o perigo que elle irradiava era apenas o da incorruptibilidade dos principios que defendia, e esse outro da espantosa e esmagadora popularidade que a sua bravura e o seu verbo inflammado accenderam nos corações de Minas e São Paulo.

Essas prevenções e esses despeitos, que serão estudados mais adiante, foram o motivo do afastamento de Jardim, logo que este verificou não ser mais preciso o seu trabalho, pois a Republica estava proclamada e os seus propugnadores arredados pelos adhesistas de ultima hora.

"Entre os grandes serviços prestados por Silva Jardim á Republica, avanta-se e agiganta-se esse de não exigir o logar que lhe competia á frente della, de calar os valiosissimos feitos da sua fé de officio republicana, e de, chefe incontestado e glorioso, mostrar-se satisfeito com a subalternidade ingrata e injuriosa a que parecia condemnado.

Elle teve a dignidade da sua derrota e, vendo que até um logar de representante do povo se lhe recusava, tomou altiva e dignamente o caminho do exilio, sem uma queixa, sem um protesto, sem uma ameaça". (2)

(2) VALENTIM MAGALHÃES — artigo no "O Paiz" de 14 de junho de 1891.

As paginas que se vão ler, foram, em grande parte, auridas no precioso volume de annotações "*Memorias e Viagens*", que Silva Jardim publicou no exilio.

Nesse livro, o Apostolo dá conta da sua actuação na propaganda, contando a odysseá de uma intelligencia a serviço de um ideal que só lhe deu decepções e desenganos.

Escripto na França, o grande espirito de Silva Jardim não o coloriu com a sua justa magoa e desencanto, narrando os factos com a serenidade que alicerça as convicções inabalaveis. Não accusa nem deblatera. Relata apenas os acontecimentos e deixa á posteridade o julgamento, que não póde ser sinão o mais severo para com os donos eventuaes da situação no momento.

Oscar de Araujo, prefaciando "*Memorias e Viagens*", depõe com a autoridade de testemunha insuspeita: "A idéa republicana teve no Brasil dois grandes servidores: Benjamim Constant, que a nossa Constituição cognominou o fundador da Republica, e Silva Jardim, de quem se póde dizer, não com menos rasão, que foi o seu precursor".

E ambos, que representam para o movimento duas forças sem as quaes a Republica não passaria de um grande sonho de moços idealistas, foram sacrificados friamente pela insidia de um grupo adversario que cercava um general inhibido...

E' que elles ignoravam que no Brasil é um perigo ter idéas, e ainda mais, coragem para defendel-as...

O NINHO DA AGUIA



ANTONIO da Silva Jardim nasceu a 18 de agosto de 1860, em Capivary, então provincia do Rio de Janeiro, no lugar denominado Capivary de Cima, onde o seu pae explorava uma pequena lavoura.

Filho de Gabriel da Silva Jardim, que suppria com uma escola primaria as deficiencias financeiras da agricultura, Silva Jardim dedicava á sua mãe, Felismina Leopoldina de Mendonça Jardim, uma dedicação que chegava a preoccupar o espirito supersticioso dos amigos.

Uma feita, cahindo esta gravemente enferma, e contando elle apenas cinco annos de idade, foram encontral-o ajoelhado diante de uma imagem, implorando:

— Meu Deus! Nossa Senhora! Salvae minha mãe!

Muito cedo iniciou, por vontade expontanea, o curso de primeiras letras com o proprio pae, e a sua intelligencia, singularmente penetrante, em pouco tempo se assenhoreou das letras e dos numeros.

Aos sete annos, enfermado-se o professor, Silva Jardim — o Antonico — substituiu-o durante oito dias, o que chamou a attenção do arraial.

Gente se movia a ver a gravidade e a proficiencia do professor que dirigia as aulas com uma dignidade

inusitada em idade tão tenra. Era a revelação do futuro didata de São Paulo e de Santos, que mais tarde enthusiasmaria o frio João Kopke.

Aos onze annos, concluido o curso de primeiras letras, já substitua o sacristão com um latim suspeito, nas missas e baptizados de Capivary...

A sua vivacidade e profunda dedicação aos mysterios do culto catholico induziram seu pae a internal-lo no seminario de Nicteroy, o que chegou a providenciar por influencia do dr. Cesario de Mello, então delegado de policia na Capital.

Queria ser padre a ser bacharel — dizia, porque este é ministro do rei da terra, quando aquelle é ministro do rei do céu...

De uma singular precocidade moral, manifestada pela sizudez e o bom senso que lhe davam uma nota estranha á personalidade já claramente esboçada, respondeu uma vez ao pae, que manifestára o desejo de que proseguisse os estudos:

— Eu não posso querer nem desejar formar-me, porque papae é pobre e tem familia numerosa.

Mas, Gabriel Jardim, que bem conhecia as qualidades do filho, redarguiu-lhe:

— Não, eu posso, si bem que com sacrificio, manter-me com os pequenos rendimentos da lavoura e gastar contigo os meus vencimentos de professor.

E a 23 de abril de 1873 seguia para Nicteroy, aos cuidados de Honorio e Felisberto de Carvalho.

Estava, pois, iniciada a grande lucta da sua vida, lucta que só abandonou quando o Vesuvio reclamou a sua parte na bravura do heroe.

Matriculou-se nesse mesmo anno no collegio Silva Pontes, passando-se no anno seguinte ao mosteiro de S. Bento.

Ahi estudou latim, portuguez, francez e geographia, mandando a seu pae, em 8 de julho, esta delicia:

“Jé n’peut pas etre plus étandu. Jetez votre benediction, mon père et ma mère, sur votre fils q’il vous aime. Pardonez les erreurs e le papier. — Antoine”.

Nesse anno teve variola, cujos signaes no rosto o acompanharam para sempre.

De Nicteroy passou-se para o Rio, vivendo na companhia de Raymundo Corrêa, Francisco Pessanha, Pedreira Franco e Liborio Seabra, numa “republica” afamada pela ordem, que a gravidade de Raymundo impunha e mantinha.

Mas, as difficuldades financeiras do velho Gabriel começavam a preoccupal-o. As mesadas já tardavam e o seu coração lhe contava as silenciosas agonias de Capivary...

Tentou empregar-se no commercio, recalcando para o fundo da alma o desejo de formar-se. Em vão. O commercio do Rio daquella época só accitava empregados portuguezes, e elle não servia porque era filho da terra...

E Constante Jardim, seu primo, sabendo das difficuldades que o embarçavam, levou-o para sua casa, em Santa Theresa.

Mas, era um favor que não podia acceitar por muito tempo. Tentou novamente o commercio, e desta vez foi feliz. Uma casa da rua Visconde de Inhaúma admittiu-o no escriptorio.

Ahi, com a seriedade que imprimia a todos os seus compromissos, trabalhou dois mezes, quando Mr. Jasper Harben, que o conhecia do mosteiro de São Bento, o convidou para collaborar num trabalho sobre a lingua inglesa.

O chefe da casa commercial, ao despedir-se do empregado de dois mezes, declarou-lhe, a mão no hombro:

— Em minha casa commercial haverá sempre um logar para o sr.

E, datada de 28 de outubro de 1877, escrevia ao pae esta carta:

“Para não estar só no Externato, a convite do Pesanha, móro agora com este na rua da Quitanda, 187, 2.º andar, em um bom e pequeno quarto, que elle alugou. Tenho estudado bastante. Creio ser feliz.

Adoptei em minha vida um novo systema, que estou pondo, á risca, em pratica: 1.º, estudar muito, porém com methodo, sem prejuizo da saúde; 2.º, dormir o necessario (seis horas); 3.º, limitar as relações com familias de meu conhecimento, de modo a só ser encontrado em dous logares: em casa e nas aulas; 4.º, seguir em tudo seus conselhos sobre a direcção de mi-

nha vida, pondo de parte qualquer opinião dos *falsos amigos*; 5.º, ser o mais modesto possível; e 6.º, finalmente, não apparecer em publico sinão em determinadas occasiões e sempre com um fim nobre e elevado" (3).

Foi, então, que fez "o exame de historia, mas o seu espirito recto não tolerou que o examinador trocasse-lhe o ponto". Protestou, discutiu o seu direito e... foi inhabilitado.

Silva Jardim teve sempre os "pontos trocados" na vida. E' o destino...

Como era época de exames em São Paulo, resolveu partir sem mais demora. Esta carta a seu pae nos informa detalhadamente:

"Muito se ha de queixar de mim, por não lhe haver escripto ha mais tempo. Tem razão; mas em compensação, as boas noticias que lhe dou nesta vem tornar nulla a minha falta.

Sexta-feira, 22, fiz exame de historia na Côrte e fui approvado plenamente; todos os meus collegas disseram que houve, quando não injustiça, demasiado rigor e prevenção commigo. Felizmente minha approvação foi plena; não importa o mais.

Vendo que não podia fazer exame de geometria na Côrte, por não haver tempo, pois que só seria chamado no dia 1 (depois de amanhã), na segunda-feira, 25 do corrente, arranjei a mala, tomei a estrada de fer-

(3) JOSÉ LEÃO — op. cit., pag. 24.

ro em companhia do Raymundo Corrêa (que se achava nas mesmas condições) e, depois de viajar o dia inteiro num vagão de 2.^a classe, com a esperança por guia e a confiança em Deus, como estrella, cheguei a S. Paulo. Dormimos a primeira noite em um hotel; no outro dia fomos á casa do dr. Siqueira Bueno, amigo do pae de Raymundo, que logo nos prestou os obsequios possiveis.

Por intermedio delle requeremos exame de geometria, e fomos plenamente approvados perante a banca do curso annexo da academia de sciencias juridicas e sociaes desta cidade.

O prazer que sinto ao escrever-lhe esta é immenso! Segunda-feira matriculo-me. Tambem o Raymundo; como hoje foi o ultimo dia de exame e amanhã é domingo, o director consente que nos matriculemos naquelle dia.

Um anno poupado, economisado até á medulla dos ossos. Um anno de academia, um anno de lucha para o futuro, um passo avante, uma barreira vencida!

Mas não paro aqui. Matricular-se significa estudar. Para muitos isto é bastante. Para mim, ainda falta um *quid*: ganhar dinheiro para estudar.

Pois bem: o dr. Cesario (Cesario de Souza Motta, ex-companheiro de Constante Jardim em Santa Thereza, no Rio), que me tem tanto auxiliado aqui, em S. Paulo, me arranjou um collegio, onde, do dia 22 de abril em diante, começarei a explicar portuguez. Quanto ganho, não sei: creio, porém, que ha de ser

cousa de 50\$ para cima. Nunca para baixo, foi o que me afiançou o mesmo doutor.

Assim, pois, papae, tenho eu convicção de poder encetar minha vida academica, sem ser-lhe penoso, sem sacrificar-o. Até que enfim!" (4)

Matriculado a 1 de abril de 1879, foi residir á rua S. José n.º 1, pagando com 50\$000 mensaes a cama e a comida, continuando Raymundo em sua companhia.

E' sempre com seu pae que compartilha os seus grandes contentamentos:

"Ha alegrias que nos são tanto mais caras quanto mais se dilatam e reproduzem. O praser de matricular-me no curso juridico, prazer que para alguns espiritos poderia parecer a principio uma puerilidade, se transforma num sentimento puro e santo, porque representa um passo avançado numa jornada, cujo fim glorioso se traduz num nobre trabalho para o regosijo e felicidade futuras da nossa familia. Mais satisfeito fiquei, portanto, quando recebi sua carta de 15 do corrente, em que diz ter recebido as minhas de 30 do passado e 3 deste.

Que papae tenha ficado satisfeito e contente, é acima de tudo o que eu mais almejava. Ainda mais: o matricular-me significava para mim um dever de filho e um dever de homem social. Eu havia promettido matricular-me. Acima de tudo o dever.

(4) Carta de 29 de março de 1879 — JOSÉ LEÃO — op. cit., pags. 26 e 27.

Mas, quem dera que o que agora lhe digo aqui, no papel, por entre as distancias que me separam do seio da familia, pudesse fazel-o oralmente! Que *spleen*, papae! S. Paulo agora não é uma cidade: é quase um Capivary!

A mocidade academica retirou-se toda, para o Rio, uns; para a casa de suas familias, outros. A razão é que estamos em ferias. Temos quase um mez de disponibilidade. Estudo: — eis o que faço.

Não tenho relações aqui em S. Paulo. Ou antes, tenho-as. Sou já conhecido por toda a mocidade academica, e bem conhecido, o que ainda é melhor, e São Paulo é uma terra pequena: qualquer pessoa faz barulho; fiz um discurso numa sociedade, para a qual entrei depois de muitas instancias, e tanto bastou para que fosse o meu pobre nome reconhecido entre os *veteranos* do grande circulo literario da academia. Desculpe-me essas particularidades. Mas, quando nos achamos tão distantes, que só o progresso pode-nos reunir por meio do vapor, que fazer, sinão conversar por meio da palavra escripta, já que o não pode fazer pela oral?" (Carta de 19 de abril de 1879).

Tempos depois, passou a residir numa "republica" á rua de Santo Amaro, onde viveu muito tempo.

"A' hora crepuscular vinha o empregado incumbido do serviço de accender os bicos de gaz. Silva Jardim, á falta de melhor distração, entendeu debicar esse pobre homem que, de inoffensivo que era, tornou-se um grande malcriado para com os estudantes.

Silva Jardim aguardava a chegada do homem, e, antes que elle erguesse a lanterna, ordenava-lhe com toda a emphase de quem commanda um esquadrão: Accende ahil!

A' primeira vez o pobre homem olhou para elle, olhou para o lampeão e não disse nada; accendeu. A' segunda, já redarguiu: eu accendo, mas não é por que o sr. mande...

Silva Jardim repetiu a ordem em tom de quem não admitte réplica. O empregado vociferou!

Nos outros dias, já de longe, ao avistar a troça de estudantes, vinha elle bradando os maiores insultos. Todos se mantinham calmos. Ao chegar, ordenavam em côro: Accenda! As gargalhadas mais confundiam o infeliz, de quem afinal se condoeram; mas a formula tinha sido descoberta para *cacetear* os accendedores de gaz, e a garotagem tomou conta della" ... (5)

"Foi nessa rua que escrevi meus primeiros ensaios para a imprensa paulista — recorda Silva Jardim; as *Idéas de Moço*, de collaboração com Valentim, em que se lê um conto, o *Grito na treva*, que nos pareceu o cumulo do byronianismo; a *Gente do Mosteiro*, pamphleto de represalia contra a academia, que me vaiára e que difficilmente supportava meu temperamento muito rigido e irritante, uma critica acerba contra os escriptores mediocres e que me ia valendo uns conflictos difficeis" ... (6)

(5) JOSÉ LEÃO — op. cit., pags. 32 e 33.

(6) "*Memorias e Viagens*" — pag. 77.

Em compensação, foi por essa época agitada que conheceu a sua futura esposa Anna Margarida: “uma mulher loura, entre menina e moça, estatura regular, talhe elegante, olhos grandes e castanhos, têt doce, nariz grego e correctissimo, labios côr de rosa, andar de deusa. Ideal encontrado, um dia, na rua do Piques, casa de sua avó, de passagem com Theophilo Dias, que entrara a receber uma ordem para a familia, de quem era intimo; vestida de preto, graciosa, conversação de alguns minutos a sós no salão, o bastante para accender-me o fogo sagrado”...

Não deixa de ser curiosa a observação de José Leão: as duas preocupações da mocidade de Jardim — amôr e philosophia, foram encontradas na rua do Piques, onde estava localizado o “Centro Positivista” de São Paulo...

Anna Margarida, Guida como a chamavam os intimos, era filha do conselheiro Martim Francisco de Andrada, lente de direito ecclesiastico da academia e professor de Jardim. “Por intermedio de Theophilo Dias approximou-se Silva Jardim da familia Andrada” — informa José Leão. E foi assim que medrou esse romance, que iria ser a sua preocupação mais absorvente.

Era recebido com sympathia no solar de Martim Francisco, que o apresentou ao dr. Herculano Marcos Inglez de Souza, e essa apresentação lhe valeu um lugar de redactor na “Tribuna Liberal”, e mais tarde

na Escola Normal, que este fôra encarregado de reformar.

Theophilo Dias, entretanto, deu de olhar com despeito a superioridade de Jardim na casa do conselheiro, onde tambem requestava a sua filha mais velha, com a qual se casou contra a vontade de Martim Francisco. E entrou a espalhar infamias a seu respeito, culminando num ataque fisico, levado a effeito traiçoeiramente, á noitinha, na rua da Palha. Jardim quiz processal-o, com a approvação de Martim Francisco, e só esperava a pronuncia para desistir do processo, quando resolveu nobremente fazer desaparecerem os autos.

Em carta para o seu pae, conta uma entrevista com o dr. Bueno de Andrada, cunhado de Theophilo:

“Sentirei muito, disse ao dr. Bueno de Andrada, si o conselheiro e sua familia magoarem-se com este modo de proceder meu, porém a minha dignidade manda-me que processe Theophilo Dias. Ao que respondeu aquelle illustre engenheiro: Nós não podemos dizer-te que *sim* nem que *não*; que *sim*, porque elle infelizmente, é verdade, acha-se ligado á nossa familia; que *não*, porque foste infamemente offendido e precisas de ‘uma reparação’ (7).

Já nesse tempo era nome conhecido e discutido em São Paulo, motivo por que teve grande repercussão este incidente. Os inimigos, creados pela publicação de “Gente do Mosteiro”, aproveitaram a occasião e en-

(7) JOSÉ LEÃO — op. cit., pag. 52.

traram de rijo a crucial-o pela imprensa academica, folhetins anonymos e até pelos muros da cidade.

Theophilo Dias pensou um momento que tinha conseguido o que desejava: afastar Silva Jardim das relações do conselheiro. Mas, enganou-se, porque este continuava a prestigial-o com a sua amizade e o seu affecto.

Subiu tanto a onda de lama que o asphyxiava, que Silva Jardim pensou em concluir o curso de direito em Pernambuco.

Os amigos o dissuadiram dessa idéa. E esses amigos eram moços já de grande notoriedade, como Assis Brasil, Julio de Castilhos, Homero Baptista, Pereira da Costa, Antonio Mercado, Victorino Monteiro e Alcides Lima, gaúchos, residentes numa "republica" á rua da Palha, n.º 7; os fluminenses Magalhães Castro e Valentim Magalhães; e os mineiros, "sizudos e operosos", com Affonso Celso á frente.

Por essa occasião, em novembro de 81, entrava para o Centro Positivista, onde se iam firmar as suas idéas republicanas, apesar de conviver com Inglez de Souza e Martim Francisco, monarquistas liberaes exaltados.

A privança com o filho deste ultimo, Martim Francisco Bueno de Andrada, aguçou-lhe as qualidades de analyse e combatividade, que lhe eram inatas.

Esse Martim Francisco, o agudo e ironico analysta de "Contribuindo", foi, no julgamento de Silva Jardim, "um advogado de merito. Havia naquelle rapaz

extremamente alto, extremamente magro, cabeça pequena já um pouco grisalha, physionomia angulosa e energica, nariz recto, olhar grande e doce, bigode semi-farto, vergado sobre si mesmo no andar — um homem de bôa raça.

Nervoso de movimentos, aspecto aparentemente melancolico, de uma gravidade sarcastica, prompto na replica, mas meigo como uma creança ou uma moça, sua presença impunha-se desde logo para o mais ligeiro observador como a de um espirito de escolha, inspirando uma grande sympathia, embora em seguida os temperamentos tranquillos extranhassem aquella viveza de modos, aquella habito de contestar e corrigir, aquella tendencia pouco grave de zombar com satyra fria e aguda de tudo e de todos”.

A um importuno que lhe não deixava tempo de ler e trabalhar, interrogou certa vez:

— Faça-me o favor de dizer-me uma cousa. O sr. julga que eu seja algum feixe de capim para não me deixar um instante?...

Velho temperamento de revolucionario cerebral, fundou, com seu irmão Bueno de Andrada e Theophilo Dias, o “Provinciano”, no qual crucificavam os politicos do imperio, principalmente os do Norte.

Encetara, por esse tempo, no “Diario Popular”, uma violenta campanha de separação de São Paulo e, a proposito da tardia cobrança de imposto de um escriptorio de advocacia que o pae abrija quando moço, escreveu

a esfusiante satyra intitulada "Cara Careta", que teve grande repercussão na Paulicéa (8).

Depois da sua nomeação definitiva para a Escola Normal, e já cursando o ultimo anno de direito, Silva Jardim pensou em realizar o sonho sentimental da rua do Piques. E escrevia ao pae, em 12 de outubro de 82 (9):

"Minha vida parece que não vae mal. O conselheiro respondeu da Côrte que a minha pretensão dependia da mulher e da filha, mais desta, que da outra; ora, a primeira declara não oppor-se a cousa alguma (sem, comtudo, tomar a iniciativa a respeito) e disse fazer o melhor juizo das minhas qualidades pessoases.

O conselheiro mandou-me pedir o seu nome, naturalmente para tomar informações acerca de minha familia, como é de estylo. Aguardo uma solução definitiva".

A 1 de dezembro estava vencida a grande batalha da sua formação intellectual. E o primeiro abraço que recebeu foi o do seu velho pae, a quem foi visitar em Capivary:

— Vocemecê queria um bacharel, pois aqui o tem, papae!

Em março de 83 recebia resposta favoravel ao pedido de casamento. E era ao pae que sempre transmittia as suas grandes alegrias: "Minha noiva é um typo de bondade, doçura, prudencia, bom-senso e bel-

(8) "*Memorias e Viagens*" — pags. 27 e seguintes.

(9) JOSÉ LEÃO — op. cit. — pag. 77.

leza, aliadas a uma instrução pouco vulgar e a uma educação corretissima. Agora que, felizmente, conheço-a ainda mais, pergunto muitas vezes a mim mesmo como pude merecer tanto. Nanhã me estima muito. Estima-me desde o meu primeiro anno; estou certo, mas profundamente certo de que vamos ser felizes. Si lhe faço estas confidencias, é para dar-lhe mais uma prova de amizade e para garantir-lhe a minha felicidade actual”.

E depois de consumada a sua completa ventura:

“E’ com o maior prazer que eu e minha esposa participamos-lhe o nosso casamento, realizado a 1 de maio.

Sabedor de como vocemecê havia de alegrar-se com esta noticia, assim como minha querida mãe, quiz dar-lh’a logo no mesmo dia; mas a falta de telegrapho para ahi impediu-me de realizar meu projecto. Nanhã muito se lhe recommenda, assim como á minha mãe; muito deseja conhecê-los e espera-o aqui em junho. Em nossa casa, á rua 25 de Março, 105, sobrado, será vocemecê recebido com modestia, mas com o mais sincero affecto filial.

Escuso-me dizer-lhe quanto meu casamento vem fazer minha felicidade. Sabe que ha annos amo minha noiva, hoje minha esposa, e que um estudo aprofundado das eminentes qualidades que ella possui: intelligencia, coração e character, um estudo assim, repito, determinou-me a dar o passo mais decisivo e mais grave da minha vida.

Associo, pois, Vm. — nem poderia deixar de fazel-o — á minha ventura, sem esquecer aquell'a que tanto desejava a minha união, por isso que me estima muito — minha mãe.

Eu e Nanhã pedimos-lhe sua benção, assim como de minha mãe e assignamos — filhos e amigos, *Anna Margarida de Andrada Jardim — Antonico*" (10).

Foi um anno de grandes venturas para Silva Jardim, esse de 1883: a formatura, o casamento e o primeiro lugar num concurso de portuguez na Escola Normal, para o qual se havia inscripto Julio Ribeiro, que já era grammatico de nomeada.

E, fiel á theoria de que "os filhos são a riqueza do pobre", iniciou a vida domestica com alegria e enthusiasmo, com o nome de educador já firmado até fóra de São Paulo, pois, antes do casamento, fizera uma serie de conferencias pedagogicas no Espirito Santo, a convite do presidente da provincia, dr. Inglez de Souza.

Fallecido seu sogro, a quem dedicava profunda veneração e amizade, seu cunhado Martim Francisco o convidou para socio no escriptorio de Santos.

E abandona a Escola Normal e outros estabelecimentos, como o de João Kopke, onde leccionava, transferindo-se para aquella cidade, onde ia surgir o abolicionista e o republicano militante, que tanto ruido iria provocar na Historia.

(10) Carta de 4 de maio de 1883 — in José Leão — op. cit. — pag. 71.

INCENDIO EM MARCHA



ESTAVA Silva Jardim em Santos, curando do seu escriptorio de advogado com Martim Francisco, quando reboou pelo paiz a indicação da Camara Municipal de São Borja, na qual se pedia “fosse consultado o paiz sobre a oportunidade de se pronunciar desde logo relativamente á destituição da monarchia pela morte de Pedro II, visto a herdeira do throno ser uma princesa fanatica, casada com um principe estrangeiro”.

O brado de São Borja repercutiu na Camara dos Deputados do Rio Grande e de São Paulo, onde a voz de Antonio Prado defendeu, com a letra da Constituição, a attitude da edilidade gaúcha e protestou contra a destituição do mandato de seus membros, feita pelo governo imperial.

Foi a faisca que iria lançar o incendio na alma de Silva Jardim, que levou a effeito o *meeting* de 28 de janeiro de 1888 a convite do radical republicano Francisco Lobo, no qual analysou a situação do paiz com o calor dos seus grandes enthusiasmos, não deixando de denunciar os propositos do terceiro reinado, que “eram guerreiros com relação á Argentina” (11). Essa confe-

(11) “*Memorias e Viagens*” — pag. 62.

rencia entrou para a historia com o nome de "Patria em perigo".

Foi depois desse *meeting*, realizado no Theatro Guarany, em cujo tecto havia uma allegoria pintada por "um artista sem grande preparo, mas de um talento genial, Benedicto Calixto, quando justamente não tinha estudo algum", que correu o paiz a noticia de que o Imperador estava moribundo em Cannes e precisava tornar sympathica a successão, que se affigurava immediata, na pessoa de Izabel. E, para isso, pensavam na libertação do elemento servil.

O ministerio João Alfredo, comprehendendo claramente a situação, complicada ainda pela questão militar e fermentada pela mocidade das escolas, mórmente a Escola Militar, levou á Princeza a noticia de um projecto do senador Antonio Prado, redigido em cinco artigos de abolição relativa, pois o liberto ficaria adstricto ao solo.

A Princeza, entretanto, não ouvindo a prudencia desse projecto, optou pela abolição immediata, sem mais reparos, o que fez Francisco Glycerio escrever a Silva Jardim: "Vae-se fazer a abolição, mas o throno queimar-se-á na fogueira do Rio e de Minas" (12).

E' quando os republicanos de Limeira, contagiados pelo enthusiasmo accendido por Silva Jardim em Santos, o convidam para realizar uma conferencia naquela cidade.

(12) "*Memorias e Viagens*" — pag. 84.

Os republicanos de São Paulo, chefiados pela gravidade patriarchal de Rangel Pestana, e talvez por influencia do grupo suspeito de Campos Salles, não approvaram a idéa da sua ida á Limeira, o que Silva Jardim contrariou.

Foi, e o successo da conferencia o obrigou a ir a Campinas, onde, no Theatro S. Carlos, o ouviram duas mil pessoas, inclusive o chefe de policia, compadre do conde d'Eu.

De regresso a Santos, estoura no Rio o caso Leite Lobo, motivado pela prisão e espancamento de um capitão-tenente reformado da Marinha, renascendo a "questão militar".

Estando fundeado no porto de Santos o couraçado "Bahia", Silva Jardim consegue promover novo *meeting* de protesto, na noite de 5 de março, com a presença dos officiaes do couraçado.

"A causa era justa e, attento a todos esses movimentos, a idéa veio-me, logo posta em pratica, de fazer com que o povo de Santos, reunido em *meeting*, resolvesse adherir solennemente á attitude heroica do exercito e da armada na nova questão militar, e convidal-os a empenhar o seu valor ao lado de patriotas populares, numa reorganisação da nação brasileira" (13).

E a segunda conferencia de Santos realizou-se com um successo que transbordou para os jornaes do Rio, São Paulo, Rio Grande e outras provincias.

(13) "Memorias e Viagens" — pag. 66.

Tendo recebido convite dos republicanos de Rio Claro para realizar alli um *meeting*, acceitou-o immediatamente, e a proposito José Leão nos conta o seguinte episodio.

“... Havia posto seu negocio em ordem, regulando as contas com o seu cunhado e socio na advocacia. Este encarregara-se de certo negocio, em que recebeu, por conta de maior quantia, 1:000\$000.

Embora as condições do ajuste fossem outras, tomou de 500\$000 e deu-os a Silva Jardim, levando á conta do seu concurso.

Esse, que já estava superexcitado, ao receber aquelle cobre, só se lembrava da Patria.

— Com este dinheiro vou derrubar a monarchia! — exclamou” (14).

No dia 6 já estava em São Carlos do Pinhal; em Campinas a 7; a 8, São Paulo (para conferenciar com os amigos e descansar); 9, Jacarehy, entrando no norte; 10, Pindamophangaba; 11, Taubaté; 12, Guaratinguetá; 13, Lorena; 14, Resende (penetrando na provincia do Rio justamente no dia do anniversario da tomada da Bastilha); 15, Barra Mansa; 16, Pirahy; 17, Vassouras; 18, Valença; 19, Parahyba do Sul; 21, Petropolis; 22, Rio de Janeiro, onde descansou alguns dias. Depois, Friburgo, Cantagallo, S. Fidelis, Campos, Macahé, Barra de São João, Capivary, sua terra natal, Rio Bonito, Itaborahy e Nicteroy.

(14) Op. cit. — pag. 166.

Vinte e sete cidades visitadas em menos de um mez, em pleno anno de 1888, quando o throno ainda estava em lua de mel com a opinião publica devido á abolição...

Em cada cidade que visitava, deixava o grão da revolta levedando o ambiente já saturado.

Foi uma excursão triumphal. O velho São Paulo de Feijó e do manifesto de 70 recebeu o agitador com o entusiasmo proverbial que empresta a todos os seus idealismos. E a sua provincia natal, si o acolheu hostilmente em Parahyba do Sul e Vassouras, onde os monarchistas açularam os libertos a ponto destes alvejal-o com arma de fogo, fez côro com São Paulo no ardor com que escutava a eloquencia apocalyptica do homem de quem Patrocínio, seu adversario depois da Abolição, chorou a morte nesta phrase de genio:

“Bella sepultura o vulcão! Extraordinario o destino do grande brasileiro! Até para morrer se converteu em lava!”



A PROPAGANDA REPUBLICANA EM MINAS



A PEREGRINAÇÃO civica de Silva Jardim, numa epoca em que era bravura discordar das instituições monarchicas, quando até as convicções religiosas eram pautadas por lei, foi resultado de uma profunda dedicação á idéa republicana. Não contando com um real para custear a propaganda, esta foi feita quasi que exclusivamente com as suas economias pessoaes.

E foi sob o imperio de grandes penurias financeiras que iniciou a peregrinação, advertindo mais tarde, entretanto, aos que porventura se vejam nas mesmas condições:

“O’ vós que tendes sentido o fogo devorador do desejo de salvar vossa Patria, e que tendes sentido as difficuldades praticas de uma campanha, sabej que é bem certo que o homem dá com mais facilidade a sua vida que a sua bolsa por uma idéa. Porque a vida é sempre dada no momento de excitação sublime; e a bolsa difficilmente emprestada na occasião de uma meditação mesquinha”...

O Partido Republicano de São Paulo tinha uma caixa, formada pela contribuição dos correligionarios paulistas, cujos fundos, na sua maior parte, eram empregados na alforria de escravos, mórmente os quilombolas de Jabaquara.

O Rio de Janeiro também empregava os seus recursos em custear uma pagina diaria de propaganda no "O Paiz", não podendo, portanto, arcar com as despesas da propaganda oral, pela qual Silva Jardim sempre se batera, e que surtiu os mais surprehendentes resultados (15).

Assim, as suas viagens ao interior de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas, num total de quarenta cidades percorridas, foram feitas á sua custa, viagens, ás vezes, accrescidas de outras despesas, como aluguel de salas onde realizava conferencias, porque todas as portas se lhe fechavam por prevenção ou receio (16).

Mas, a alma de Silva Jardim ardia num sonho muito alto para se entibiar diante de difficuldades financeiras. E depois de lançar a semente nos corações paulistas e fluminenses, veio até Minas, que o recebeu com alternativas de desagrado e de triumpho.

Antes de visitar uma cidade, dirigia aos republicanos locais a circular que transcrevemos:

"Cidadãos membros do Club Republicano.

Animado pelo desejo de desenvolver a propaganda republicana nessa provincia, e de accordo com os nos-

(15) VIRGILIO CARDOSO DE OLIVEIRA, no seu opusculo "*Affonso Celso contra Affonso Celso*", depõe: "Silva Jardim, abnegado, soberbo, grandioso, em constantes excursões, deixava sempre por onde passava o germen revolucionario". — Pag. 29.

(16) A estas despesas se sommam a impressão e divulgação das suas conferencias e discursos, que sobem a mais de vinte folhetos differentes.

sos dignos correligionarios do partido republicano paulista, pretendo chegar a essa localidade no dia . . . , onde teria grande prazer em poder realizar uma conferencia como as que têm tido logar, como sabeis, em outras localidades.

Convicto do vosso patriotismo, espero que prepareis ahi tudo para um tal fim, dispondo o espirito da população com o respectivo annuncio, preparando o local, etc. . . .

Não preciso dizer-vos que assim tereis servido á nossa causa commum, á sagrada causa da Republica. Saúde e Fraternidade”.

Começou por Juiz de Fóra, onde Constantino Palleta, João Ribeiro, Fonseca Hermes, Luiz Detsi e João Penido o receberam com alvoroço e arranjaram o local para a conferencia.

Esta foi um pouco tormentosa. Liberaes e conservadores aproveitaram a occasião para se engalfinharem, a que Silva Jardim assistiu meio ironico, declarando, por fim, entre o riso dos presentes:

— Espero que a monarchia acabe de brigar para proseguir a minha conferencia . . .

Serenado o tumulto, continuou com ardor o discurso, sob apartes do delegado de policia, que não se conformava com a opinião de que o conde d’Eu não fosse um bravo e nem o combate de Pirebebuhy teria tido a significação que lhe queriam dar. Onde estava sua alteza durante a batalha? — pergunta Silva Jardim ao delegado.

— Como general, estava na retaguarda do acampamento — responde este.

— Olhe, cidadão, ponha-me na retaguarda de um acampamento e colloque-se o senhor na frente a fazer bravuras, que eu lhe mostro como me porto valentemente no combate. E lembre-se que Osorio foi ferido em campanha, combatendo na frente...

E a conferencia proseguiu sem mais incidentes de vulto, terminando por entre a ovação popular.

De Juiz de Fóra, Silva Jardim foi a Guarany, Cataguazes, Ponte Nova e Ubá, onde o recebeu o dr. Camillo de Moura Estevam, medico de nomeada, que o acompanhou durante todo o resto da excursão pela Matta.

Convem notar aqui, com Silva Jardim, que em Minas a causa republicana teve nos medicos os mais decididos combatentes, ao contrario dos bachareis, que aguardavam prudentemente os acontecimentos.

De Ubá dirigiu-se a Rio Branco, acompanhado pelo pharmaceutico Verissimo Lage, a quem Jardim, em palestra, apresentou um projecto de bandeira para a Republica.

— E' um esboço ainda — dizia. A bandeira que Julio Ribeiro idealizou e que o Club de São Paulo e o Club Tiradentes adoptaram, é simples mas muito monotonna; uma successão de listas que fatiga o olhar. A idéa das vinte e uma estrellas para significar as vinte e uma provincias não parece bôa porque naturalmente, com o tempo, nós modificaremos a divisão politica e

será preciso estar modificando a bandeira, que de sua natureza deve ser uma cousa fixa.

Melhor idéa vi em Campos, em casa de Pedro Tavares. Sobre o escudo actual, levemente alterado, elle puzera o barrete phrygio. No meu projecto, que obedece á evolução historica da Humanidade e do Brasil, o pau da bandeira termina por um condor — é a tradição romana modificada na America.

O panno da bandeira contém no fundo, em tinta pouco viva, as côres correspondentes ás tres raças que compõem ethnographicamente a nossa nacionalidade. Sobre esse fundo, o escudo brasileiro tal como na bandeira actual; significa o espirito de defesa, e é rodeado da canna e do café, nossas culturas do norte e do sul; tem no centro o globo e, atravessando-o, uma ancora, que representa a força maritima e ao mesmo tempo o commercio, como o escudo significa especialmente a força publica de terra.

Pode-se ainda collocar de um lado do escudo o cavallo e do outro o boi, representando a industria pastoril do sul e norte.

Todos estes symbolos são das forças conservadoras e estaticas da Nação. Sobre o escudo, e para significar a força progressiva, de movimento popular, o barrete phrygio, caracteristico proletario" (17).

Como se sabe, nem o projecto de Julio Ribeiro e nem o esboço de Silva Jardim foram aproveitados.

(17) "*Memorias e viagens*" — pags. 280-281.

O symbolo das vinte e uma estrellas, apesar da advertencia do Propagandista, foi mantido, a despeito da idéa de se modificar a divisão politico-administrativa do Brasil...

De Rio Branco, Silva Jardim se dirigiu a Mar de Hespanha, onde foi enthusiasmicamente recebido pelos drs. Gonçalves Ramos, Costa Reis, Caldas, Estevam Pinto, Agostinho Côrtes e Necesio Tavares.

Monteiro Manso era o chefe republicano de Mar de Hespanha, eleito pelo nono districto de Minas, e vinha de agitar o paiz com a recusa de proferir o juramento catholico regimental para tomar assento na Camara.

Conta-nos Silva Jardim que Joaquim Nabuco (18), depois de pronunciar uma conferencia contra a attitude de Monteiro Manso, propôz:

— Ao menos que elle jure defender a religião do Estado. Elle não é monarchista, mas é catholico. Assim poderá entrar na Camara.

— E' inutil consultal-o — respondeu Jardim. Elle faz questão da propria formula do juramento. Como sabe, nós queremos a separação da Igreja e do Estado; o deputado não é obrigado a mais que dar a sua palavra de honra de bem servir o paiz.

(18) “Este sr. Joaquim Nabuco será sempre em politica o que foi em literatura e no abolicionismo — um bonito exemplar das civilizações anglo-americanas e que todos reconhecem por — “Quincas, o Bello” — José LEÃO — op. cit., pag. 274.”

— Então, não será admittido a tomar assento — fez Nabuco.

— Tanto melhor para nós — replica vivamente Jardim. Partirei para o nono districto de Minas, a mostrar aos eleitores como se respeita o seu direito de escolha. E olhe que, no estado actual das coisas, talvez isso ateie um incendio...

Monteiro Manso, durante muitos dias, aguardou o resultado com uma frieza que aterrava a Assembléa. Afinal, deram-lhe assento, sem que elle jurasse coisa nenhuma...

Monteiro manso “encarava a sua idéa como uma religião de civismo”. Costumava fazer uma longa viagem para votar em branco. Todos se admiravam.

— Venho exercer o meu direito, como todo cidadão deve fazer. Mas, como não tenho candidato, voto em branco. Ora ahi está! (19).

Foram notaveis os resultados da conferencia em Mar de Hespanha, o que irritou os monarchistas da zona, redobrando estes em violencia contra Silva Jardim.

Culminou em Angustura. Nessa localidade, os monarchistas convenceram os libertos de que os republicanos queriam escravisal-os novamente, depois de matarem a Princeza. Silva Jardim foi atirado por um negro, que errou o alvo ao ouvir esta sua intimação: Atire! Mate! Para mim, a morte é um accidente da vida!

(19) “*Memorias e Viagens*” — pag. 201.

Em S. José do Além Parahyba a scena se repete com mais furia, sendo feridos varios republicanos pelos pretos amotinados.

Mas, além dos monarchistas e dos pretos, Silva Jardim iria encontrar pela frente a colera dos italianos e dos padres.

Em São João d'El-Rey, onde Aristides Maia e Eloy Reis chefiavam o partido republicano, o povo, açulado pelos padres, ateou fogo á casa em que se encontrava Silva Jardim com seus amigos, depois de intimal-o, sem resultado, a deixar a cidade.

Não satisfeitos com isso, aproveitaram o momento em que o club republicano lhe offerencia um banquete e apedrejaram covardemente a casa.

E' Silva Jardim quem conta:

“Estavamos no banquete, quando a casa começou a ser apedrejada. Um dos nossos chega á janella, vê um padre a ajuntar pedras na batina e entregal-as a alguns homens. Tinham convencido a alguns italianos que deviam voltar-se contra nós, porque a Imperatriz era sua patriciã”.

As senhoras, na confusão que se estabeleceu, portaram-se bravamente, fornecendo armas aos homens sorprendidos.

— Sublime! — exclama Silva Jardim. Foi em Minas e Pernambuco que encontrei as mulheres brasileiras mais corajosas.

Passado o conflicto, Eloy Reis se desculpa, declarando que a população sensata de São João d'El Rey

não é responsavel por estes actos de selvageria. E continua:

— Desgraçadamente, ha aqui sempre gente capaz dessas cousas. E' uma excepção cm Minas. Olhe: nesta cidade dansaram e comeram sobre a eça que serviu para as exequias do Padre Feijó, do Regente . . . E quando José Feliciano declarou a revolta de 42, esta cidade não lhe obedeceu; quando elle avançou sobre ella, recebeu-o a toque de sino e com foguetes, em festa. Pois se aqui é grande coisa saber tocar sinos! . . . (20)

Prados recebeu condignamente o Propagandista, e o povo, chefiado pelo coronel João Luiz de Campos, applaudiu-o delirantemente.

Em S. José d'El-Rey, respondendo a um discurso do dr. Teixeira, Silva Jardim propoz que "a cidade se chamasse de Tiradentes, que não de nenhum rei", em homenagem ao martyr da Independencia, nascido alli.

A idéa pegou. E a cidade de Tiradentes, que possui uma praça João Pessoa, nome sem nenhuma significação para o lugar, não tem ao menos um becco que lembre o nome de quem a chrismou . . .

Rumando para Ouro Preto, e de passagem por Queluz, Jardim se deteve na fazenda em que Tiradentes conspirava contra Portugal.

Dalli retirou varias reliquias e deixou gravadas na parede, como Lopes Trovão tambem já havia feito, as seguintes palavras:

(20) "*Memorias e Viagens*" — pag. 312.

“Por aqui passaste, Tiradentes. Além morreste, mas por toda a parte deixaste o sentimento da liberdade. Viajante, aqui para; vive ou morre além; mas por toda a parte sê livre, isto é, sê homem e sê cidadão. — 27 de abril de 1889. (aa) Nascimento, Baeta, Antunes de Siqueira, Antonio J. da Silva, João Lopes Brandão e Silva Jardim, “por si e pelo nosso pagem, Antonio Geraldo. Eu quiz que o homem do povo commungasse do nosso sentimento”.

Em Ouro Preto as conferencias correram sem incidentes de monta.

Apenas durante uma dellas, quando numa noite de trovoadas, Silva Jardim expunha a doutrina republicana debaixo de apartes mais ou menos violentos partidos de grupos subornados pelos monarchistas, uma pedra cahiu sobre o orador no momento em que estalava um trovão, como só estalam os trovões de Ouro Preto: — tonitroante, concavo, cobrindo o mundo soberanamente pela acustica das montanhas circumdantes, e Silva Jardim, rapido como a phosphorescencia do relampago:

— Vejam, senhores, como Tiradentes responde a injuria da pedrada, abafando com o trovão o gesto da tyrannia!

Foi uma victoria. Estava feita a propaganda na Capital da Provincia, que o ovacionou calorosamente.

João Pinheiro, Antonio Olyntho, Augusto de Lima, Bernardo Monteiro e outros mais, fizeram as honras da cidade republicana, emquanto Silva Jardim percorria

os monumentos históricos e observava que os habitantes de Antonio Dias se chamavam “jacubas” e os de Ouro Preto se appellidavam “mocotós”...

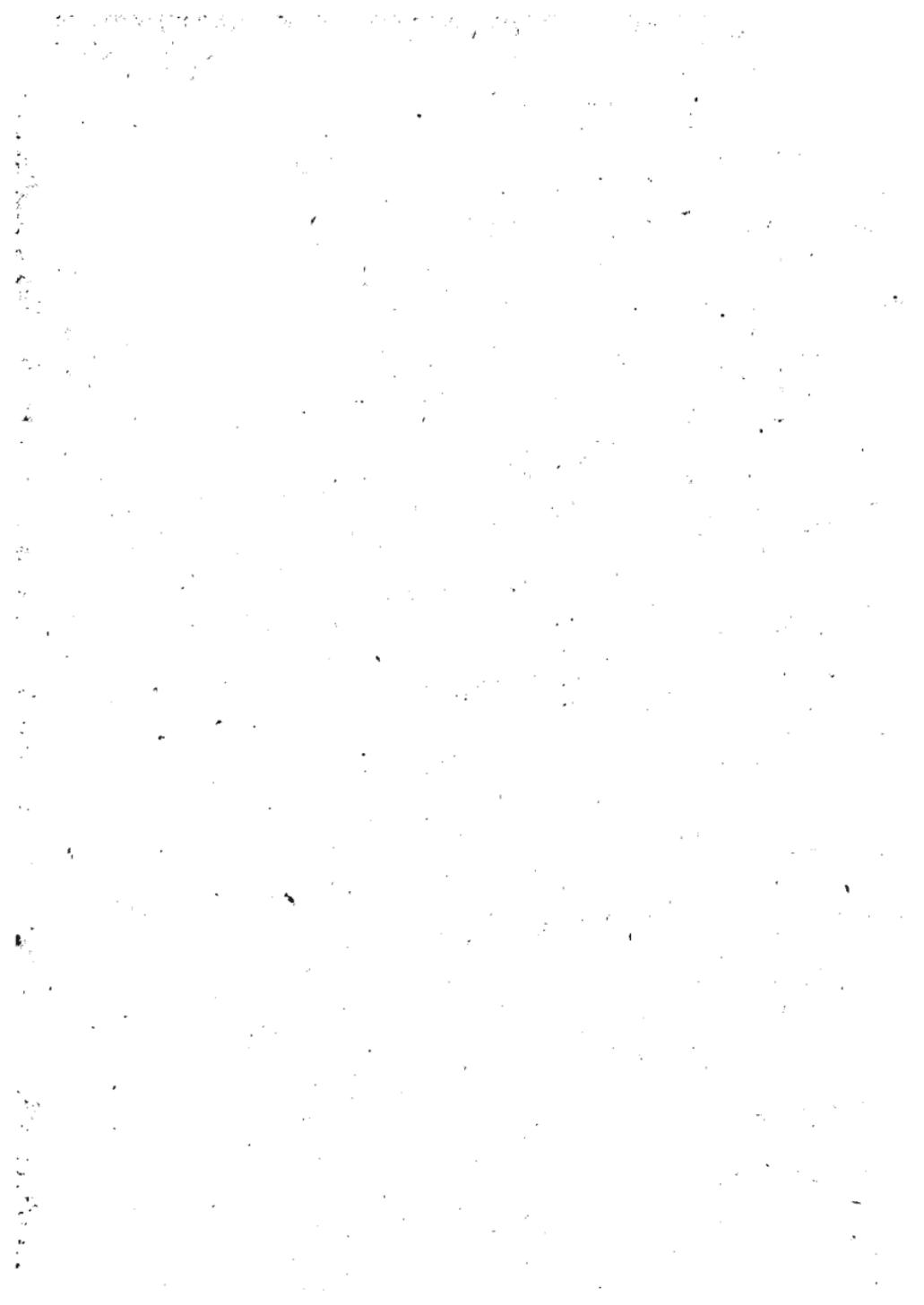
Depois se dirige a Barbacena, onde é acolhido pelos drs. Antonio Carlos, velho advogado liberal e irmão do conselheiro Martim Francisco, Costa Reis, Caldas, Gonçalves Ramos e Henrique Vaz, falando durante o *meeting*, que então se realizou, o dr. Martim Francisco, filho de Antonio Carlos.

E assim ficou terminada a excursão de propaganda em Minas, onde a palavra ardente de Silva Jardim deixou a faísca “na lenha que iria consumir o throno”, na imagem de Francisco Glycerio. E estava justificada a *blague* com a qual informou a um amigo como ia passando com a peregrinação; ia passando como a filha de Maria Angú, que

Andou por Sorocaba,
por Guaratinguetá,
por Pindamonhangaba,
por Jacarépaguá...



**A PROPAGANDA REPUBLICANA NA CAPITAL
DO PAIZ**



— E agora? — perguntava-me Alberto Torres, no trem, depois de narrar-lhe resumidamente as impressões da viagem a Minas — escreve Silva Jardim.

— Estou resolvido a dar combate ao Rio de Janeiro — responde este. Pretendo voltar a Santos, trazer a família e assestar bateria deante de São Christovam...

E' que o successo da propaganda oral em S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro convenceu a todos de que Silva Jardim devia mudar-se para a Côrte, onde poderia prestar melhores serviços.

Ubaldino do Amaral, já muito doente, não podia auxiliar Quintino na direcção do partido, e a presença do propagandista, o seu enthusiasmo contagiante e a sua capacidade de acção seriam, no Rio, um elemento inestimavel para alimentar a campanha contra o throno.

Rangel Pestana não dizia sem razão, em 1888:

— Com dez Silva Jardim, a Republica se faria amanhã!" (21)

Logo de início, Jardim conseguiu de Ferreira de Araujo uma pagina republicana na "Gazeta de Noticias", a que emprestava toda a sua alma combativa e

ardente, onde publicou a famosa "Carta Politica", de 6 de janeiro, analysando os successos de 30 de dezembro, em que os republicanos foram massacrados pelos monarchistas.

O seu escriptorio e do socio Raymundo de Sá Valle, na rua do Rosario, esquina do becco das Cancellas, era o quartel-general do partido, e foi ahi que nasceu a idéa de se levar a effeito um grande *meeting* republicano, no dia da chegada do Imperador, que regressava convallescente da Europa.

Havia seis annos, depois que Lopes Trovão se retirára para o estrangeiro, que estava fechada a tribuna das conferencias directamente republicanas, e o momento era opportuno para reabril-a.

Foi no salão da Sociedade Franceza de Gymnastica, á travessa da Barreira, em 12 de agosto de 1888, que Jardim pronunciou, no Rio de Janeiro, a sua primeira conferencia.

A moeidade das Escolas de Medicina, Polytechnica e Militar, bem como senhoras e povo numeroso, abriu alas á sua passagem e cobriu-o de applausos.

"A analyse dos erros monarchicos foi sempre sublinhada do maior apoio, e quando mostrei a incoherencia e a maldade do abolicionismo, que se voltava para o throno, degenerando em escravocracia e escravidão, e abrindo-nos guerra, as senhoras ergueram-se, o povo todo ergueu-se, e uma ovação geral combateu os que atacavam a nossa propaganda" (22).

“A Nação — disse elle nessa conferencia — de todos os lados, brada contra um systema politico de descalabro administrativo, de corrupção covarde, de tyrannia disfarçada; hoje, que percebemos de todos os pontos sazoadada a aspiração republicana; hoje, que a Patria é ameaçada de perder o regimen de liberdade de pensamento e de trabalho; que nos seus horizontes vêm-se claros, de um lado a frente demente e curva de um ancião infeliz, o sorriso incolor de mulher creança, que brinca com um throno, e de outro, corpo perante corpo, frente perante frente, olhar perante olhar, a espada ameaçadora e ridicula de atrevido guerreiro, de homem sem patria, que a nossa pretende roubar, e o indomavel braço da Nação que brada-lhe: suspendei! que intimae-lhe: retireae-vos! ou que terrivel o ameaça e o provoca: avança! — nós retomamos o nosso posto na vanguarda da Nação, e appellamos para todos que a Patria em perigo habitam, para a união fortissima em unica salvação da Patria commum — a proclamação da Republica!” (23)

E o bravo orador prosegue, com a vehemencia que lhe era condição psychologica inelutavel, face a face do throno, que já sentia o effeito dessas rajadas estu-pendas:

“Nós somos um povo sem liberdade; esta liberdade que eu tomo aqui, neste momento, esta liberdade pela qual eu vos fallo, pela qual vós me ouvis, pela qual estamos aqui reunidos, não a concedem as leis da

monarchia; essa, que é um direito sagrado, é um crime perante essas leis. Nós é que temos constituido esse direito, já agora costumeiro; e delle nos achamos tão fortes, que desafiamos a monarchia na pessoa das suas autoridades quaesquer a que delle nos esbulhe! Porque hoje, note-se bem: não é a monarchia quem tolera a liberdade: é a liberdade, é o povo, quem tolera a monarchia, não rompendo na praça os seus codigos inuteis, ridiculos, oppressores!" (24)

Esse desassombro, esse impressionante heroismo de attitudes, essa poderosa faculdade de dobrar e vencer pela audacia os naturaes sentimentos de respeito humano, eram em Silva Jardim a sua arma impetuosa e viril, o segredo das suas grandes victorias, na tribuna da propaganda.

Essa noite ficou memoravel nos annaes da preparação da Republica. O Imperador saltava no Rio de Janeiro na convicção de que o 13 de Maio havia garantido a successão e preparado a sua estabilidade, e encontra o vulcão republicano mais acceso do que nunca...

Dahi a dias, Silva Jardim partia para S. Paulo, não só em busca da familia, como para receber uma grande manifestação que os elementos officiaes do partido lhe prepararam.

Na viagem, encontrou-se com o velho amigo dos tempos academicos, Valentim Magalhães, que o saudou com estas palavras:

— Estás fazendo uma coisa espantosa. Neste paiz é quasi impossivel realizar grandes coisas sem cahir no ridiculo. Acredito que a tua maior victoria é teres sido tomado a serio nessa campanha ambulante.

A chegada a S. Paulo foi apothetica.

“Nunca tinha visto tanta gente á passagem de um republicano, na cidade séde do monarchismo paulista. O facto, então caracteristico, denotava como a maré crescia. A colonia italiana postava-se ao lado dos bondes embandeirados e erguia vivas á Republica. O povo cercava, em massa, o edificio do nosso club, para onde me haviam conduzido, ao lado de Campos Salles e Rangel Pestana, e onde aquelle fizera um bello discurso”.

Falou no dia seguinte, no velho theatro São José, “naquelle S. José para mim celebre, mas agora no meio do enthusiasmo do povo e da mocidade da Academia”. Um estudante gritou, na rua, freneticamente correspondido:

— Viva a Republica! A Republica ou a morte!

Mas, Santos exigia tambem a sua presença, e o levou processionalmente, sendo recebido por uma multidão entusiasta.

Foi quando um correligionario lhe disse, sorrindo:

— Você está ganhando muita força. E' preciso dar-lhe para baixo. Você póde tornar-se perigoso...

“E eu entrevi, num momento, os obstaculos á minha carreira politica, oriundos de uma desconfiança natural, mas, muitas vezes injusta. O Imperio nos havia abatido tanto, que não se acreditava quasi mais no

exaltamento do patriotismo sem um fim egoísta. Mas estava resolvido a sacrificar-me á minha idéa" (25).

Em setembro de 88 passou-se para o Rio com a família.

Dentre os chefes cariocas, só o recebia com franqueza e carinho o velho Saldanha, "sempre envolto no seu *cache-nez*", de quem Jardim nos faz este esplendido retrato:

"Guardára das lutas da opposição e da entrada no governo os habitos de uma grande finura, de grande tacto no dizer as coisas, tomando sempre a attitude media, sem contradizer radicalmente pessoa nenhuma.

Quando alguém vituperava energicamente o acto de algum partidario ou adversario:

— Não te pareça, não te pareça, menino — dizia.

Mas, se em seguida outrem defendia o accusado, conciliava:

— Não te pareça, não te pareça.

De sorte que só na intimidade se poderia colher a sua opinião. E nesta, quando se sentia contrariado, tinha uma phrase interjectiva, elliptica, energica, que nada dizia e tudo significava:

— Que os pariram! Que os pariram! Não estou para os aturar" ... (26)

Os outros, talvez pelos motivos da despretenciosa observação do correligionario de Santos, o que, aliás,

(25) Op. cit. — pags. 169-70.

(26) Idem — pags. 178-79.

Jardim teve sempre a elegancia de nunca referir, não o recebiam com a effusão de Saldanha, que ia ao ponto de beijal-o na testa.

E delles o propagandista sempre tratou com sympathica meiguice. Quintino Bocayuva era “a figura erecta, magra e cortez”, que dava o ar de quem guardasse um segredo eterno”. Era “um homem que tinha a força da inercia e do mysterio, tornando-a difficil de ser vencida”; Ubaldino do Amaral, “doente, desanimado, não queria communicar seu abatimento aos outros”. Era de “natureza essencialmente moral, no genero da de Benjamin Constant, e de character prudente como a de Prudente de Moraes. No physico, o retrato de Léon Gambetta: a mesma barba, a mesma cabelleira, até o mesmo *embonpoint*; Aristides Lobo, “misanthropo, tinha o ar severo de um Robespierre, os movimentos bruscos, mas a decisão firme. Era o homem de mais actividade no partido. Typo de conspirador, capaz do sacrificio”; Lopes Trovão, “com a sua alta figura de palmeira, sua cabelleira vermelha, seu olhar brilhante, através do monoculo, a mesma voz cantada do antigo tribuno, era ainda o combatente do primeiro de janeiro de 81, na “revolta do vintem”; Barata Ribeiro, presidente da commissão directora do Municipio Neutro, era “sempre infatigavel e coberto de suôr, que não pensava senão em organizar os elementos de conspiração”.

Eram estes os homens que compunham o Conselho Federal do Partido Republicano, aos quaes Jardim sempre fez a justiça de admirar e respeitar.

Quanto aos abolicionistas, então em guerra com os republicanos, Jardim os estimava também, mórmente a Patrocínio, que de longa data se davam. De "Motta Coqueiro", romance que o abolicionista publicou, fez um estudo critico cheio de sympathy, que muito o commoveu.

Campos da Paz, Pardal Mallet, Olavo Bilac, Coelho Netto, Joaquim Nabuco, Luiz Murat e Luiz Andrade, Jardim lamentava "não estarem connosco", deixando perceber que isso era devido a certas arestas do temperamento de Guanabara...

De residencia no Rio, entrou logo Silva Jardim a agitar a propaganda em todos os sentidos, escrevendo diariamente no "O Paiz", na "Gazeta de Noticias", no "Mequetrefe" e no "Grito do Povo". O "Jornal do Commercio" foi sempre inacessivel aos republicanos...

No "Diario de Noticias", Ruy Barbosa, Antonio Azeredo, Gastão Bousquet, Lopes Trovão, Aristides Lobo e Medeiros e Albuquerque zurziam impiedosamente o gabinete Ouro Preto.

Foi nesse ambiente de enthusiasmos e preoccupações sem conta, que Silva Jardim pronunciou a segunda conferencia, na Sociedade Franceza de Gymnastica, sob ameaças de compressão por parte do Governo, que estava decidido a conter, de qualquer maneira, a onda republicana.

A sala estava repleta e o orador começou o seu discurso, "sempre enthusiastico, sem jamais sahir da argumentação theorica, sem offensa pessoal".

Em certo ponto, quando se referia ao valor dos personagens republicanos, alguém o interrompeu com este aparte:

— Podem morrer como Tiradentes!

“Compreendi a ameaça e respondi:

— Quando acabem como o Tiradentes, farão muito mais que viver como os que não se sentem com o millesimo de uma tal coragem. Creia o meu concidadão que o tiro que me prometteram enviar á bocca pôde cortar-me a lingua, como a Cicero: a bala com que me ameaçaram e que ha uma hora espero, se viesse nesse momento, faria muito mais pela Republica que um milhão de discursos!”

No momento em que discutia a questão da imigração chinesa, combatendo-a, Luiz Pires grita:

— Ahi vêm elles!

Realmente, um grande rumor enchia a rua. Subito, o ruido dos projectis e dos tiros que lançavam contra o edificio denunciaram a presença dos reaccionarios monarchicos. Estava effectivada a ameaça. Muitos correram para a entrada e para o andar superior afim de repellir os aggressores.

— Somos mais que uma convicção, senhores do Governo; somos um revolver! — brada, indignado, Cyro de Azevedo, avançando para os assaltantes.

Estabeleceu-se uma lucta horrivel, que durou cerca de uma hora. Os republicanos, muitos dos quaes já feridos, lançaram mão da mobilia, de garrafas, de

telhas e tudo quanto pudesse ser arremessado contra a patulêa assalariada.

Perto de Silva Jardim estava o medico Monte Godinho, que lhe disse com um olhar de segurança terrível:

— Não se incommode, doutor. Quando chegarem á sua pessoa, voaremos todos pelos ares.

Ferido na mão, impavido e sereno, Jardim permaneceu na tribuna durante todo o combate. “Pude continuar a conferencia. Fazia questão disso; para mim o conflicto não era senão um accidente, por mais grave que tivesse sido. A propaganda republicana é que não podia ceder”.

E depois de verberar a monarchia com frases de outros, continuou:

“O sr. Martinho de Campos dizia em pleno parlamento que “tinha vergonha de ser monarchista! e o sr. dr. Joaquim Nabuco, o apostolo do terceiro reinado, confessou que “neste paiz é preciso ter mais coragem para ser monarchista que para ser republicano!

Pois não vimos, quando de S. Borja partiu o grito patriótico contra o dominio de D. Isabel e do sr. Gastão d'Orleans, o sr. Antonio Prado, na assemblêa provincial de S. Paulo, ao repercutir-se aquelle generoso brado nessa altiva provincia, declarar o direito de representação das camaras municipaes que acompanharam a camara riograndense, o que tanto significava, afinal, declarar o direito de revolta contra o terceiro reinado? Não vimos na questão militar o nobre sr.

visconde de Pelotas perguntar ao governo si queria desesperar o Exercito a ponto de fazel-o, um dia que talvez não estivesse longe, ensarilhar as armas quando os brasileiros se convencessem que precisavam appellar para a Republica, para salvarem a Patria que apodrece, como aconteceu á França?"

E mais adiante, quando se referiu aos propositos velados de D. Pedro em abdicar a 2 de dezembro de 89 em favor de Isabel, com a consequente exterminação do partido republicano, exclamou sob grandes applausos da assembléa em delirio:

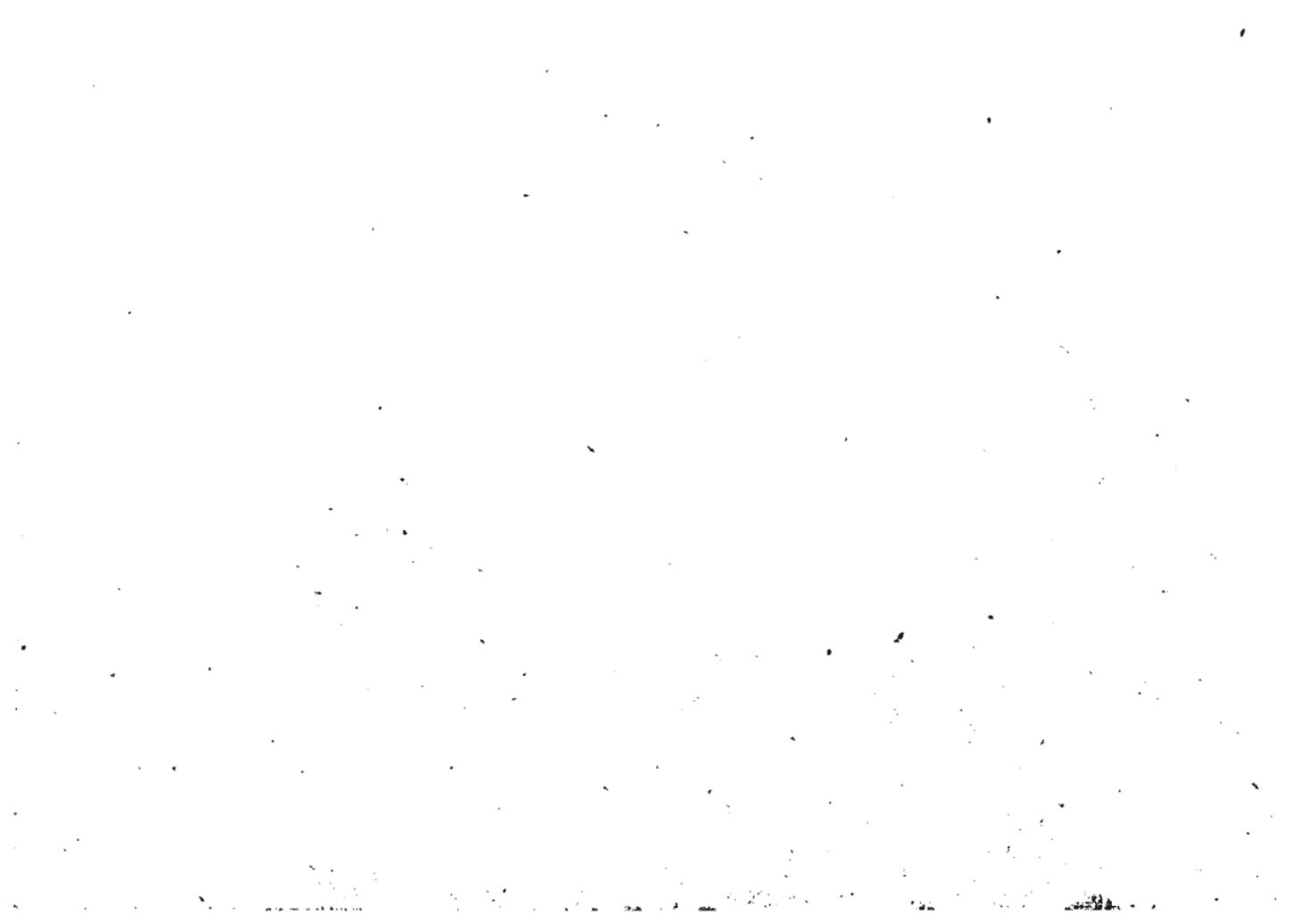
"Nunca houve um brasileiro que morresse por um rei para seu paiz; muitos brasileiros, entretanto, têm derramado seu sangue para ver a Republica! Juremos, meus patricios, que não deixaremos a sra. D. Isabel subir ao throno!" (27)

E perorou:

"Eu concluo saudando-vos, Povo Fluminense, pela vossa coragem, pelo vosso animo, pela vossa abnegação. Povo, ouvi: quando fôrdes atacado, repelli firme e forte os ataques; quando elles partam do representante da raça preta, olhae para o futuro da Republica, que é a fraternidade, que é a elevação do proletario, e desculpa-os, elles são irresponsaveis; o odio os cega, a ignorancia os illude, a simpleza os corrompe. Os responsaveis pelos desatinos delles são os negros indignos que os dirigem!"

Isso foi em dezembro. E a 15 de novembro, menos de um anno depois, Falcão hasteava a bandeira republicana na Camara Municipal, aquella mesma bandeira que Lopes Trovão, ha cinco annos, hasteava diariamente á porta da sua residencia . . .

A PROPAGANDA REPUBLICANA NO NORTE



O RESULTADO da propaganda oral em S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro surpreendeu a todos os republicanos, menos a Silva Jardim, que sempre se batera por ella até vencer a resistencia dos correligionarios.

Muitos julgavam que os resultados não correspondessem aos riscos que envolvia, dadas as condições de animo dos monarchistas.

No seu regresso triumphal ao Rio, Saldanha Maranhão, “meio envolto no seu inseparavel *cache-nez*”, dizia-lhe:

— Tu é que és o Jardim! Tu és o diabo, menino! Abraça este velho caboclo!

“Era seu costume chamar-se sempre “velho caboclo” e chamar-nos a todos “meninos”. Quintino Bocayuva era menino, Ubaldino do Amaral e Aristides Lobo eram meninos”...

Aristides Lobo, o redactor das “Cartas” ao “Diario Popular”, recebeu-o nos braços com estas palavras:

— Já agora, ainda que não queira, encarnou a idéa em si, não se pertence...

E Affonso Celso Junior, seu contra-parente, declarou-lhe:

— O sr. tem feito um mal enorme aos monarchistas. Elles affectam despreocupaçãõ, mas sente-se que conhecem o quanto sua propaganda os prejudica.

Como Silva Jardim extranhasse o commentario, ajuntou:

— Eu sou mais “alliado” delles do que mesmo cor-religionario.

Foi nesse ambiente de grande enthusiasmo dos amigos, que circulou a noticia da viagem do Conde d’Eu ao norte do paiz.

O throno, percebendo o rastilho que já ardia nas provincias do Rio, São Paulo e Minas, lembrou-se do Norte para contrapor ás provincias do Sul. E Silva Jardim resolveu embarcar para o Norte.

Era temerario. Os amigos, mesmo reconhecendo a oportunidade da viagem, se oppunham a ella, pelos perigos que iriam cercar o propagandista.

Mas, Jardim, com o seu enthusiasmo envolvente, venceu a resistencia dos parentes e amigos e embarcou no dia 12 de junho de 89, no “Alagôas”, navio em que viajava o principe consorte e pouco mais tarde levaria para o exilio a familia imperial.

Não fôra pequeno o espanto dos membros do gabinete quando o viram a bordo. O presidente do Conselho, aliás seu contra-parente, pois sua esposa era tia da de Silva Jardim, parecia evital-o. Candido de Oliveira, ministro da Justiça, “meu grande camarada no Corcovado, onde tomava ares, ficando nós alguns vezes, de gôrro, em bôa palestra de opposicionistas”, fitara-o

sem a honra de um cumprimento. Só Lourenço de Albuquerque, ministro da Agricultura, chamado por Sá Valle, que os apresentou não sem malícia, "tivera o sangue frio para as phrases banaes do estylo em taes casos".

— Falla-se que não nos deixarão partir, diz Luiz Pires (28).

— Melhor — replica Silva Jardim. Ficaré feita a viagem. Seria inepto, porque revelaria o terror da derrota. Não acredito.

Do tombadilho vê a princeza que chorava, despedindo-se do marido, acenando-lhe o lenço.

— Ella chora — monologa. Tambem eu tenho uma esposa e tenho filhos que ficam.

O barão de Corumbá, companheiro de viagem do Conde, approximava-se. Cumprimentaram-se.

— Segue sua viagem por todo o Norte, doutor?

— Não, senhor — responde ao bravo official. Vou sómente até Pernambuco, para onde tomei passagem.

"Meu pensamento, — conta Jardim — não era seguir impertinentemente o principe até o Amazonas, embora fosse mais espectacularo; e sim, o que era de mais resultado, sitiar-lhe a propaganda no centro do Norte, em Pernambuco, de modo que quando voltasse elle, ahi encontrasse já vibrante a massa agitada".

Conta-nos Luiz Pires, que estava o propagandista no tombadilho, ao lado do sr. Gastão d'Orleans, quan-

(28) Luiz Pires foi um dedicado amigo de Silva Jardim, que o acompanhava nas viagens. Era o seu secretario particular.

do um bote se aproxima, trazendo o sr. Chagas Lobato, chefe republicano em Minas, que tinha despedido-se e apenas poudo, agitando o lenço, exclamar, face á face do sr. Orleans:

— Dr. Silva Jardim, traga-nos do Norte a Republica!”

“O principe, a bordo, ora pãsseava agitadissimo, ora se recolhia”. Jardim observava-o sem má vontade, antes curioso de bem o conhecer.

Vira-o atroado, atropelando quasi os que lhe estavam ao lado, no momento de despedir-se da familia. “Trajava um costume ligeiro, um “veston” simples, e cobria-se com um chapau pequeno, desabado. Todos o sabiam surdo, o que lhe difficultava a communicãõ. No fundo, não me parecia antipathico, e tinha-me mais ares de bom homem que de outra cousa. O que não estava certamente ali dentro era um estadista” — commenta Jardim.

“De mim, resolvera saudal-o, si me saudasse, como lhe competia pela sua superioridade official. Podia mesmo conversar com elle sobre politica e dizer-lhe amigavel e imparcialmente que via o seu throno perdido. Não tive occasião para tão salutaes entretenimentos, porque elle evitava olhar-me e não se apresentava á mesa.

Uma noite, alta noite, ficamos a sós no tombadilho, elle a passear de um lado para outro, e eu socegadamente sentado, a olhar o ceu. Puz-me então a pensar no destino deste principe, de uma raça quasi amaldiçoada,

expatriada, com a fama de avaro como um judeu, antipathizado por todo o povo brasileiro" (29).

Vinha de longe essa antipathia, que devia extender-se á sua esposa, ao throno e até mesmo á pessoa do velho soberano.

O povo chamava-o "o francez", "o marroquino", e narrava uma infinidade de factos, aneddotas e historias mais ou menos verdadeiras a seu respeito.

Os soldados não o estimavam. Um delles contára a Silva Jardim:

— Aquelle homem é um tyranno. Quando perseguia o Lopes, nós já estavamos extenuados e mortos de fome. Elle tinha sempre a sua provisão de biscoitos e

(29) O sr. LUIZ DA CAMARA CASCUDO publicou um livro — "*Conde d'Eu*", no qual se percebe o esforço com que o brilhante escriptor conseguiu encher duzentas paginas sobre o principe consorte. Assim mesmo foi necessario enxertar-lhe uma longa, mas deliciosa e movimentada noticia sobre a dynastia dos Bourbons, desde os Cruzados ao infimo rebento que aportou no Brasil...

E' um bellissimo trabalho de paciencia a obra de CAMARA CASCUDO. E' coisa como procurar agulha em palheiro, e elle conseguiu encontral-a com uma extenuante boa vontade, que seria mortificante para o leitor si o ensaista não tivesse um aguilissimo talento...

O sr. ALBERTO RANGEL, tambem, é merecedor de applausos pelo supplicio de Sysipho a que se submetteu, escrevendo um alentado volume sobre o marido da princeza. E' pena que não tenha gostado da minha phrase sobre o conde "... um bom homem, que si tivesse tombado no Paraguay, morreria abraçado a uma virgem — a sua espada"...

“cognac”. Um dos nossos companheiros, exaustos, cáe e diz:

— Não posso caminhar mais! Tenho fome!

— Soldado na guerra não tem fome! — grita o príncipe.

E fez marchar o soldado, que morreu pouco depois (30).

Falava-se da sua avareza, que se extendia ás menores coisas. Era dos taes, no dizer de Silva Jardim, que davam com mais facilidade a sua vida que a sua bolsa por uma idéa...

Certa vez tinha de proseguir viagem e um dos seus pagens adoecera. Na presença do amo nada dizia, mas ao medico confessava-se incapaz de se ter em pé.

O medico passou toda a noite, ao lado do doente e, pela madrugada, sentindo fome, tirou da mesa um ovo e bebeu-o. Como havia dois ovos sobre a mesa, o Conde, dando pela falta de um, interpella um creado, que não soube informar. E o fez com tal aspereza, que o medico foi obrigado a dizer que fôra elle quem bebeu o ovo.

— Pois então quem perde é o doente, porque este é para mim...

Ao Brasil, que elle dedicava apenas um calculado interesse politico, votava o mais desdenhoso desprezo, a ponto de mandar vir medicos da França para a fami-

lia, como aconteceu ao dr. Depaul, que assistiu a princeza em um dos seus partos (31).

Deante da propaganda republicana, repetia sempre, carregando os "rr":

— E' preciso apurar a questão da monarchia e da republica até o ultimo furo.

Cochichavam-se a seu respeito negocios de concessões de bondes á Copacabana (32), de empresas no Paraná em que se recusava a satisfazer os socios, coagundo o Imperador diante da citação judicial. Falavam das casinhas que alugava aos pobres, sendo inexoravel em exigir-lhes os alugueis. Citava-se o facto de dar esmolas insignificantes nas occasiões de calamidade publica, contrastando com a liberalidade do sogro. Narravam-se episodios desairosos do tempo em que servira no exercito hespanhol, emfim murmuravam-se coisas que revelavam o seu espirito pequeno e mau, incapaz da elevação necessaria ao melhor conselheiro da Imperatriz.

Quanto a esta, censuravam-lhe o amor immoderado das festas, entre batalhas de flores e a preocupação da musica, em desaccordo com a gravidade governamental... (33)

(31) "*Cousas do meu tempo*" — ERNESTO MATTOSO — pag. 162.

(32) "*Cousas Politicas*" — FERREIRA DE ARAUJO—pag. 45.

(33) "O Imperador tinha se descuidado negligentemente de preparar o espirito da Princesa Isabel, dando-lhe uma edu-

A chegada na Bahia foi tumultuosa. Os monarchistas se prepararam convenientemente não só para receber o conde d'Eu, como a Silva Jardim.

A celebre "Guarda Negra", creada pelo sr. João Alfredo com os elementos libertos, teve ordens especiaes para a recepção do propagandista (34).

O choque entre monarchistas e republicanos começou no caes de desembarque, durando cerca de duas horas. Varias pessoas sahiram feridas do conflicto, na sua maioria republicanos.

cação civica mais compativel com as altas funcções de imperante que o direito de successão lhe havia destinado.

O principe consorte, sem se ter affeiçoado ainda sufficientemente ao sentimento nacional e ás aspirações peculiares á economia social de um povo extranho, evidentemente não podia ter captado a sympathia e a estima publicas, que deviam gerar no espirito do povo a indispensavel confiança no acerto e lealdade dos conselhos que, pela propria natureza das coisas, teriam de influir necessariamente na alta direcção dos destinos nacionaes.

Era por isto que já naquella época homens influentes nos partidos monarchicos externavam com mais ou menos franqueza as suas apprehensões, sinão sua positiva hostilidade ao terceiro reinado" (*"Perfil Biographico"* — A JOAQUIM RIBAS — in *"Du Propaganda á Presidencia"* — pags. 30 e 31).

(34) "Esta invenção (a Guarda Negra) teve o seu berço na policia, recebeu o enxoval do Thesouro, a benção do ex-presidente do Conselho e a santificação baptismal da regencia. Nasceu adulta no mal e sequiosa de sangue, em que banhou as suas primeiras armas, na Capital do Imperio, aos 30 de dezembro de 1888". — RUY BARBOSA — *"Diario de Noticias"* de 7 de maio de 89.

E' assim que Silva Jardim conta os acontecimentos:

“Pela ladeira do Taboão estavam collocadas grandes carroças com achas de lenha, que barbaramente atiravam sobre nós.

— Onde está este Silva Jardim, que eu quero matar-o — gritava um mulato, no meio da turba, brandindo um punhal.

Olhei-o sereno. Dizer-lhe que não sabia? Seria negar-me a mim mesmo. Dizer-lhe que era eu? Fôra um estúpido sacrificio. Fiz silencio. Si a sua penetração fosse maior, eu estaria morto (35).

— Por aqui, doutor, diz Gastão da Cunha (Edmundo Gastão da Cunha, do Rio Grande do Sul) tomando-lhe vigorosamente o braço e atirando-o dentro de um cubiculo, onde um africano tinha a sua quitanda.

— Aqui podemos morrer como ratos, si nos descobrirem — objectou Silva Jardim. Mais vale sahir corajosamente para a rua, onde podemos tomar outra casa.

De fóra perguntavam ao preto si os tinha visto. Disse que não, porque não os conhecia. Mais tarde souberam que o africano lastimou o facto, porque elle mesmo os teria matado.

Sahiram. Subiram a um primeiro andar, moradia de mulheres de má vida, que lhes deram abrigo, retransidas.

(35) “*Memorias e Viagens*” — pag. 345.

— Não podemos ficar aqui — ponderou Jardim. E' sahir do terrivel para o ridiculo.

Evadiram-se por um alto muro dos fundos, ferindo-se Virgilio Damasio na queda.

Acoutaram-se na casa de umas lavadeiras, até que o chefe de policia se offereceu para leval-os a bordo.

Uma dessas lavadeiras, velha preta que se benzia toda, disse para os homisiados, enquanto lhes servia o café:

— Eu bem disse que ia haver uma guerrinha. Esse partido liberal já fez a guerra do Paraguay. Olha agora a revolução lá fóra...

“Quando entramos no carro, o chefe de policia quiz collocar-me entre si e um militar.

— Deixe-me ir aqui mesmo — disse-lhe. Não tenho medo do povo.

E encostei-me ao postigo. Havia punhos enraivecidos no ar. O acontecimento espalhara-se pela cidade inteira com a rapidez do raio, e os inimigos avolumavam.

Eu olhava sereno, mas triste, sem provocação, aquelle povo.

Episodio comico:

Quando passamos diante dos guardas, elles apresentaram armas suppondo que passava o conde d'Eu. E' que seguimos no mesmo carro que o conduzi-
ra”... (36)

Silva Jardim portou-se durante todo o conflicto com a calma bravura que já conhecemos de Minas e do Rio.

O "Diario do Povo", entre outros jornaes, condemnando a selvageria do attentado, escreveu estas palavras: "O dr. Silva Jardim impavidamente affrontava a ira tigrina da "Guarda Negra". Grande parte dos republicanos foram espancados. Não se descreve a barbaria, a selvageria sem nome dos miseraveis assalariados, atacando republicanos inermes que festejavam o grande propagandista".

Esses acontecimentos crearam contra o governo um estado de grande irritação, e dias depois Silva Jardim recebia em Recife o seguinte manifesto:

— VIVA A REPUBLICA!

Os abaixo assignados, negociantes e caixeiros nesta capital, põem ao serviço do partido republicano federal as suas mesquinhas forças e arraigadas convicções republicanas em qualquer emergencia na qual possa ser util o seu concurso, bem como felicitam a distincta e patriótica mocidade academica pela attitude energica que soube manter em defesa do denodado correligionario dr. Silva Jardim, que não trepida em expôr a propria vida pelos interesses da plebe, que o victima ignorantemente, automaticamente.

Com os nomes bennictos de Washington e Tiradentes, pode merecidamente figurar o nome impolluto do grande propagandista brasileiro, para cuja immor-

talidade falta apenas o martyrio que devia consumir-se aqui por uma horda de selvagens para tal fim assalariada, como solenne desmentido á Constituição do paiz, como eterna vergonha do povo bahiano.

O que ora exprimimos, sabemos, nada aproveita ao partido; é, porém, a manifestação livre, leal, sincera, de moços brasileiros, é um exemplo aos nossos collegas e compatriotas, é a expressão dos nossos sentimentos patrioticos a que temos direito, á adhesão a uma idéa que vae triumphar com a onda civilizadora que sobe, que vae realizar-se, porque a Nação repelle o terceiro reinado.

Viva o povo bahiano!

Viva o dr. Silva Jardim!

Viva a Republica!"

Seguem-se mais de cincoenta assignaturas.

Ao deixar a Bahia, Silva Jardim annota nas suas "Memorias":

"Como em S. João d'El-Rey, não pude ver a cidade sinão atravez da tempestade das aggressões que nos foram dirigidas"...

Alagôas recebeu em festas o propagandista, honrando o berço de Deodoro e Floriano.

"O Orbe", jornal monarchista de Maceió, fez então ao Conde d'Eu pomposas manifestações de sympathia em nome dos alagoanos, como si fosse interprete dos sentimentos dos seus concidadãos, o que obrigou os republicanos da cidade de Penedo a protestarem em

telegramma dirigido ao "Guttemberg" contra essa officiosa tentativa de aulicismo (37).

Mas, em Pernambuco, ao par de grande enthusiasmo da população, mórmente do interior, Silva Jardim ia viver minutos de angustia indescriptivel.

Em Recife ia encontrar uma figura contradictoria de caudilho — José Marianno, que a instancias do Governo recebera em festas o principe, quando poucos dias antes da sua ascensão ao poder "condemnara o gabinete liberal em phrase energica e insultuosa mesmo, mais que todas quantas a propaganda republicana empregou".

E' verdade que nas vespervas da chegada de Silva Jardim, "O Norte", jornal republicano, publicava uma carta sua, affirmando não ser capaz de uma violencia denunciada (espancamento de republicanos) "e entendia que o sr. Silva Jardim devia ser respeitado pelo povo pernambucano como um propagandista consciencioso".

Mas, o exito da propaganda, já na capital, já no interior, desgostou a situação dominante. José Marianno, dubio e fugitivo, não assistira ao primeiro *meeting* e os seus jornaes hostilizavam veladamente a campanha.

A' segunda conferencia, na qual Jardim desenvolveu o programma de governo sob bases positivas, e que foi realizada em casa de Ribeiro de Britto, porque todos os theatros se lhe fecharam por influencia do cau-

dilho, José Marianno compareceu, “garantindo de novo o seu apoio á liberdade da tribuna”.

Parece que havia interesse da parte dos seus amigos em dal-o como mantenedor da palavra republicana em Pernambuco, conforme telegrammas oriundos do Rio. Isso, porém, não era verdade, porque elles estorvaram de toda a maneira a realização das conferencias, usando, entretanto, o processo conhecido de accender as duas velas do proverbio . . .

Essa supposição tomou corpo de verdade quando se verificou o assalto a tiros e pedradas á casa de Ribeiro de Britto.

Mas, a propaganda proseguiu. Os estudantes bahianos de Recife distribuiram um manifesto que tinha estas palavras:

“Governo de corrupção, que fizestes? Armastes-vos contra vós mesmos. Semeastes o sangue, e o sangue é a semente fecunda da Liberdade. Gloria, pois, á Bahia ensanguentada!”

E seguiam-se as assignaturas de Antonio Barbosa, Manoel Bittencourt, Felipe Monteiro, Manoel Mendes, Sabino Pinheiro e outros.

Tendo os elementos monarchicos feito um desafio para que os republicanos orassem em publico, Silva Jardim resolveu dirigir-se directamente ao povo por meio de um comicio. E o convite, assignado por Martins Junior, Martiniano Veras, Ribeiro de Britto, Annibal Falcão, Barros Cassal e Silva Jardim, foi distribuido nos seguintes termos:

“Havemos de protestar em nome do povo pernambucano contra a centralização da monarchia que trata uma grande provincia como a uma feitoria, enviando-lhe um senhor somente para corrompel-a em eleições; e havemos de protestar contra o regimen eleitoral em que o povo, o pobre povo, não vota; em que os homens do trabalho não têm direito a intervir. Havemos de dizer todas as verdades que julgamos devem ser ditas.

Que os falsos liberaes, que acenam ao povo e obedecem aos acenos do sr. Gastão d’Orleans nos mandem assassinar! Teremos prazer em que o nosso sangue os manche para sempre. Como o seu amo, o sr. de Ouro Preto, dizemos aos inimigos da Liberdade: “Mãos á obra, senhores!” Como o seu dono, sr. G. d’Orleans, dizemos: “E’ preciso apurar a questão da monarchia e da republica até o ultimo furo”. Sim, apuraremos a questão do throno e do povo até o ultimo furo”.

Mas o *meeting* não iria realizar-se. José Marianno, com os seus sequazes, estava disposto a dispersar a tiros os republicanos, e os animos, de parte a parte, estavam exaltadissimos.

Era tal o estado de excitação em Recife, que o delegado de policia se promptificou a assignar uma declaração na qual confessava a impossibilidade de manter a ordem.

Barros Cassal, Generino dos Santos, Souza Pinto, Martins Junior, Maciel Pinheiro, Gomes de Mattos, Raymundo Bandeira, Ribeiro de Britto, Martiniano Veras e mais outros chefes republicanos haviam armado

cento e cincoenta homens, e a cidade iria ser theatro de um conflicto de consequencias imprevisiveis si a prudencia de Silva Jardim não tivesse contornado o desafio dos liberaes com a declaração do delegado de policia, que foi estampada com estardalhaço no "O Norte" e no "Diabo a Quatro" do dia seguinte.

Esse golpe de mestre obrigou o principe consorte a declarar publica e solememente, em nome da familia imperial, "que a monarchia não pretendia resistir á opinião publica. Ao contrario, compromettia-se a se submeter ao pronunciamento della, feito pelos meios regulares".

Estava ganha a partida no Norte.

Vencidas, emfim, essas horas amargas em Recife, Jardim se dirigiu para o interior da Provincia, visitando Olinda, Nazareth, Timbaúba, Goyana, Pau d'Alho, Iguarassú, Palmares, Escada e Ipojuca.

Em Timbaúba, um popular "que mesmo com a camisa fóra das calças assistiu ao meu discurso, sahiu fazendo este tocante commentario:

— Nunca vi um missionario pregar tão bem!

E em Goyana, o conductor da carruagem que os transportava, interrompeu-o, dizendo:

— O senhor, ainda que mal pergunte, é o dr. Silva Jardim, o que veio com o conde d'Eu?

— Para servil-o, cidadão.

— Para servir a Deus. Ha muita gente por ahi do seu partido. Ainda outro dia um sujeito me disse

que si não fôr nomeado para um emprego, passa-se para o seu lado.

— Não ha de ser por isso, cidadão...

Uma das preocupações do povo pernambucano era fazer a comparação do talento oratorio de Silva Jardim com o de Joaquim Nabuco.

— Quem você tem ouvido dizer que fala melhor — pergunta-lhe Martiniano Veras. Este moço ou o dr. Nabuco?

E o caboclo responde:

— Dizem que o dr. Nabuco nem se encosta para a sua banda. E se encostar, não se confessa...

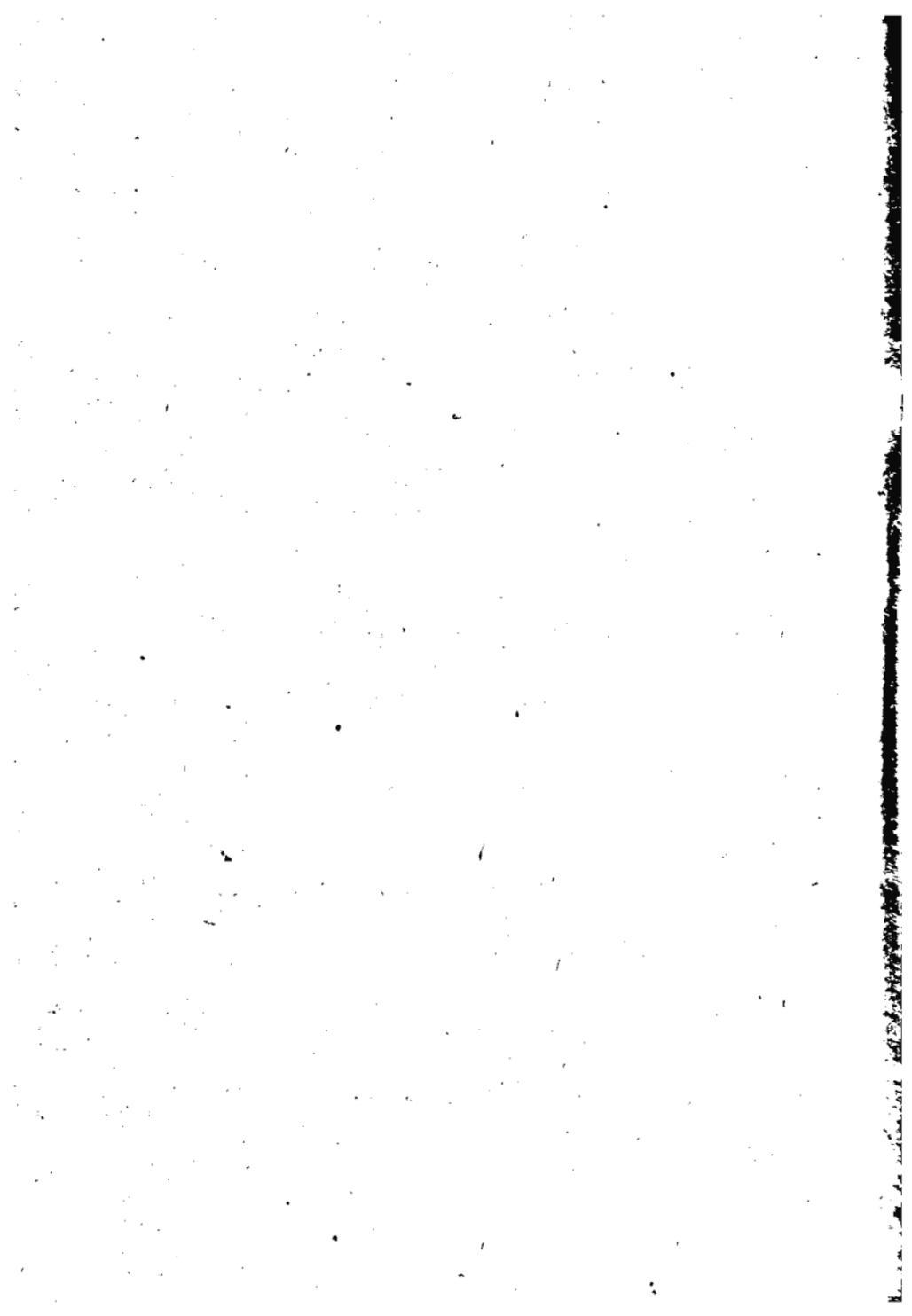
Queria dizer que Nabuco não discutiria com Jardim, e si discutisse, morreria sem tempo de se confessar...

O regresso de Jardim ao Rio foi feito directamente, apesar dos insistentes convites para ir ao Ceará e tocar novamente na Bahia. O propagandista não quiz expôr os seus amigos a novos conflictos sem mais interesse para a causa republicana, pois foram notaveis os successos da propaganda, avultados pelas proprias desordens provocadas pelos monarchistas.

O norte, como o sul, era um rastilho de polvora que esperava a faisca vibrada no Rio de Janeiro, pois fluia o mez de junho de 1889...



15 DE NOVEMBRO



DESDE o seu regresso da Europa, em 1888, que se commentava no Rio a debilidade mental do Imperador, sabendo-se que a regencia dos negocios publicos continuava nas mãos de Isabel, que por sua vez estaria sendo dirigida pelo esposo e pela *entourage* do terceiro reinado.

E todos os factos pareciam confirmar esses boatos, como entre outros, o incidente de Moreira Pinto com o conde d'Eu, durante uma aula de historia universal no Collegio Militar, em que esse professor fôra desacatado pelo principe consorte e mais tarde jubilado violentamente; e a "bulha no alto", em virtude da desidia do gabinete com relação á epidemia que dizimava a população de Santos (38).

A imprensa, pelos seus orgãos mais respeitaveis, dava curso a verosimeis incidentes, nos quaes se notava, realmente, a ausencia da severa vigilancia do monarcha, que os não consentiria si "a corôa não se achasse reduzida a uma sombra, se o monarcha não estivesse adormecido no seu throno, de um somno que é o preludivio irremediavel do outro" (39).

(38) "*Queda do Imperio*" — RUY BARBOSA — pags. 139 e 171.

(39) RUY BARBOSA — op. cit. — pag. 75.

“Moralmente, sabia-se — confirmavam — que o homem era um *corpo morto*. Governava-se em seu nome, e até suppunha-se haver quem assignasse os despachos, falsificando-se o *garrancho imperial*, tão facil de ser imitado” (40).

“Quando o *Diario*, em março de 1889, abriu a sua campanha de anti-imperialismo, reformação geral dos costumes politicos, e conversão das provincias centralizadas em Estados autonomos, a intelligencia do principe entrava em estado crepuscular; e, dalli por diante, até aos 15 de novembro de 1889, quem, realmente, governou o paiz, foi a herdeira presumptiva, o principe consorte e o aulicismo, em cujos manejos presidia o consorcio bragantino-orleanista, já em pleno exercicio do terceiro reinado, antecipado a si mesmo e senhor absoluto de uma successão aberta ainda em vida apparente do testador” (41).

Desse estado de confusão e de incertezas, do qual os republicanos tiravam o maximo partido, só o gabinete dava mostras, apesar da inhabilidade na violencia, de conhecer a delicadesa do momento.

As provincias de São Paulo, Minas, Bahia e Pernambuco já estavam scindidas e incendiadas pela palavra de Silva Jardim, e a velha questão militar apresen-

(40) JOSÉ LEÃO — *op. cit.* — pag. 184. E NABUCO, já em “*Um Estadista do Imperio* (553, III), confirma: “... o velho Imperador, desde 1887 decadente, sombra politica de si mesmo”...

(41) RUY BARBOSA — *idem* in prefacio, pag. XXVIII.

tava recidivas alarmantes, que o governo contornava ou combatia sem o tacto necessario a quem lida com explosivos fumegantes.

Sabedores de que a monarchia preparava para o dia 2 de dezembro, anniversario do Imperador, a abdição de D. Pedro, que ha muito se achava impossibilitado de reinar em virtude de grandes disturbios mentaes (42), os republicanos haviam preparado o golpe revolucionario para esse dia, já havendo até articulaçãõ com as provincias no sentido de um levante geral.

Mas, a compressão e os desmandos de Ouro Preto, com relação ao Exercito, vieram precipitar os acontecimentos de tal maneira, que muitos republicanos só souberam da proclamação da Republica no dia 15 de novembro.

Por isso é que foi de estupefacção o sentimento de muita gente, que teve conhecimento dos factos só depois de consumados.

Era a confirmação dos prognosticos de Silva Jardim em 1888, em conversa com Alcindo Guanabara:

(42) ALBERTO RANGEL, autor insuspeito de *Gastão d'Orleans*, nos conta, em paginas 397 e seguintes desse livro, varios episodios occorridos no dia 15 de novembro, que só podem confirmar a supposiçãõ de que o Imperador se encontrava realmente em estado de grandes disturbios de espirito. A indifferença com que recebia as noticias mais alarmantes, a apathia que demonstrou durante todos os acontecimentos e as medidas em que se obstinava com o fim de solver a crise, fallam indubitavelmente das suas precarias condições de saude mental.

— Na minha convicção, este ministerio João Alfredo é o penultimo da monarchia

Mas, a revolução, que tanto surprehendera a muitos republicanos, não era, realmente, a que haviam concertado. Essa da manhã de 15 de novembro não passava de um golpe de Estado, cujo fim era exclusivamente depôr o gabinete. Benjamin Constant, sempre vigilante, e conhecendo a indecisão do character de Deodoro, é que mais uma vez jogou a perigosa cartada. O necessario era um motivo para excitar o generalissimo á revolta, e esse motivo Benjamin encontrou, affirmando que o quartel-general seria atacado pela Guarda Negra, por ordem do gabinete, e fazendo constar pelos corpos da tropa a sua prisão e a de Deodoro. O resto ficaria á mercê dos acontecimentos, e o proprio temperamento do generalissimo indicaria a melhor maneira de proceder

Annibal Falcão, em nota para uso do sr. Teixeira Mendes, escrevia: “Em 11 de novembro fomos prevenidos por um enviado de Benjamin Constant de que estava elle resolvido a tentar, apoiado na força armada, um movimento revolucionario, afim de ser instituido no Brasil o regimen republicano.

Já nós o desconfiavamos, á vista do que tinhamos observado em algumas reuniões, havidas no escriptorio do “Correio do Povo”, onde apparecera reiteradas vezes, nos ultimos dias, o sr. Francisco Glycerio, delegado dos republicanos paulistas.

Os nossos companheiros, encarregados da direcção daquelle jornal, guardavam, entretanto, comnosco maximas reservas.

Fôra-lhes isso determinado, ao que constou, por desconfianças do sr. Quintino Bocayuva para com Silva Jardim, a quem attribuia intenções anti-patrioticas, desde que o mallogrado republicano alludiu a declarações feitas reservadamente no congresso republicano, recentemente reunido em S. Paulo.

Benjamin Constant, porém, não hesitou em reclamar o concurso de Silva Jardim e o nosso.

Na mesma noite de 11 de novembro reunimo-nos varios republicanos e decidimos prestar-lh'o, desde que se definisse accentuadamente republicano o objectivo da revolução" (43).

E o dia 14 de novembro, tres annos precisos depois que Deodoro escrevia a Cotegipe que "os militares não podem nem devem estar sujeitos a offensas e insultos de Francos de Sá e de Simplicios", transcorreu cheio de boatos e apprehensões.

A's 11 horas da noite o conselheiro Basson, José Basson de Miranda Osorio, chefe de policia, telepho-nava ao visconde de Ouro Preto, communicando ao presidente do Conselho occurrencias anormaes nos quartéis, alguns dos quaes já revoltados, e as tropas em pé de marcha.

O ajudante-general Floriano Peixoto, sinuoso e imprescrutavel desde os prodromos da questão militar,

(43) JOSÉ LEÃO — op. cit., pag. 199.

fôra avisado dessas anormalidades e se dirigira ao quartel-general, onde já encontrou Ouro Preto.

O presidente do Conselho teve, então, conhecimento de que o primeiro regimento de Infantaria e a segunda brigada já se haviam revoltado, em virtude do boato, que os republicanos confirmavam, da prisão de Deodoro e Benjamin.

Floriano conhecia perfeitamente a gravidade da situação, mas tranquillizava o Governo, insinuando a vinda do 10.º e 24.º batalhões de Infantaria e do 4.º de artilheria para o quartel-general, pois já conhecia as disposições dessas unidades. E insistia:

— A intervenção de qualquer contingente da Marinha seria também de grande effeito moral, pois os amotinados propalam que ella os acompanharia.

As ruas ondulavam de povo. O ambiente denunciava uma saturação insupportavel, que inhibia o somno e a tranquillidade.

D. Pedro se achava veraneando em Petropolis com a familia Imperial e ignorava que o seu throno marchava para o vulcão aberto pela propria monarchia.

A's duas horas da madrugada Ouro Preto se retirava do quartel-general, depois de Floriano reafirmar-lhe o seu apoio. Pela manhã de 15, telegraphava a Sua Magestade:

“Senhor: — Esta noite o 1.º e o 9.º regimentos de Cavallaria e o 2.º de Artilharia, a pretexto de que iam ser atacados pela Guarda Negra e de ter sido preso o marechal Deodoro, armaram-se e mandaram prevenir

o chefe do quartel-general de que viriam desaggravar aquelle marechal. O governo tomou todas as providencias necessarias para conter os insubordinados e fazer respeitar a lei. Acho-me no Arsenal de Marinha com os meus collegas da Justiça e da Marinha”.

No quartel-general, para onde se dirigira em seguida, recebe a communicacão de que Deodoro se achava á frente da tropa sublevada para depôr o gabinete.

Ouro Preto ordena ao ministro da Guerra, visconde de Maracajú, e a Floriano, que lancem mão da milicia municipal, e Floriano não obedece. E' o principio do fim.

Ouvem-se tiros proximos, que Ouro Preto attribue á reacção, quando partiam do barão de Ladario, reagindo á ordem de prisão dada por Deodoro.

Poucos instantes depois entra este no quartel-general e communica ao chefe do governo a deposição do Gabinete, declarando que o outro “deveria ser organizado de accordo com as indicações que iria levar ao Imperador”. “Sua Magestade tem a minha dedicacão — ajuntou. Sou seu amigo, devo-lhe favores. Seus direitos serão respeitados e garantidos”.

Só então Ouro Preto, submettendo-se ás circumstancias ineluctaveis do momento, telegrapha a D. Pedro:

Senhor: — O Ministerio, sitiado no quartel-general, á excepção do sr. Ministro da Marinha, que consta achar-se ferido em casa proxima, tendo por mais de uma vez ordenado, debalde, por ordem do Presidente

do Conselho e do Ministro da Guerra, que se repellisse pela força a intimação armada do marechal Deodoro para pedir a sua exoneração, e diante das declarações, feitas pelos generaes visconde de Maracajú, Floriano e Barão do Rio Apa de que, por não contarem com a tropa reunida, não ha possibilidade de resistir com efficacia, depõe nas augustas mãos de Vossa Magestade o seu pedido de demissão. A tropa acaba de fraternizar com o marechal Deodoro, abrindo-lhe as portas do quartel".

Como se vê, a partida ainda perigava. Deodoro tinha um temperamento impetuoso, mas indeciso e versatil, e não seria difficil retroceder do ponto em que os acontecimentos o collocaram.

Benjamin Constant, encontrando-se na rua do Ouvidor com Annibal Falcão, depois da passeata militar, instigava-o ainda: "Agitem o povo, a Republica não está proclamada".

O momento era delicadissimo. O Imperador, pouco depois, descia de Petropolis e encarregava Saraiva de organizar o novo gabinete e este, sabendo que a intenção de Deodoro era apenas o golpe de Estado, passara-lhe immediatamente o seguinte telegramma:

Sr. marechal Deodoro — Encarregado pelo Imperador de organizar o novo Ministerio, não quero e não posso fazer cousa alguma sem entender-me com Vossa Excellencia".

"Não devo aqui dar conta de minhas impressões pessoaes — prosegue Annibal Falcão, mas sim referir os factos a que assisti naquelle dia memoravel; é-me,

porém, difficil deixar de alludir ao sentimento de angustia que naquelle momento me opprimiu o coração.

Das janellas da "Cidade do Rio" dirigiram-nos saudações. Penetrei no edificio daquelle jornal e, em breves palavras, expuz a situação. Era necessario um movimento popular, audaz e rapidamente organizado, afim de que, antes de qualquer deliberação do governo que se ia instituir, fosse proclamada a republica. Onde? Na Camara Municipal.

Convidei o sr. José do Patrocinio, que era então membro da Edilidade, a annunciar das janellas do predio de seu jornal o que iamos fazer e, em pouco, seguidos de não pequena massa popular, dirigimo-nos para a casa da Camara.

Emquanto o sr. Patrocinio falava ao povo, eu redigia duas moções, que foram publicadas nos jornaes do dia seguinte, a segunda das quaes era da proclamação da Republica por nós outros, órgãos expontaneos da Nação Brasileira.

Chegados á Camara Municipal, cujas chaves haviamos tido o cuidado de obter, hasteámos nas janellas do paço uma bandeira republicana, pertencente a um dos clubs então existentes nessa Capital. Consta-me que horas depois essa bandeira foi dalli retirada por ordem do general Deodoro.

Depois de alguns discursos pronunciados por entre applausos unanimes, foram approvadas as moções, "e o sr. José do Patrocinio, como vereador mais moço, a quem, na forma da Constituição ainda vigente, in-

cumbia acclamar o novo soberano, tendo decahido D. Pedro II, proclamou a Republica” (44).

Hão de ter notado que o nome de Silva Jardim poucas vezes foi graphado no relato destes acontecimentos. E' que a sua pessoa, por effeito da attitude assumida no Congresso de S. Paulo, deixara ha muito de merecer a confiança daquelles que lhe arrebataram a chefia do partido.

Annibal Falcão, que o acompanhou no seu desligamento do P. R. B. em 88, já depoz paginas atraz sobre o sigillo com que os companheiros do “Correio do Povo” recebiam as visitas conspiratorias de Glycerio. Agora fallará José Leão:

“Pela primeira vez li, ha pouco, em uma carta do sr. Benjamin Constant Filho, que o pae, nessa noite memoravel (14 de novembro), mandou chamar Silva Jardim; mas o portador não o encontrou ou dessa missão encarregara algum dos seus desaffectedos. Silva Jardim ficou ignorando o facto” (45).

Em virtude desse cauteloso sigillo, que Silva Jardim não ignorava e abnegadamente silenciava, a revolução se fez com surpresa para a maior parte dos republicanos. “Além do exercito presente na Capital, e da *élite* do partido republicano democratico, assistiram á salva dos 21 tiros alguns transeuntes boquiabertos. Si houve

(44) JOSÉ LEÃO — pag. 235.

(45) Op. cit., pag. 89.

algun plano de revolução, foi de natureza egoistica" (46).

Mas a justiça da Historia já fez o inquerito necessario ao julgamento dos factos, que os senhores da occasião dictaram deturpados aos chronistas da Republica. Já conhecemos perfeitamente os motivos que afastaram Silva Jardim das fanfarras da parada festiva de 15 de novembro, e sabemos tambem como o seu nome cresceu e dominou todo o periodo da preparação republicana, fazendo recuar para a sombra aquelles que se esforçaram por empanar o brilho soberano da sua dominadora personalidade. A sentença da Historia é irrecorrivel, e estas palavras hão de soar pelo seculo dos seculos para a gloria dos justos que souberam ser desprendidos no momento em que as gloriolas abaixavam ao alcance de todas as mãos:

"Si o fundador de uma republica é aquelle que a proclama na praça publica, este com certeza não foi entre nós o finado Benjamin Constant; mas, si é o que, no nosso caso, primeiro ergue o grito de revolta entre uma certa classe de opprimidos, seja povo ou exercito, a excita e sae com ella para o campo da peleja, com muito mais razão não foi este o marechal Deodoro da Fonseca" (47).

Os fundadores da Republica são aquelles que no momento incerto jogaram a vida e os interesses em defesa das idéas que pregavam entre o bramir dos tumul-

(46) JOSÉ LEÃO — op. cit., pag. 233.

(47) JOSÉ LEÃO — op. cit., pag. 224.

tos da propaganda. São aquelles que podiam escrever, como Silva Jardim a Francisco Pessanha, de volta da excursão tormentosa e triumphal a Minas: "a lucta começa a tornar-se sombria, mais proxima do apostolado possivel do martyrio, que do triumpho politico; mas isso não me preoccupa. Toda a existencia é cercada de um certo conjuncto de fatalidades; e antes morrer assim, mesmo sendo lapidado como S. Estevam, como parecem pretender esses infieis, do que ingloria e indignamente esticar a canella na burgueza pacatez de um estomago bem conservado"...

O POLITICO



O PENETRANTE senso politico de Silva Jardim muito cedo se revelou em sua vida de jornalista e, nas campanhas de abolição e da propaganda, já se mostrava em toda a sua esplendida claresa.

Naturalmente dotado de altas qualidades intellectuaes e moraes que lhe possibilitavam a argucia politica, o positivismo não deixou, entretanto, de beneficiar-o grandemente no sentido do methodo e da disciplina mental, que todos os seus trabalhos denunciavam depois de 81.

“Com o estudo e a pratica das doutrinas positivistas ganhou immenso o espirito de Silva Jardim em vigor e methodo de trabalho, lucidez de analyse, calma de investigação, logica de raciocinio e firmeza de convencimento, além de que ellas só concorreram para nelle profundamente se radicarem e solidificarem as suas idéas politicas e sociaes.

Subjugado ao codigo de Lippe da igreja de que o sr. Miguel Lemos é cardeal, acarneirado a esse regime monastico de cilicios moraes e jejuns intellectuaes, Silva Jardim teria sido um grande sabio, talvez mesmo um santo; mas não prestaria nunca ao seu paiz os enormes serviços de que lhe é elle devedor confesso” (48).

Essa disciplina e lucidez de analyse, alliadas a uma vontade direita e a um temperamento arrebatado e ardente, foram os elementos que o armaram para a propaganda republicana, *vis-a-vis* de uma facilidade verbal que assombrava a quem o ouvisse.

“Pequenino, nervoso, entre gordo e magro, pés e mãos delicados, de creança, cabeça redonda, proporcional á altura, olhos de extrema vivacidade, nariz adunco, de asas aflantes e abertas, bocca energica, com um gesto de altivo desdem, queixo saliente, indicativo de pertinacia — quem o observava com attenção reconhecia immediatamente estar em face de um homem não vulgar, de uma organização singular, de linhas fortes, salientando-se do vulgo com um bello alto relevo de força, energia e resolução” (49).

Quando falava, com a facilidade e calor que o sagraram um notavel tribuno popular, “tinha invariavelmente um gesto expressivo. Antes de subir á tribuna, abotoava a sobrecasaca, dava expressão ao olhar e, como grande hypnotizador, entrava valentemente no circo da acção, contando dominar as feras — o povo”, que sempre o ouvia com attenção, mesmo que discordasse das idéas que defendesse.

A sua apparição nas hostes propagandistas “assignalou um periodo de incitamento e direcção até então desconhecido”, informa FELICIO BUARQUE nas suas *Origens Republicanas*”.

(49) VALENTIM MAGALHÃES — op. cit.

“Foi elle quem lhe deu esta actividade e quem imprimiu-lhe a celeridade que se accentuou de 1888 a novembro de 1889. E’ uma das suas mais imponentes figuras. Podemos mesmo dizel-o — nesta phase foi elle quem melhores serviços prestou. Occupou o plano superior da collaboração mental da propaganda, da qual decahiu, logo que a aspiração democratica foi uma realidade com a revolução” (50).

Si antes da abolição a propaganda já se fazia, prejudicada, entretanto, pela frieza e as reservas que Quintino impunha a Lopes Trovão, com Silva Jardim “ella precipitou-se, bastando dizer que até 13 de maio se tinham organizado uns sessenta clubs republicanos e desta data até novembro de 89 organisaram-se oitenta” (51).

Era a acção exclusiva desse extraordinario rapaz que fazia o milagre da ressurreição, pois, a mentalidade da “revolução, porém no sentido moral”, havia amortecido a chamma de 70 a tal ponto, que Ruy Barbosa foi lembrado para a pasta da Agricultura no gabinete da abolição...

Mas, é justamente essa exuberante pugnacidade que o iria prejudicar dentro do partido.

Desde o inicio da propaganda Silva Jardim notára que os marchaes do movimento republicano, todos homens já velhos e incapazes de comprehender e sentir o calor da sua estuante mocidade, não approvavam

(50) JOSÉ LEÃO — op. cit., pag. 164.

(51) Idem — pag. 227.

o seu trabalho de peregrinação ás provincias, onde pregava os novos principios democraticos directamente ao povo, sem o inconveniente de turvar-lhes a comprehensão com a exposição compacta de doutrinas nem sempre ao alcance da intelligencia popular.

Quando, alarmados com o prestigio sempre crescente de Jardim no seio das massas pelo vigor da sua palavra incendiaria, o propagandista resolveu a viagem a Minas, Quintino Bocayuva fizera expedir circulares para essa provincia, declarando que "o partido não se responsabilizava por essas conferencias" e que Jardim agia por determinação meramente pessoal, isso com o fim evidente de desprestigiar-lhe a acção junto dos republicanos mineiros.

Era o temor que se apossava desses velhos, assustados com a intelligencia e a combatividade do menino que já levantara S. Paulo com o seu verbo de fogo...

Jardim, entretanto, movido por outro sentimento em que não entravam essas inferiores migalhas de competição, proseguiu desassombradamente no caminho iniciado em Santos, e voltou do interior a S. Paulo sagrado chefe do partido pela efficiencia da sua poderosa capacidade de acção congregadora.

Foi quando resolveram a realização do congresso republicano de julho, no qual elegeram clandestinamente presidente do partido a Quintino Bocayuva, contra a expressa vontade de Rangel Pestana e outros republicanos.

Nesse Congresso, depois de caracterizada a scisão entre Quintino, que pregava a "revolução, mas no sen-

tido moral”, e Silva Jardim, que optava pela revolução sem mais exame e a dictadura scientifica, este ainda se esforços por demovel-os do erro de uma attitude platonica, que só poderia comprometter a idéa republicana.

“O momento é o mais opportuno para a instituição da republica no Brasil, é o mais adequado para a sua instituição sem grande abalo social — discursava. A nação inteira está mesmo á espera de um novo estado de cousas, sente-se nas vesperas de uma reorganização. O partido dito conservador invade o terreno de reformas liberaes, o partido liberal arvora a bandeira da federação, que bandeira arvoraremos nós? Certo que a da republica immediata, e pois a da revolução”.

E mais adiante, referindo-se á adhesão aos liberaes, preconisada por Quintino e outros, argumentava:

“Porque razão o 7 de abril degenera em movimento monarchico? porque o grupo dos exaltados deixou-se vencer pelo dos moderados. E’ mister evitar a nossa entrega ao liberalismo, sequioso do poder, tornando-se republicano de um dia para outro. E’ preciso tirar o partido republicano deste perigo: que à Republica seja a Monarchia sem Imperador!” (52)

A incapacidade organica de Bocayuva para chefiar o partido nessa hora de acção intensa e vigorosa era patente. Homem frio, de habitos sedentarios e pacificos, sem a necessaria bravura que o momento impunha, era impressão geral que essa chefia fosse entregue a Jardim, já baptisado no fogo das campanhas da propaganda.

“O sr. Quintino, com todo o seu talento de polemista, sua correção proverbial, sua amabilidade gentil, sua requintada polidez, não era seguramente, depois dos factos de 30 de dezembro, o homem indicado para a direcção revolucionaria, não por que lhe faltassem coragem civica e dedicação patriótica á causa commum, mas por necessidade de mocidade e vigor para guiar os combatentes aos perigos, pois a lucta travava-se já entre a monarchia e a republica no terreno da força bruta (53).

Não era, evidentemente, o homem para a situação, pois além de não possuir as qualidades necessarias de heroismo que o momento reclamava, não podia contar com a indispensavel cohesão do partido, que se dividia em mais de duas correntes. “Os partidarios da dictadura pregada por Silva Jardim não se entendiam bem com os positivistas militares, eivados de orthodoxia, que optavam por outra solução politica, e ambos esses grupos eram adversarios intransigentes da democracia do sr. Quintino Bocayuva” (54).

O proprio Rangel Pestana, com toda a sua responsabilidade no seio do partido republicano paulista, não se conteve diante dessa perigosa aventura, e accentuava que “o dr. Silva Jardim, apesar disso, continuaria a ser o homem da revolução onde quer que ella apparecesse”.

(53) JOSÉ LEÃO — op. cit., pags. 194-95.

(54) Idem, pag. 233.

“O Congresso de 9 de outubro de 1888 não resolvera o caso para que effectivamente fôra convocado”, que era o da orientação a seguir na propaganda.

“Os srs. Saldanha e Quintino aconselhavam a maior prudencia e cautela nos meios e processos a empregar. Era a condemnação tacita da conducta seguida por Silva Jardim.

Assim é que nas ultimas conferencias em resposta a Joaquim Nabuco, estava como que entregue ás inspirações proprias e realizou-as independente do apoio da comissão directora, sinão contra o expresso voto de seus principaes órgãos” (55).

Vendo claro no meio da anarchia em que se ia submergindo o partido, Silva Jardim se oppunha tambem ao trabalho de seducção feito em torno do Exercito, antes do momento opportuno, porque sabia dos perigos que esse passo acarretava.

“Já disse as minhas opiniões sobre o Deodoro, o Wandenkolk e outros, além do triste caso do Madureira. Espera-se muito do Custodio José de Mello e mesmo do Floriano Peixoto, que dizem estar muito desgostoso. Emfim, estou certo de que, quando a nossa propaganda tiver penetrado todas as massas, o Exercito estará comnosco. Deixal-o por ora em incubação” (56).

Campos Salles, que fazia côro com o grupo que renegava Jardim e esposava a interferencia do Exerci-

(55) JOSÉ LEÃO — op. cit. — pag. 190.

(56) “Memorias e Viagens” — pag. 369.

to, se lamentava mais tarde desse erro, quando foi da eleição de Deodoro para presidente da Republica:

“... venceu o marechal Deodoro da Fonseca; mas é ahi que se encontra o ponto de partida para as luctas formidaveis que por muito tempo trouxeram perturbada a Republica, e que por vezes regaram com sangue precioso o solo da patria” (57).

Era isso precisamente o que Silva Jardim previa, e todos, sem excepção, deixaram de o ouvir. Não era só a qualidade global do Exercito o que o propagandista temia. Era tambem a qualidade individual de cada um dos seus membros, e ainda Campos Salles, contando o seguinte episodio, confirma a procedencia dos temores de Jardim. E' o caso que, havendo a *Tribuna* enctado uma violenta campanha contra o presidente, em novembro de 1890, Campos Salles, conhecendo a situação e prevendo um choque de consequencias imprevisiveis entre o Exercito e a opinião publica, procurou Deodoro, a quem interpellou.

— Alguns batalhões do Exercito estão dispostos a desafrontar-me — respondeu-lhe o marechal, e projectam um assalto á *Tribuna*.

— Mas V. Ex. consentirá nisso?

— Eu já disse que si elles o fizerem, estarei dormindo para não ver nada... (58)

As ponderações de Jardim nunca foram ouvidas como deviam, e isso talvez porque a sua mocidade e o

(57) “*Da Propaganda á Presidencia*” — pag. 75.

(58) Idem — pag. 55.

seu temperamento não inspirassem confiança a velhos preconceituosos como Quintino e outros. Mas, a verdade é que todos os seus temores se realizaram com a fatalidade de uma pedra que róla...

Não precisava, entretanto, ser um assombro de sagacidade política para enxergar no fundo de todos esses acontecimentos o dedo de influencias extranhas que procurava ha muito tempo confundir as coisas para attingir resultados que contrariariam fundamentalmente a Republica.

Ruy Barbosa, que foi parte saliente em todos os acontecimentos dos ultimos annos do Imperio, confessa:

“A historia ainda não diz, mas os contemporaneos depõem que, ao terminar a campanha (Guerra do Paraguay), rastejava solapada no Exercito uma conspiração para assentar no throno um principe estrangeiro, aliado á dynastia reinante. Ao que accrescenta, o governo sabia, receava, e, por isso, á cautela, fez regressar aos poucos, a intervallos, as forças victoriosas...” (59)

O Exercito era contra a Republica. Deodoro escrevia a Clodoaldo da Fonseca em setembro de 1888: “Republica no Brasil e desgraça completa é a mesma coisa”.

Era essa a situação do paiz, grandemente adversa ao movimento republicano, e exigia chefes prestigiosos e energicos para evitar o esmagamento de apparença inevitavel. O espirito de competição, entretanto, que muito cedo medrou no seio dos republicanos, não

(59) “*Dictadura e Republica*” — pag. 140.

permittiu fossem ouvidas as palavras de aguda penetração que o patriotismo e a clarividencia de Jardim haviam dictado, estabelecendo-se logo, além da lucta com o monarchismo, que se defendia violentamente, o choque de interesses inferiores que enfraquecia e desmoralisava o movimento na hora em que mais necessaria se tornava a sua cohesão.

Mas, a scisão era inevitavel. Prejudicando a causa republicana com os odios, as invejas e as ambições desmascarados nesse Congresso, os “moderados” do partido forçaram o afastamento de Jardim e seus amigos, num momento critico da causa republicana.

“A situação moral das instituições e a indifferença de que elle era objecto no coração do povo, do qual já se tinha desfalcado uma não pequena somma de concurso e de apoio que francamente já convergia para a republica, não deixava de ser perigosa em face do concurso de uma guarda composta de libertos e assalariados, que affrontavam a propaganda sob a suggestão de um sentimento de gratidão e reconhecimento. Sem oferecer apoio moral nem mental, não passaria de um contingente transitorio, e que só serviu para salientar o plano de decadencia a que já tinham chegado as instituições. E esse signal de reacção monarchica, que chegou ao extremo de um edital da policia prohibindo vivas á republica e reuniões republicanas, plantou nos arraiaes da propaganda uma dualidade de opinião acerca do processo que devia ella seguir — si pelos meios radicaes, sem retroceder mesmo da luta material, si pe-

los processos brandos e convincentes. Um grupo e não pequeno aceitou a primeira orientação” (60).

Todos os actos e idéas de Jardim, dessa data em diante, eram recebidos com friesa, sinão com hostilidade manifesta por parte dos “moderados” reticenciosos. Embargavam-lhe a acção, desprestigiavam-na com allegações sinuosas e pueris, quando não se declaravam francamente contrarios aos seus propositos de propaganda activa em todos os sentidos. Elle mesmo confessa nestas linhas como era plano, a todo preço, afastal-o de uma collaboração mais efficiente ao trabalho de solapamento do throno:

“Emquanto o ministerio Ouro Preto se organisava, eu tivera a idéa de enfraquecel-o no berço, convocando um *meeting* em que o povo do Rio protestasse contra a chamada ao poder de um homem que o opprimira com um imposto que o levára á revolta. Era um recurso de guerra muito justificavel, e que poria o governo, ainda não constituido, sem mesmo ter chefe de policia definitivo, na contingencia, ou de reagir desde logo contra o direito de reunião, impopularizando-se, ou de consentir no exercicio delle, deixando, pois, que a torrente republicana seguisse victoriosa. Porém, apesar dos esforços conciliadores de que nesse momento foi orgão Annibal Falcão, nada se pôde conseguir do elemento do partido, que o chefe recém-eleito dirigia, eximindo-se mesmo esses correligionarios de um modo publico,

(60) “*Historia Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil*” — FELISBELLO FREIRE — pags. 273-74.

de toda a responsabilidade dos acontecimentos. Em taes condições preferi, como sempre, a inacção, a qualquer attitude que revelasse serias divergencias, somente prejudiciaes ao nosso triumpho (61).

Posta nestes termos a sua situação perante o partido republicano, nada mais era dado a Jardim senão tornar publico o seu afastamento das hostes chefiadas por Bocayuva. E lançou, então, o manifesto que se vae ler, no qual expõe longamente os motivos que o levaram ao rompimento, e pelo qual se vê a extensão do dissidio que o desligava do P. R. B. E' documento longo, mas merece ser examinado pelas revelações que contém:

“Permanecendo de accordo com a attitude philosophica e politica de minha carreira, e de um modo especial com a assumida no meu manifesto de 6 de janeiro do corrente anno, completa pelo do discurso proferido no banquete que me foi ultimamente offerecido em S. Paulo — cumpro um dever de coherencia, de respeito á opinião publica e á de meus correligionarios, de amor á causa da republica e da minha Patria, vindo declarar que não reconheço a chefia do Partido Republicano Brasileiro ultimamente supposta conferida ao sr. Quintino Bocayuva, jornalista, redactor do “O Paiz”, e membro desse partido, vice-presidente do deposto Conselho Federal, reeleito ha tempos para a direcção da politica republicana nacional.

(61) “*Memorias e Viagens*” — pag. 413.

As razões que determinaram este meu acto são de ordem tal, que obrigam-me mesmo, mais que a depender de acção qualquer do pretense chefe — a negar-lhe radical e completamente o meu concurso á sua obra politica.

Primeiro, não o julgo legitimamente investido da autoridade suprema do partido, já pela constituição do supposto Congresso, onde provincias houve que não foram representadas, onde a representação das que compareceram foi diminutissima no todo e em parte (no qual, direi de passagem, abstive-me de votar) já pelo seu acto principal de reforma da lei organica do nosso agrupamento politico, sem poderes especiaes para tal, já pela sua reunião, effectuada illegalmente em S. Paulo, já pela reserva inutil que guardou — falseando o regimen republicano de fiscalização de discussão publica, falseando o regimen representativo — para que se dêsse a dictadura de um pequeno grupo paulista, não concorde com o mesmo partido, como o futuro o demonstrará e os protestos oriundos de S. Paulo o revelam.

Segundo, descubro na sua eleição o que eu sentia de longos mezes: — uma conspiração de alguns velhos elementos do Partido Republicano gastos para a acção patriotica, e somente capazes da intriga para a cobiça do poder — alliada á falta de comprehensão da situação historica actual, com o pretencioso fito de paralyzar a agitação republicana, por medo dos perigos que ella continuasse a trazer; pela incerteza do goso do po-

der e pela aspiração mesquinha das posições que possa dar um eleitorado republicano dentro do regimen monarchico; e ainda, o que tem mais importancia do que pudera parecer, attenta a utilização dos homens para o serviço politico, pelo receio do predomínio moral dos novos elementos republicanos em acção, o que está na consciencia publica, e que obrigou mesmo a certa reserva a antigos e eminentes batalhadores, e especialmente ao de mais merito que os guiava, porque uns e outros tinham a franqueza de fallar a verdade ao seu partido e aos suppostos chefes do seu partido.

Terceiro, penso que o Partido Republicano, sob pena de covardia, deve, ao menos, não recuar da actual phase de agitação politica, em que por vezes não ce-deu, mesmo diante das armas, repetindo solennemente e realizando com coragem os compromissos dos seus manifestos anteriores, principalmente os do manifesto paulista de 24 de maio do anno passado — comprometteu-se a combater o terceiro reinado em todos os terrenos; e o sr. Quintino Bocayuva não tem, nem deseja ao menos ter um tal projecto, como se vê do seu discurso em S. Paulo, em que erradamente se acastellou no terreno da theoria da evolução, que jamais foi ensinada para justificar a fraquesa; nem possui no terreno material os habitos de bravura pessoal no arrostar o poder, affeito á submissão á força regular ou irregularmente armada, e á submissão á força do capital, pelo modo fatalmente dependente por que exerce a sua profissão.

Quarto, entendo que, para honra do Partido Republicano Brasileiro, e para que forme seus creditos de capacidade politica directora, tão abalados pela incompetencia e impericia de muitos dos seus chefes, elle tem o dever de formular o programma a realizar no governo republicano, quando este lhe seja commettido; e o sr. Quintino Bocayuva não reúne as condições de habilitação para tal, já por ausencia de educação intellectual apropriada, o que seu manifesto evidencia, já por uma educação civica inteiramente feita dentro do regimen monarchico.

Quinto, e principalmente, porque, conservando o solido principio fundamental do Partido Republicano, e as suas gloriosas tradições guerreiras e pacificas, já é tempo de dar-lhe uma melhor direcção politica, mais scientifica e mais patriotica quanto á doutrinação e processos; direcção não vasada unicamente nos moldes democraticos, que o confundem no passado com o partido liberal e no presente revelam o perigo de fazel-o absorvido por este partido, o que obriga os republicanos a não acceitar o modo por que, por falta de estudo conveniente, o sr. Quintino Bocayuva concebe a republica; modo vago, esteril, anarchico, atrasado e utopico, segundo a cerebração já retrograda de 1870, e pois perigoso na sua applicação ao nosso paiz, quando nas nações onde tal regimen se realizou partidos em massa pedem a sua reforma.

Torno-me, portanto, solidario com todos aquelles que — e não serão poucos, máo grado os manejos da

conveniencia politica levada até o sacrificio das opiniões — tacita ou explicitamente repellirem, por um motivo de desejo de acção ou por uma questão de principios, a chefia do sr. Quintino Bocayuva; e pois, com o orgão do Partido Republicano de Pernambuco procurando corresponder aos votos que em nome daquelle aggre-miamento faz quanto á minha obra politica, no que toca á organização de um partido republicano constructor, preliminarmente revolucionario, em que realmente se deseje para a Patria uma presidencia poderosa, instituida pela vontade popular, a principio por acclamação, sujeita em seguida ao suffragio universal, capaz de ser autoridade, na qual se deposite uma cautelosa confiança, inteiramente fiscalizada pela Assembléa Nacional, Camara financeira, e pela opinião publica, por meio de todos os seus orgãos, tornada assim o delegado representativo da Patria, synthese da liberdade; e pois o Governo, na combinação feliz dos dous elementos que esta palavra resume: Poder e Povo — programma verdadeiro e pratico do Partido Republicano, que prometto em breve desenvolver, com a autoridade que me dão meus serviços, o applauso publico largamente manifestado, e com o auxilio das luzes de eminentes compa-nheiros.

Nestas condições, convicto de que cumpro um dever evitando ao partido os perigos de uma direcção que julgo má, e não querendo, pela solidariedade, ser responsavel pelos actos della, não reconheço a chefia do sr. Quintino Bocayuva, a quem, de resto, respeito pelos

seus serviços intermittenemente prestados á propaganda republicana “revolucionaria no terreno moral”, desde 3 de dezembro de 1870 até 13 de maio de 1888, a quem estimo como a um republicano mais velho, mau grado nossa divergencia, e a quem agradeço o cavalheiroso tratamento pessoal que commigo tem commerciado.

E tendo maduramente reflectido no conjuncto da nossa situação politica, na grande obra que é dado fazer á nossa geração, e nos impecilhos que os fructos pecos da arvore monarchica querem oppôr á vanguarda republicana — termino este manifesto preliminar denunciando solennemente, e sob minha responsabilidade, a todos os republicanos o plano, consciente ou não, de paralyzar a nossa acção, cobrindo-a com principios á primeira vista attractivos, e o que é pior, o de, na hypothese da lucta, acceitar a victimação dos mais ousados; não em prol do bem publico, e sim dos interesses da ambição pessoal de governo, expondo largamente ao publico, si necessario fôr, as rasões da minha profunda convicção.

Sei que assim crio inimigos, sei que arrisco-me a perder a popularidade, sei que junto elementos de combate ao odio dymnastico, que para mim realmente se volta, e que abro mão das migalhas de poder que em nome do povo me têm sido offerecidas. Sou, porém, simples e unicamente coerente com o meu passado e com as minhas affirmações publicas, lamentando o egoismo, a fraqueza e a incompetencia de muitos, que não

querem ser fortes para serem irresponsáveis. Nem faz mais com isto que cumprir um dever para com sua Patria quem tem sacrificado a commodidade de sua pessoa, de sua familia, gosos e socego do lar, pequenos elementos de fortuna, que tem posto em risco sua mesma vida e liberdade, em bem da liberdade e da vida da Patria, e que não recebeu apoio das multidões, animação dos homens serios de seu partido, nem tomou compromissos solennes, para depol-os fraco e resignado perante quaesquer influencias alheias á marcha da politica republicana, ou abatido e vencido, diante das ameaças barbaras do poder publico. Ainda quando sua voz fosse a unica, que não é, ella seria patriotica, e pois seria honrada pela Posteridade, como um digno protesto na historia do Partido Republicano. E, si não fôr patriotica, que o publico a julgue e a Posteridade a castigue. O certo é que jamais essa voz será cúmplice do que supõe um ataque, consciente ou não, aos sagrados interesses da Patria — e olhando o futuro brasileiro, no alto posto em que o publico a collocou, ella continuará a ser, espero-o, a voz da consciencia nacional, cada vez mais revoltada contra uma monarchia infame, que, quando não corrompe pelo dinheiro e pelas posições, corrompe pelo cansaço e pelo terror” (62).

E entrou de rijo na propaganda que elle sentia a melhor e mais accorde com o momento, quando as violencias se multiplicavam com a ascensão do Gabinete “Cresça e appareça”.

A propaganda oral, que arrepiava a placidez de Quintino, elle a fez com a bravura e o calor que já conhecemos, não descurando tambem a propaganda escripta, que a sua impressionante capacidade de trabalho derramava em cartas, artigos e manifestos por todas as provincias do paiz.

Foi quando, com a sua sagacidade penetrante, se lembrou na evangelisação de entrelaçar tres questões distinctas, mas que convergiam para um mesmo fim:— a abolição, chefiada por Patrocínio, Quintino Bocayuva, Joaquim Serra, Ruy Barbosa, Nicolau Moreira, João Cordeiro, José Bonifacio, João Ramos, Nabuco e os philosophos do Centro Positivista; a Republica, encetada com o manifesto de 3 de dezembro de 1870, chefiada pelos seus signatarios e por Saldanha Marinho, Bocayuva, Aristides Lobo e os demais conhecidos; e a separação da Igreja e do Estado, defendida por Saldanha Marinho, “ a um tempo chefe da maçonaria e do partido republicano” (63).

E quanto aos que affirmam que as suas convicções philosophicas prejudicaram o seu prestigio entre os companheiros de lucta, o proprio Jardim relembra um dialogo com Paula Costa:

(63) CAMPOS SALLES, in *“Da Propaganda á Presidencia”*, pag. 201, informa que Leão XIII lhe declarára que a Igreja se sentia melhor com a Republica, no regimen de separação, que com a monarchia, comprovando o acerto da propaganda quando se utilisava desse principio antes mesmo da sua consubstanciação no programma do partido.

— Não renego nenhuma das theorias de Augusto Comte. Simplesmente, não sou um theorico e sim um pratico, pois vi que era preciso entrar na politica; reserve-me o direito de applicar a doutrina á situação actual do paiz, realizando quanto posso pessoalmente.

Não tenho preocupações philosophicas nem religiosas. Sigo, pois, a mesma linha anterior, com uma ligeira attenuação. E' preciso ser mais tolerante".

E ajuntava: "A minha tarefa é a de um propagandista politico e não a de um apostolo doutrinario".

Ainda a Alberto Torres expressa nitidamente o seu pensamento a respeito. "O meu amigo, que mais tarde me suppoz um momento inspirado pelo fanatismo de seita, o que determinou a retirar-me o seu apoio, perguntara-me si eu desejava chegar ás ultimas soluções da politica positiva.

— Não — lhe respondi. Do abstracto ao concreto, da theoria á pratica, vae um grande passo. Não podemos formular programma senão para o momento (64).

Mas a intransigencia religiosa e doutrinaria de muitos companheiros não os deixava acreditar no alto idealismo de Jardim. A sua pouca idade talvez concorresse para que as idéas que pregava não encontrassem consonancia no espirito de velhos frios como Bocayuva, que alarmava os mais intimos com a sua impenetrabilidade de pedra.

A sua convicção, entretanto, cada vez mais se aprofundava. A molestia do Imperador, a propaganda sepa-

(64) "*Memorias e Viagens*" — pag. 330.

ratista, a iniciativa de S. Borja, a idéa de federação, as questões militares, a victoria abolicionista, a irritação agricola, a sua propaganda, o protesto do commercio contra os impostos, as eleições republicanas, o incidente da Escola Militar em que o ministro se vira desrespeitado por um estudante, a impopularidade do conde d'Eu e sua mulher, eram factores que, resultantes todos da repulsa americana pelo poder monarchico, levaria em breve á queda deste, sem que lhe valesse a reacção violenta do novo Gabinete. "Todas as reacções são vespera de revoluções, e o poder se torna tyrannico quando se sente fraco na opinião".

Era tal a clareza com que elle via os acontecimentos, que nunca duvidou da possibilidade da Republica, mesmo sem o auxilio directo do Exercito. Na sua Carta Politica de 6 de janeiro essa convicção se revela publicamente, e Felicio Buarque se assombra com o seu "espirito vidente" que "violou á Historia a incognita do 15 de novembro com estas palavras: "A revolução brasileira está destinada á cidade do Rio de Janeiro... E deve estalar pujante e victoriosa em torno dos passos ministeriaes no anno de 1889. O anno de 1889 vae ser para o Brasil o anno excepcional".

Assim pensava Jardim, mas a sua clarividencia era embaraçada pelo receio dos mais velhos. O que logo de inicio o incompatibilisou com a Republica foi justamente essa cegueira com que agiam os corypheus do partido. Bocayuva e Guanabara dispersavam no Rio o que de melhor a causa contava em sympathias populares,

rompendo fogo contra Patrocínio, que por sua vez arastou Olavo Bilac, Capistrano de Abreu e o proprio Machado de Assis, com toda sua cautelosa reserva de burocrata...

Que os seus temores e desconfianças eram rasoaveis e procedentes quanto aos rumos tomados pela direcção do partido republicano, estão todos os factos posteriores á proclamação de 15 de novembro para attestal-os. A supremacia da força armada, os choques sangrentos de interesses pessoaes, os pronunciamentos militares, os descalabros financeiros, as prostituições constitucionaes e, corôando tudo isso, o esmagamento do povo em todos os seus direitos e liberdades, são tristes episodios que Silva Jardim previu e denunciou um a um aos homens a que a ambição do poder, a cegueira e a inveja impediram de remediar...

O PUBLICISTA



○ POLEMISTA vigoroso e ardente que iria em São Paulo levantar contra si toda a Academia, desde os verdes annos de preparatorios se revelára com as qualidades que esse genero difficil de literatura exige de quem o pratica: atilado espirito de observação e de critica, combatividade heroica e soberano dominio sobre os assumptos em debate. Esta ultima prenda, Silva Jardim enriqueceu-a fortemente com a philosophia positivista, que começou a estudar em novembro de 1881.

Quando preparatorio no Rio, se deixou empolgar pelos encantos da Historia, e chegou a escrever a primeira parte de um ensaio sobre Tiradentes, dado á publicidade em 1876, no "Labarum Literario", de que foi redactor-chefe. Era um estudo vehemente e nervoso, e isso encheu de cuidados a assustada mediocridade do pae, que em carta lhe censurava o trabalho, taxando-o de "exaltadinho" e "acreançolado"...

"Os meus escriptos — respondeu-lhe Jardim — são todos sobre *Gallicismos e Tiradentes*.

Quererá referir-se a este ultimo? Eu creio que não será crime manifestar alguém suas idéas, desde que não offenda a pessoa alguma. O homem tem liberdade de pensar, diz o padre Barbe.

As idéas que expendo sobre Tiradentes nada têm de “exaltadinhas”, pois ninguém pode deixar de concordar com ellas. Falla-se ahi de relance sobre absolutismo, e quem o deseja? Quem não quer a liberdade?

Tambem não tem nada de “acreançoladas”, porque muitos anciãos as seguem. Quanto ao comprometter-me, não creia. Antes assim fôsse, porque era isso uma prova de que ligavam apreço á minha pessoa.

Era minha intenção concluir o estudo sobre Tiradentes, no qual pretendia mesmo ganhar algum dinheiro; mas, á vista de semelhante prohibição, não o farei.

As idéas que tenho a additar são consentaneas á maneira por que principiei o trabalho e não posso modificá-las. A todos devemos o respeito e veneração, mas a ninguém o sacrificio de nossa consciencia. As idéas expendidas são filhas da civilisação; quem actualmente fizer obras que tenham o cunho dos seculos XV e XVI, esteja certo que nada conseguirá. Por conseguinte, não tenho receio de haver escripto cousa alguma que me possâ comprometter.

E' verdade que quem me ler sabe logo quaes são minhas crenças politicas, mas terei sempre muito praser nisso, porque não necessito occultá-las” (65).

Gabriel Jardim nunca approvou as tendencias do filho para o jornalismo. Em varios passos das suas cartas manifesta o seu desagrado a Silva Jardim, que não resistia, apesar da sua commovente obediencia á vontade paterna, ás sollicitações do seu espirito irrequieto.

O mesmo facto vamos encontrar no caso da "Comedia", jornal humoristico que elle e Valentim Magalhães redigiam em São Paulo. Gabriel Jardim escreveu-lhe uma longa censura, na qual, não tendo certamente argumento mais solido para oppôr á attitude do filho, apegou-se ao titulo do jornal, que se lhe afigurava de pouca circumspecção.

"O jornal chama-se "Comedia" — justifica-se, — e não me parece isto nenhum contrasenso. Dante escreveu a "Divina Comedia"; Balzac escreveu a "Comedia Humana". Parece que eu não sou melhor do que elles...

Ninguem se lembrou ainda de achar inconveniente o *Figaro*, o melhor jornal de França. Figaro, entretanto, é o nome de um barbeiro. Quem conhece literatura, não dá valor a essas pequenezas (66).

Transferindo-se para S. Paulo em 1879, nesse mesmo anno publicava os "Bardos da Inconfidencia", retornando de certo modo ás idéas sobre Tiradentes, que era a sua preocupação (67), em cujo estudo, de "estyllo arrevesado e impertinente, arrebicado de gongorismo", Valentim Magalhães descobre "um solido senso critico, uma lucida e penetrante faculdade judicativa". Esse trabalho foi dado á luz na revista "Direito e Letras", onde tambem estampou um outro sobre os "Rumores vulcanicos" de Teixeira Bastos.

(66) José LEÃO — op. cit., carta de 22 de maio de 1881 — pag. 54.

(67) José LEÃO — op. cit. — pag. 32, observa a affinidade de Jardim com Tiradentes: "Mui pontual nos seus deveres e sempre lembrado para as mais arriscadas diligencias".

Nesse tempo, Silva Jardim já tinha a sua bagagem de cultura fornida em Sainte Beuve, Planche, Taine, Theophilo Braga e principalmente Luciano Cordeiro, o critico da nova geração coimbrã, de quem “assimilou o estylo *saccadé* e artificioso”, no dizer de um dos seus amigos.

Por intermedio de Inglez de Souza, o furibundo Luiz Dolzani, entrou para a “Tribuna Liberal”, onde fazia uma secção, as “Philagranas”, em que se fixavam as suas qualidades de critico.

O seu temperamento arrebatado e ardente, cheio de uma audacia heroica e viril, o levou por essa época a ser vaiado pela Academia, em virtude das suas acerbas criticas ao ambiente de São Paulo, eivado do velho e bolorento espirito de Coimbra das sebtentas. Era a influencia de Luciano Cordeiro actuando no seu espirito sedento. E publicou a “Gente do Mosteiro”, violento pamphleto em que os escriptores da Academia eram zurzidos impiedosamente.

Foi uma horrenda lucta. Silva Jardim provocara uma reacção violentissima por parte da Academia, e os artigos, folhetos e discursos o sitiaram de baldões e de injurias. “Os muros da cidade amanheciam cheios do nome de Silva Jardim, seguido de adjectivos deprimentes”...

Varias vezes, por essa epoca, foi atacado physicamente, reagindo sempre com a bravura que era a sua maneira de ser, contrahindo, desde então, o habito de andar armado.

O que mais o preocupava, nesse oceano de lama que o seu temperamento levantára, era a pessoa da sua noiva, a sua doce e meiga Anna Margarida, sempre presente no seu coração enamorado.

Mas, o homem nascera mesmo para a lucta. E quando Camillo Castello Branco, no seu "Cancioneiro Alegre", se referiu menos justamente aos escriptores brasileiros, cil-o novamente na liça, publicando a "Critica de escada abaixo", em que as suas qualidades de critico e polemista attingiram a altura do aggressor.

De parceria com Valentim Magalhães escreveu ainda "Idéas de Moço", em que se lê o "Grito na Treva", de pretenciosa e indisfarçavel influencia byroniana, e "General Osorio", panegyrico de forte repercussão na época.

Collaborou assiduamente na "Provincia de São Paulo", onde conheceu Rangel Pestana, chefe do partido republicano paulista, que tanta influencia iria exercer no seu espirito, pois as suas idéas já denunciavam o republicano intemerato da propaganda.

Dessa data em diante já a philosophia positiva o havia roubado ao jornalismo puramente literario, transformando-o no formidavel argumentador politico que iria reaccender no paiz amodorrado a chamma extincta do manifesto de 70.

Foi quando mais trabalhou. Accumulando os afazeres da imprensa e do magisterio, proseguia o seu curso de direito, que repartia com as prelecções de philosophia positiva no "Centro" da rua do Piques.

Nesse tempo eram professores da Academia, entre outros, o Conselheiro Martim Francisco, seu futuro sogro, que, “lente de direito ecclesiastico, mas livre pensador, explicava a materia em dez minutos”; e o professor Cabral, Conselheiro Prudente Giraldes Tavares da Veiga Cabral, “que sympathisava ou antipathisava com os estudantes conforme a bôa ou má “toilette” e conforme o nome que tinham recebido no baptismo.

— O senhor vac muito bem! Muito bem! — dizia ao estudante bem vestido, na arguição.

É terminada a aula:

— Diga-me, moço, quem lhe fez essa roupa? Está muito bem feita!

Ou então:

— O senhor não sabe nada! O senhor não sabe nada!

E com os botões:

— Procopio! Um homem que se chama Procopio! Si pode saber Direito um homem que se chama Procopio! (68)

Morto o conselheiro Martim Francisco, Jardim é convidado pelo cunhado a passar-se para Santos, onde se associaram no escriptorio de advocacia, e foi nessa cidade que iniciou a sua carreira francamente republicana, fazendo o seu primeiro discurso no *meeting* de 28 de janeiro, de apoio á Camara Municipal de S. Borja.

Dessa epoca em diante a sua preocupação maxima e absorvente foi a Republica, preocupação que se ma-

terializaria numa serie brilhante de conferencias, discursos e viagens de propaganda.

Não iria ter mais descanso e tranquillidade, porque a abolição estava na sua fase final, o que representava o meio mais efficaz para se chegar á Republica.

Tornou-se advogado dos escravos, visitava e prestigiava o quilombo de Jabaquára e, com isso, apoiava a deserção dos pretos, que já se fazia em massa de todos os recantos de São Paulo.

Afinal, veio o 13 de maio. Santos delirava de contentamento civico e Silva Jardim se fez poeta, creio que pela primeira e ultima vez, compondo estes versos para os libertos cantarem pela cidade em festa:

Izabel não teve medo
Assim é!
Viva o Senhor João Alfredo!
Olaré!

Acabou-se a escravidão,
Assim é!
Viva os Santos Garrafão!
Olaré!

A cousa segue com tino,
Assim é!
Viva o Lacerda Quintino!
Olaré!

E foi sem susto maior,
Assim é!
Viva, pois, nosso major!
Olaré!

O rythmo dos acontecimentos se accelerava e, com elle, a actividade de Jardim.

Limeira e outras cidades de São Paulo reclamam a sua palavra, e elle inicia a peregrinação civica da propaganda republicana.

Dessa epoca febril até o seu exilio escreveu e pronunciou innumeradas conferencias e discursos, como se vê abaixo:

“A Patria em perigo”, “Bragança e Orleans”, “A salvação da Patria”, “A Republica no Brasil”, “Pela Republica, contra a Monarchia”, “Tradições republicanas”, “Tiradentes”, “Discurso sobre a situação politica actual” (servindo de manifesto á Bahia e de apoio ás provincias do Norte), “Politica republicana revolucionaria”, “A situação republicana”, “A chegada do Imperador e a partida do Imperio”, “Objecções á Republica”, “A organização da Republica”, “Carta á provincia de Pernambuco e ao paiz”, “O movimento republicano. Suas origens. Sua justificação. Sua grandeza”, “O Exercito e a Nação”, etc.

Mudando-se para o Rio em setembro de 88, ahi desdobrou-se na mais extenuante actividade, pois collaborava no “O Paiz”, no “Grito do Povo”, na “Gazeta de Noticias”, no “Mequetrefe”, na “Cidade do Rio”,

na "Gazeta da Tarde", etc.; pronunciava discursos e conferencias, quasi diariamente, quando escreveu essa peça notavel de equilibrio, elevação, patriotismo e doutrina, que é a "Carta Politica" de 6 de janeiro, com a qual se desligou do Partido Republicano Brasileiro para se entregar á propaganda sem os freios e as hostilidades que lhe estavam embaraçando a acção.

Já no exilio, deu a lume as "Memorias e Viagens", livro indispensavel a quem quizer conhecer o tempo da propaganda republicana, com as suas grandes e as suas miserias, os seus odios e as suas ambições encapelladas.

Nesse volume elle examina serenamente a lucta dos interesses, os avanços e os recúos, o desprendimento de poucos e a inveja e a trahição de quase todos, quando ainda não estava caracterizado o destino da Nação, quando ainda o paiz não estava garroteado para a facil distribuição dos despojos...

E' um livro que deve arder como ferro em brasa na consciencia dos *profiteurs* e adhesistas, que naquella hora appareceram ás centenas...

"Discursos, opusculos e manifestos", que Silva Jardim nos refere nas "Memorias", parece que desapareceu, e José Leão nos informa: "Esta edição frustrouse sem causa justificada; ao que me consta, era della encarregado o sr. Serafim José Alves" (69).

E' pena, pois esse volume contem revelações de grande valor para a historia da republica, inclusive de-

talhes sobre as disposições guerreiras do terceiro reinado com relação á Republica Argentina.

A morte surprehendeu-o concluindo as suas memorias e uns compendios sobre doutrina republicana á luz da philosophia positiva, o que accumulava com as viagens de instrucção e um curso de sciencias politicas em Paris.

A obra meramente literaria de Silva Jardim, é necessario dizer, peccou pela negligencia da linguagem e certo artificialismo do estylo, que era pretencioso e gongorico; mas não se pode deixar de estimar-lhe, contudo, a força e a nobresa que infundia ás idéas que sempre defendeu com fogo e idealismo, e alguns dos seus discursos e conferencias resgatam as imperfeições do estylo, que sempre serviu a ideaes alevantados e puros.

O EXILIO VOLUNTARIO



O DISSIDIO aberto entre Silva Jardim e os donos eventuaes da Republica — aquelles que só arriscaram por ella a vida na festiva parada de 15 de novembro — se avolumou depois que as ambições desenfreadas se apossaram do Estado do Rio, entregue, pela Dictadura, á inconsciencia de uma camarilha sem escrupulos, chefiada pelo arrivismo sequioso de Francisco Portella.

As eleições da Constituinte, nas quaes Jardim foi votado em Minas, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, transcorreram debaixo da compressão e do suborno os mais revoltantes, vendo o seu nome, principalmente no seu Estado, preterido e annullado pela avalanche de adhesistas e forasteiros que a Dictadura canalizára, entregando os fluminenses aos appetites ferozes que ainda hoje os infelicitam.

Accresce que o dissidio creado pela carta politica de 6 de janeiro fizera o seu caminho no seio dos moderados a tal ponto, que o nome de Silva Jardim, nos ultimos dias da monarchia, fôra cuidadosamente afastado de todas as conspirações e entendimentos, dando a impressão de que se havia dado uma transformação radical no ponto de vista do propagandista no sentido da monarchia.

Como já vimos, desde o início da propaganda se estabeleceu entre elle e os chefes de São Paulo e do Rio pequena divergencia, que se foi avolumando, quanto aos methodos de acção da campanha, que elle queria radicaes, culminando na revolução civil, e Rangel Pestana, Glycerio, Bocayuva e Alberto Torres, que opinavam pelo envolvimento paulatino do throno, com a adhesão aos liberaes. Seria o que elle chamava a "Monarchia sem Imperador", com evidente annullação dos republicanos.

E não era só essa divergencia que o separava dos companheiros, aggravada com a attitude de agir francamente, sem ouvir-lhes as ponderações de exaggerada prudencia. O extemporaneo apoio militar que elles julgavam indispensavel ao golpe revolucionario, Jardim tambem não perfilhava com a confiança e o enthusiasmo que a todos possuia. E tinha razão, pois os receios que o salteavam se confirmaram inteiramente, dentro de dois annos.

Sabedores das reservas com que Silva Jardim recebia a collaboração do Exercito, os chefes militares, ia dizer os *profiteurs* da revolução, entraram de comprimir, logo feita a Republica, todos quantos se oppuzeram, com razões elevadas, á dictadura militar. O proprio Benjamin Constant, companheiro de farda, soffreu essas consequencias, que os observadores menos avisados attribuiam aos principios philosophicos que ambos esposavam.

A razão, entretanto, não era só essa. Silva Jardim, pelo seu prestigio avassalante, pela incorruptibilidade

dos seus principios e pela bravura com que os defendia em qualquer emergencia, se tornára um corpo incommodo aos arranjos dos interesses, principalmente dentro do seu Estado, entregue aos caprichos da Dictadura na pessoa de Francisco Portella.

De chefe natural, de conductor legitimo da politica do seu Estado, passou a ser caudatario de uma situação que a ferocidade dos instinctos em ebulição crearam para devorar o primeiro que levantasse o seu protesto. E o primeiro fôra elle, que não podia referendar o massacre das suas idéas, pregadas desde as horas incertas da abolição.

Derrotado nas eleições para as quaes elle proprio fizera a lei reguladora; despojado da direcção effectiva da politica de sua terra; banido pelo receio e a inveja da alta direcção da Republica nascente, a sua dignidade, a sua pureza de apostolo desprendido só tinha um caminho para indicar-lhe: o do exilio.

E a 2 de outubro de 1890 deixou o paiz, com a intenção de voltar quando estivessem saciados os appetites.

A familia se oppunha a essa viagem, como si renunciasse qualquer coisa. Martim Francisco, seu cunhado, mais de uma vez o convidára a voltar para Santos, "e que ao menos deixasse com elle, repartidamente com sua mãe, os dous sobrinhos mais novos, o Danton e a Beatriz (70).

(70) JOSÉ LEÃO — op. cit. — pag. 286.

Debalde. Apesar dos pequenos recursos de que dispunha, accedeu apenas em deixar as creanças, levando somente o mais velho — o Antonico.

Em novembro estava em Lisbôa e a 14 deste embarcava para Paris. Ahi tomou casa á rua Villiers, 68.

“Não é desrespeito á sua memoria — dizia a “Gazeta de Noticias” de 4 de julho de 91, noticiando a sua morte — dizer que em Paris elle vivia graças á pensão de mil francos, que um espirito superior e seu admirador e amigo alli lhe fornecia”. Esse amigo era Oscar de Araujo, velho cavalheirismo com que Silva Jardim contou em varias occasiões da sua vida intranquilla.

Distante do Brasil, de onde sahiu nas condições moraes que conhecemos, o seu grande e generoso amor da patria não feneceu. Viajava e estudava com a intenção de voltar e continuar a servir-a com o ardor e o desinteresse que o caracterizavam.

E á Republica, que tão vilmente lhe recompensara os serviços prestados em hora de indecisão, elle se referia assim, respondendo a um *toast* do dr. Robinet, em Bourg-la-Reine:

“L’esprit organique qui a présidè à l’installation de notre république par la preponderance de Benjamin Constant est le secret de son évènement pacifique. Grâce á cette impulsion premiére, je crois pouvoir vous assurer que jamais dans mon pays, quoi qu’il arrive, les competitions politiques n’aboutiront á des luttes fratricides”... (71)

Tranquillamente trabalhava e estudava em companhia da esposa e do filho, num modesto apartamento da Avenue Villiers, quando recebeu a celebre representação do povo brasileiro, assignada por mais de 3.000 eleitores, na qual se lhe rogava voltasse á Patria, entregue já ás luctas da ambição politica que em breve iria ensanguental-a. E estava decidido a fazel-o nesse mesmo anno (72).

A sua preocupação dominante, a sua dedicação acima de canseiras e ingratidões, era a Patria e a familia, por quem o seu alento jamais denunciou a menor fraqueza, e essa representação já vinha encontrar uma decisão nesse sentido.

Esta carta, datada de 1 de janeiro de 1891, em Paris, é significativa de quanto lhe eram caros esses sentimentos, aos quaes um minuto sequer deixou de cultivar com amôr:

“Meu Pae.

Esta não tem outro fim sinão saudal-o e a todá a familia no dia de hoje, bem como pedir-lhe noticias dahi.

De mim, o que lhe posso dizer no momento é que vou vivendo bem, realizando o programma que me tracei, de estudar e viajar, esperando o momento opportuno de intervir mais ou menos directamente nos negocios politicos do meu paiz.

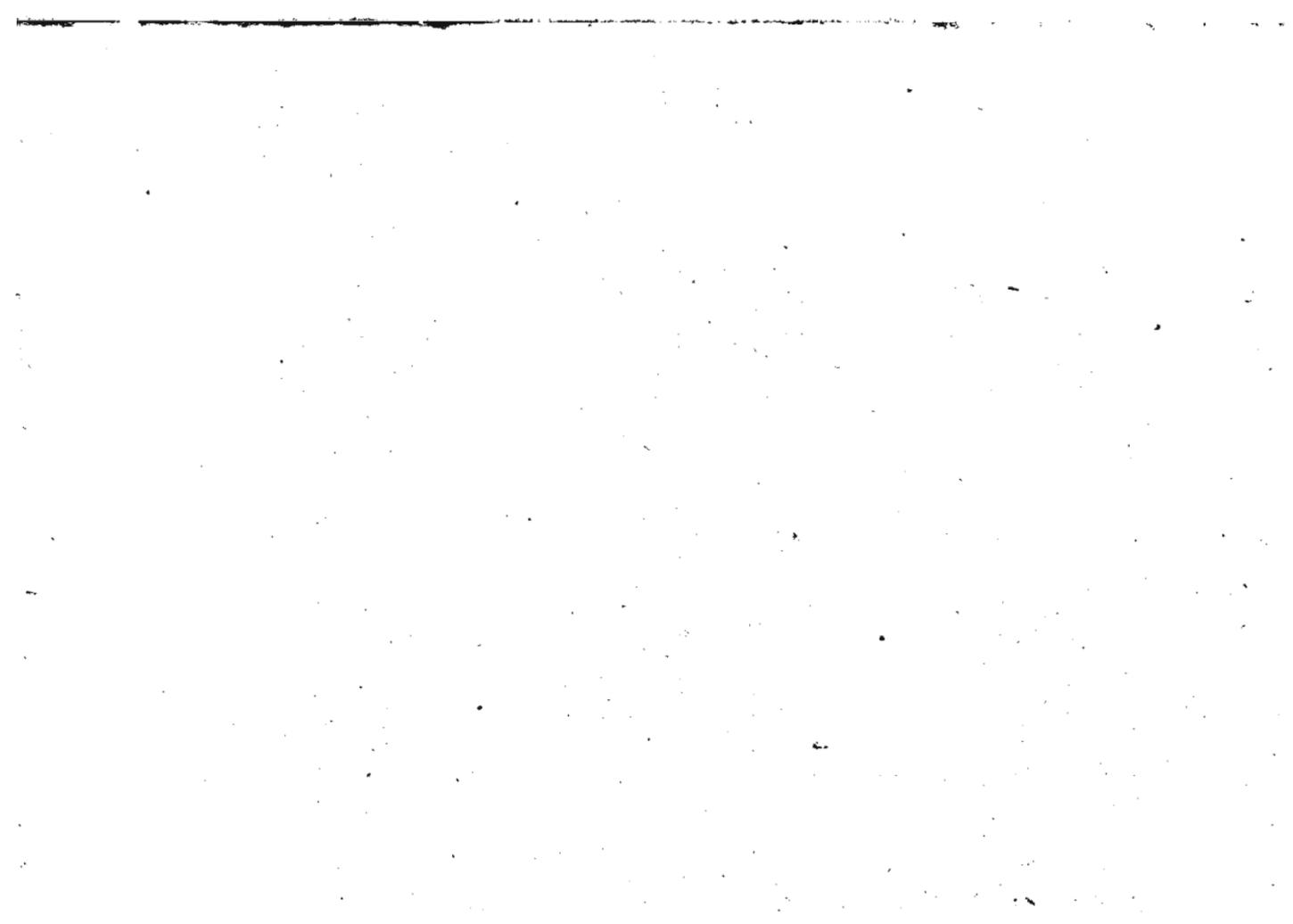
Acabo de percorrer a Hollanda e a Belgica, vou continuar os meus cursos de finanças e de estudos politicos na "Escola Livre de Sciencias Politicas"; a correcção de meus discursos e do meu livro de memorias e viagens, e os meus trabalhos sobre a politica brasileira, ao lado do que se refere á minha profissão.

Espero que a sua situação ahi seja a mesma, e que uma attitude moderada o mantenha no seu cargo.

Vae uma lembrança, etc. Um abraço em minha mãe a quem beijo a mão, outro em Mariquinhas e nos meninos. Seu filho e amigo — *Silva Jardim*" (73).

~ E já estava decidido a regressar em setembro desse anno, quando uma viagem á Italia nol-o rouba para sempre, morrendo, como Plinio ha vinte seculos, na cratera do Vesuvio, e privando o Brasil da sua intelligencia, do seu amor e da sua bravura civica, justamente no momento em que os homens fraquejavam deante da situação que não souberam evitar...

O PRETENSO SUICIDIO



UMA das misérias que os interesses políticos da época assacaram contra Silva Jardim, com o intuito de justificarem o motivo que levou o propagandista ao exílio, era o de lhe emprestar um certo desequilíbrio moral, que o teria conduzido até o suicídio.

E nada é mais falso e mesquinho. Mesmo depois que o grande brasileiro redimira com a morte dramática os possíveis peccados que os inimigos não lhe perdoaram, os invejosos continuaram a ferir essa tecla, tanto mais antipathica e deprimente quanto injusta e mentirosa.

O que se deu com Silva Jardim foi possuir um grande relevo na planicie chata e árida do ambiente em que se moveu.

A sua intransigencia, a sua capacidade de acção, o seu heroismo civico, a sua bravura pessoal, tudo isso concorreu para isolal-o no meio da charneca esteril que era o panorama politico do paiz, depois que a Nação se abateu no cansaço de successos um pouco mais vivos, que foram a abolição e a Republica.

Essa infamia posthuma que lhe assacaram, de que se recorreu ao suicidio para esconder um inexistente fracasso na vida publica, já é tempo de ser desfeita

completa e definitivamente. Só a maldade e a má fé poderão ainda tripudiar sobre a memoria do grande brasileiro, porque os documentos referentes á sua morte são todos accordes em demonstrar a accidentalidade da tragedia de Napoles.

Pinheiro Chagas, o grande escriptor portuguez, que lhe havia sido apresentado em Lisboa por Fernandes Costa, nos relata um episodio significativo, em artigo inserto n' "O Seculo", de 10 de julho de 1891, sobre a sua morte, e que muito corrobora a these da accidentalidade que nos propomos defender.

Conta elle:

"Fernandes Costa, que tem uma filha interessantissima, fôra com ella, com Silva Jardim e com a esposa desse illustre brasileiro passear a Cascaes. Como era natural, a sua primeira visita fôra para a "Bocca do Inferno", lugar que tem sido ultimamente assignalado por desastres impressionadores; como é aquelle sitio um dos mais pittorescos de Cascaes, aos domingos muitas familias alli vão passear alegremente, approximam-se um pouco temerariamente da fimbria dos rochedos. Escorrega-lhes um pé ou não têm força para resistir á onda que bate com violencia, e que, ao refluir como que resabiada pela energica defesa dos rochedos fugosos e immoveis, arrasta consigo os incautos espectadores.

Qual não foi o espanto de Fernandes Costa quando viu Silva Jardim, impavido e ligeiro, saltar de penhasco em penhasco com a ligeireza de pé de um cabrito montez! Lembrou-lhe que corria um serio perigo proceden-

do assim, porque a rocha era escorregadia e porque a vaga podia vir inesperadamente surprehendel-o no meio dos seus saltos a Léotard.. A esposa de Silva Jardim, tranquilla e como que orgulhosa, ria-se do terror que se revelava no rosto amigo de Fernandes Costa, e Silva Jardim, sereno e descuidoso, respondia:

— Oh! não ha perigo! Sou bom gymnastico! Fui educado assim!

Esta narrativa de Fernandes Costa lança luz completa nos mysterios da tragedia do Vesuvio. Contava com a sua agilidade, com o seu sangue frio o intrepido viajante” (74).

Essa intrepidez e esse sangue frio de que nos fala o autor da “Morgadinha de Val-Flor”, já os conhecemos desde os tempos da propaganda, nos successos de Angustura, São João d’El-Rey, Bahia e Recife. A sua coragem pessoal chegava á temeridade e o seu sangue frio á inconsciencia.

As testemunhas oculares do drama, — o compatriota Joaquim Carneiro de Mendonça e o guia, affirmaram ás autoridades que Silva Jardim não attendeu ás observações deste ultimo, sorrindo do medo que se estampava no rosto de Carneiro de Mendonça.

E’ este quem relata:

“Depois de termos visitado Pompeia, nos veio o desejo de fazer a ascensão ao Vesuvio. Jardim recusou terminantemente se utilizar do funicular, preferindo

(74) “*Memorias e Viagens* — (artigos de imprensa) paginas 453 e seguintes.

a viatura. Partimos ás 3 horas da tarde e, precedidos de um guia, remontámos o vulcão. Jardim presentiu o perigo que corriamos e disse: "Se o vulcão entrasse em erupção, o que seria de nós?". Meu desgraçado amigo queria a toda força se approximar da cratera; eram sete horas da noite.

De repente, eu senti sob meus pés uma forte explosão e gritei: a terra treme, fujamos! Já eu fugia e não ouvi a resposta do meu amigo. A terra abriu-se na minha frente e foi o guia que me deu a mão para transpôr a fenda.

Gritei o meu amigo, então; bradei fortemente o seu nome. Em vão. Uma columna de fumo e lava indicava o abysmo onde elle tinha cahido.

Não o vi mais, e o guia affirma tel-o visto recuar para o nosso lado, levando as mãos aos ouvidos.

Era o dia 1 de julho de 1891 (75).

O ministro brasileiro em Roma, dr. Francisco Cunha, tambem depõe em termos irretorquiveis no sentido de provar a accidentalidade do desastre. São textuaes estas palavras:

"Offereci-lhes um jantar na minha residencia ... Contando-se os convivas da sra. Cunha para a direita, incidia justamente em Silva Jardim o fatidico numero 13, aliás insignificante, para uso dos supersticiosos que sobrecarregam esta innocente expressão arithmetica com a responsabilidade de innumerous maleficios.

No dia seguinte partiram para Napoles os dois viajantes (Jardim e Carneiro de Mendonça) onde foram recebidos pelo consul do Brasil, dr. Americo de Campos. . . Foi em vão que lhes aconselharam pessoas praticas do logar a desistir da empresa pelo adiantado da hora. Insistiram e partiram.

Chegados á proximidade da cratera, Silva Jardim, deslumbrado pelo extranho espectaculo, expandia-se em exclamações de enthusiasmo, lembrando o caso fatal de Plinio, o Antigo, quando o guia avisou-lhe que era imprudencia proseguir, pois as fendas, mais ou menos profundas, cobertas e disfarçadas pelas cinzas, constituam serio perigo. Foi nesse momento que Silva Jardim afundou-se em uma dessas aberturas insidiosas e desapareceu.

O guia, aterrado, não poude soccorrel-o, soccorro sem duvida inutil por não dispôr elle de meios para fazer o nosso compatriota voltar á superficie do terreno.

Ao mesmo tempo Mendonça sentiu faltar-lhe o terreno sob os pés, mas teve a fortuna de encontrar fundo solido á pouca distancia, conseguindo com grande esforço desvencilhar-se, embora com o braço ferido pelo attrito das anfractuosidades em que teve de apoiar-se.

Foi com surpresa e profunda magua que recebi o seguinte telegramma do consul em Napoles: "*Silva Jardim, ieri sera escurzione Vesuvio scomparve presso cratera. Mendonça partito adesso arriverá Roma 9 circa. — Americo*".

Telegraphei sem demora ao nosso ministro no Rio dando-lhe a triste noticia, telegramma que foi aqui publicado nos jornaes.

Telegraphei tambem ao dr. Piza, nosso ministro em Paris, dando-lhe conhecimento do factu, telegramma que confirmei com outro nestes termos: "*Hontem 9 horas noite mandei-lhe telegramma dizendo Silva Jardim desapareceu em uma fenda cratera Vesuvio. Seu companheiro Mendonça salvo, partiu para Paris. Confirmo*".

Em acto continuo ao conhecimento do lamentavel successo, dirigi-me ao ministro dos Negocios Estrangeiros e pedi-lhe para que ordenasse pesquisas com o fim de encontrar-se o cadaver e ao mesmo tempo um inquerito para averiguar qual a responsabilidade que pudesse caber ao guia pelo deploravel desastre.

O ministro providenciou sem demora. Passados alguns dias foram communicadas officialmente as informações das autoridades de Napoles, as quaes asseveravam ter sido improficua e perigosa a tentativa para encontrar o corpo do nosso infeliz compatriota" (76).

Blasco Ibañez, tambem, que o conheceu em Napoles no dia da sua morte, nos conta, no "O Paiz da Arte", que a policia constatára a casualidade da desgraça, depois de rigoroso inquerito.

Charles Bos, pelas columnas do "Rappel" de 6 de julho, tambem commenta, fiado em informações directas colhidas nos meios brasileiros em Paris:

(76) FRANCISCO CUNHA — "*Reminiscencias*" — paginas 863-866.

“Silva Jardim etait allé en Italie pour étudier les antiquités latines. Le premier de ce mois (julho) il était encore á Naples, avec son ami, plein de vie et de gaité, faisant des projects pour l’avenir”.

Quem estuda superficialmente esses documentos, não alimenta a menor duvida sobre a casualidade da tragedia. O proprio telegramma que a “Gazeta de Noticias” estampou, oriundo de Napoles, relatando o occorrido, é irrefutavel nas suas declarações.

José Leão, que era amigo de todos os momentos, tambem depõe com a autoridade das suas intimas relações com o mallogrado propagandista:

“Encaminhara-se pela subida mais rapida, sem attender á direcção dos ventos, que arremessam as escorias em certos e determinados pontos, sem haver tempo de se solidificarem, ao passo que, em sentido opposto, pode-se perfeitamente, mesmo em caso de erupção activa, approximar a gente da cratera, pela resistencia que offerece a crosta do monte, refrescada pela constante viração” (77).

E a documentação official do occorrido, si não bastasse o depoimento de todos quantos foram chamados a esclarecer o doloroso acontecimento, é definitiva nas suas conclusões de casualidade.

Leiamos o officio da nossa legação em Roma, dirigido ao Ministerio do Exterior:

“Legação do Brasil — Roma, 4 de julho de 1891. — Sr. Ministro. E’ sob a emoção de profundo sentimento

de pesar que me apresse em communicar-vos que o dr. Silva Jardim foi victima de um desastre inesperado, visitando as proximidades da cratera do Vesuvio, ás 7 horas da tarde do dia 1 do corrente mez.

A's 7 horas da tarde do dia seguinte tive a primeira noticia desta lamentavel desgraça por um telegramma do nosso consul geral em Napoles, dr. Americo de Campos, nos seguintes termos: "Silva Jardim hontem de tarde excursão Vesuvio desapareceu perto cratera. Mendonça partiu agora, chegará Roma nove horas noite. *Americo*".

A' hora da chegada do trem de Napoles, encontrei o sr. Joaquim Carneiro de Mendonça na estação de Roma, onde fui expressamente esperal-o. Trazia um dos braços ao peito, em consequencia de ferimentos que recebeu, e mostrava-se muito agitado, tendo elle proprio corrido imminente perigo de ter a mesma sorte de seu amigo.

Referiu-me, então, que tendo passado o dia todo a visitar Pompéa, fizeram á tarde uma ligeira refeição em um dos hoteis daquella localidade.

Logo depois, Silva Jardim manifestou desejo de que aproveitassem ás horas do dia que ainda restavam para realizar a projectada excursão ao Vesuvio.

Carneiro se oppoz, não só por ser tarde, como pelo excessivo calor, como tambem por achar-se indisposto e com dores de cabeça.

A' vista, porém, da insistencia de Silva Jardim, decidiu-se a acompanhal-o, e para o effeito tomaram um guia e seguiram a cavallo.

A' pouca distancia do cône principal da montanha, apream-se e continuaram a avizinhar-se da cratera.

Silva Jardim mostrava-se entusiasmado pelo grande espectaculo da erupção e expandia-se com o seu amigo em palavras animadas, tendo-lhe occorrido citar o caso de Plinio, o Naturalista, que alli perdera a vida por amor á sciencia, asphyxiado pelas emanções do vulcão.

Pouco depois, Carneiro, que se achava uns doze passos atraz de Silva Jardim, o qual tinha o guia a seu lado, bradou-lhe que o perigo alli era imminente e que deviam retroceder.

Neste momento, Carneiro sente-se cahir em uma fenda aberta sob seus pés e com cerca de dois metros de profundidade.

Com esforço ingente conseguiu, apoiando-se nas paredes lateraes, voltar á superficie do solo, onde o guia, que alli passava, deu-lhe a mão e o ajudou a sahir.

Carneiro, ferido e attonito, pergunta ao guia por Silva Jardim: a resposta que teve — Morto! Silva Jardim havia desaparecido em uma das fendas visinhas da cratera.

Na mesma noite do dia 2, deixando Carneiro na estação da estrada de ferro de Roma, donde seguiu para Paris, dirigi-me sem demora ao telegrapho, e communiquei a noticia do triste acontecimento ao nosso ministro em Paris, visto achar-se em França a familia do dr. Silva Jardim.

Em acto continuo procurei o conde d'Arco, sub-secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, narrei-lhe

o occorrido e pedi-lhe com instancia para que mandasse proceder a diligencias no intuito de descobrir o cadaver, si por acaso estivesse sobre a superficie do solo, bem como de mandar proceder a indagações a respeito do facto, afim de averiguar-se qual a parte de responsabilidade que pudesse caber ao guia, que tão imprudentemente conduziu os dous viajantes.

Recebo neste momento a resposta do conde d'Arco, da qual junto uma copia.

Terminando, não posso eximir-me de manifestarvos o meu profundo e doloroso sentimento de pesar pela perda sensivel que soffreu a nossa Patria, com o desaparecimento de um dos seus mais illustres e dignos filhos. Reitero-vos, etc. a) *F. Xavier da Cunha*. — Ao sr. dr. Justo Chermont, Ministro das Relações Exteriores”.

Vejamos, agora, a informação official do governo italiano, a que se refere o ministro Xavier da Cunha:

”Roma, le 4 juillet 1891. Monsieur le Ministre — Le Préfet de Naples, à qui j'ai demandé des renseignements au sujet du malheureux accident touché à Mr. le Docteur Jardim, vient de me communiquer ce que suit:

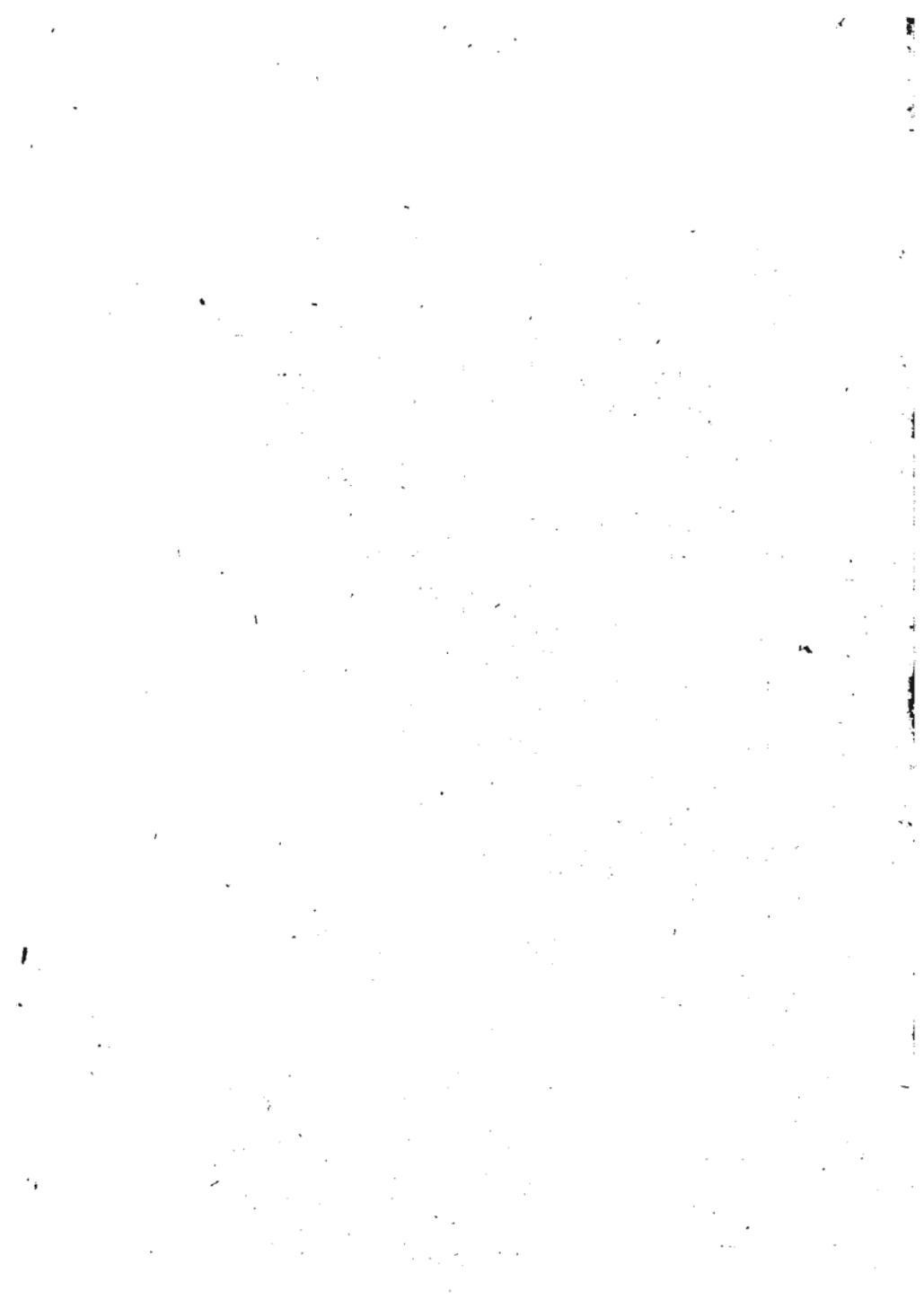
Le sujet brésilien mr. le Docteur Silva Jardim, vers 7 heures du premier de ce mois courant, accompagné par un de ses amis, mr. Joaquim Carneiro, tous les deux escortés par un guide, grimperent le Vesuve. Tou-à-coup, en approximité du nouveau cratère, une crevasse s'ouvrit sous les pieds du Docteur Jardim et une colomne de fumée s'élevant aussitôt, le malheureux

fut englouti disparaissant á l'instant. Son ami s'étant lancè vers lui aurait couru le même sort si le guide n'était prêt a le retraper. Le consulat du Brèsil à Naples a été aussitôt informé de l'arrivé. De ce qui procède il faut deduire que le malheureux fait est consequènce d'une pure accidentalité. Veuillez agreer, etc. — (a) *Arco*" (78).

Como se viu, está exhaustivamente provado que a tragedia foi traçada e executada pela fatalidade, e só os inimigos, velados ou ostensivos, fazem crer aos incautos a ballela do suicidio, com o fim claro de diminuir as superficies superiores desse espirito e desse caracter.

O facto de se decidir a regressar á patria em vista da representação dos eleitores brasileiros que o reclamavam, apesar de já estar morto Senna Madureira — seu amigo e sustentaculo, tambem reforça o nosso ponto de vista, se não fosse ainda a circumstancia de Silva Jardim ter deixado em Paris a esposa e um filho, que sabia quasi que sós num paiz extranho.

“Não foi um suicidio como se ouve dizer a cada passo — protesta José Leão. Silva Jardim não conheceu a descrença, que só accommette os fracos, nem enveredou jamais pela demencia, que occasiona a morte aos sem ventura”...



EM FUNERAL...



JUSTAMENTE no dia do anniversario de seu paç,
2 de julho, chega a noticia, no Rio de Janeiro, da
morte dramatica de Silva Jardim.

O primeiro momento foi de estupefacção e de as-
sombro diante de tão brutal acontecimento, pois a alma
da multidão já doirava de lenda o nome do intemerato
patriota, que preferiu expatriar-se a exigir o que a Re-
publica lhe devia.

Os jornaes brasileiros se encheram de commovidos
necrologios em que a sua personalidade era estudada
com admiração e saudade, e no parlamento brasileiro,
nas duas casas do Congresso, a voz de varios oradores
se ergueu, chorando a perda irreparavel que a Patria
acabava de soffrer.

Sampaio Ferraz, o seu dedicado companheiro de
propaganda, pronunciou na Camara dos Deputados o
commovido discurso que se segue:

“Sr. presidente, não posso dirigir a palavra neste
momento a V. Exa. e a esta augusta Camara sem uma
emoção legitima, justa e digna de mim como repu-
blicano, de mim como patriota; legitima, justa e digna
daquelles illustres companheiros, que commigo assi-
gnam a indicação que vou lêr.

V. Ex. sabe, e a Camara tambem, que hontem, não esta capital, não os Estados circumvizinhos, porém toda a Patria Brasileira, foi surprehendida por um infausto e doloroso acontecimento. Um dos nossos concidadãos mais distinctos (muitos apoiados), um dos batalhadores republicanos mais energicos (muitos apoiados), um daquelles a quem neste momento, sem injustiça e com todo o direito posso dizer, mais devemos o estar representando aqui a Patria em pleno regimen republicano (muitos apoiados) Silva Jardim, foi victima de uma nova audacia, de uma nova temeridade, mas audacia e temeridade que eram consentaneas com o seu temperamento, que eram communs ao seu character.

Elle que tinha a nota, o timbre da audacia e da temeridade, foi devorado pelo Vesuvio, morte sem duvida apropriada para esse heróe, sepultura digna desse batalhador, sepulchro que ha de ligar o seu nome, como já estava ligado, não á historia brasileira, porém á historia de toda a Humanidade (Muito bem).

Seria fastidioso neste momento rememorar os valiosissimos, os relevantissimos serviços prestados por Silva Jardim á causa republicana e, portanto, á patria brasileira (Muito bem).

Devemos a elle, como arauto de nossa fé, como vedêta, sentinella avançada das nossas aspirações, devemos-lhe o advento da Republica, tão proximamente proclamada; devemol-o sem duvida em grande parte a esse moço, cujo nome era e ha de ser, por muitos titulos, uma legenda desta Nação Americana. (Muito bem).

Senhores, não tenho constrangimento nenhum em declarar-vos neste momento que Silva Jardim foi meu mestre, meu director, por assim dizer, espiritual; que foi o orientador talvez do meu espirito, porque convivia intimamente commigo, foi meu amigo particular, meu companheiro; e para muitos dos collegas presentes posso appellar, para muitos que sabem que a nossa convivencia, a nossa amizade, não eram communs e sim uma convivencia fraterna, uma amizade de irmãos; por este motivo tão somente, ligado a elle de corpo e alma, por mais de uma vez o ouvi e o tive junto a mim, cercando-o e procurando até defender o seu proprio corpo deante de perigos iminentes; o vi sempre tranquillo, calmo, impassivel, alevantado, deante do ideal que o guiava, deante da idéa que representava, deante dessa propaganda de que elle foi alma, mas alma consciente, nessas pugnas que elle sustentou com tanto brilho e por tanto tempo. Ouvi-o nesta capital, nessa celebrada conferencia de 30 de dezembro, em que nós, os republicanos, eramos vil e traiçoeiramente offendidos, atacados por assalto á mão armada.

Vi-o nessa heroica provincia de Minas, berço talvez da liberdade da nossa patria, vi-o na patria de Tiradentes, vi-o nessa tradicional cidade de S. João d'El-Rey, com a maior fleugma, impassibilidade e sangue frio, arrostar com a sanha feroz e torpe daquelles que se constituiram o instrumento vergonhoso, miseravel, infame dessa dymnastia, dessa raça que felizmente para nós, para todo o sempre terá desaparecido do sólo de nossa patria (Muito bem).

Vi-o tantas vezes caminhar leguas sem fadiga, deixando a familia, a pobre esposa desolada no lar; vi as lagrimas dos filhinhos, que choravam a ausencia do pae, sem saber talvez si elle voltaria são e salvo dos perigos que arrostava.

Vós comprehendereis, portanto, que a minha emoção é legitima, purissima e leal; e que com mais de um titulo tenho o direito de declarar desta tribuna com a maior verdade, com a maior altivez que, si temos a Republica no Brasil proclamada gloriosamente a 15 de novembro, em grande parte a devemos a Silva Jardim (apoiados), a esse nome que ha de ser uma legenda na historia politica de nosso Paiz, a esse nome que ha de estar para todo sempre ligado ao regimen glorioso que aqui representamos.

Falla-se do heróe soldado, falla-se do exercito, falla-se da armada. Deve-se fallar tambem, senhores, dos propagandistas. Devemos a Republica ao exercito, á armada, ao heróe soldado; porém a devemos tambem aos preparadores, aos propagandistas, entre os quaes, não podem ser esquecidos, como os principaes talvez, os de S. Paulo, embora, dizendo isto, possa incorrer em suspeição, porque sou paulista. Mas não ha duvida que devemos a republica a elles, e tambem á illustre geração do Rio Grande do Sul, assim como aos mineiros, dignos das tradições desse Estado, e a outros muitos representantes de toda patria (apoiados) que comprehendiam a elevação e a nobreza do ideal republicano!

No meio, porém, de todos esses patriotas, salientou-se Silva Jardim, esse batalhador infatigavel, que jamais

vacillou a despeito das injurias que lhe lançavam, das injustiças e apodos que lhe cuspiram, sempre impassivel, sempre cheio de coragem civil! (apoiados geraes).

Senhores, seria fastidioso rememorar agora os serviços desse illustre brasileiro; e seria isto inutil, quando aqui vejo meus amigos, meus companheiros de trabalho politico, representantes da Republica!

Mas necessito dizer que, ás vezes, torna-se imperiosa uma excepção a essas regras de expediente administrativo e de engrenagem legislativa.

A esposa de Silva Jardim fica reduzida á extrema pobreza! (apoiados).

Essa illustre senhora, além de representar o nome glorioso de Silva Jardim, é descendente de patriarchas da Independencia do Brasil, é filha de Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

E' preciso que lembremo-nos de seus pobres filhos; é preciso que lembremo-nos dessas pobres creanças, dessa orphandade singular e extraordinaria!

Penso que devemos abrir uma excepção ás exigencias das disposições administrativas, uma dessas excepções que são inevitaveis, propondo uma pensão permanente para a familia de Silva Jardim (Applausos).

Creio que assim correspondemos muito parcamente e muito diminutamente aos colossaes serviços prestados por esse grande vulto.

E' uma idéa que lanço ao espirito da Camara, ao coração e á consciencia de meus illustres collegas.

Tive a honra, senhores, de ser incumbido de apresentar esta indicação e pedir a inserção de um voto de pesar na acta de hoje. A indicação está assignada por outros dignos collegas, cujos nomes me dispensarei de lêr.

Entenderam os meus amigos que havia motivo para que fosse eu encarregado dessa tarefa, talvez por conhecerem os estreitos laços de amizade que me uniam a Silva Jardim.

Sendo este o titulo pelo qual me confiaram tão doloroso encargo, aceitei-o, senhores, triste e emocionado, procurando cumprir esse dever lugubre; e creio que o tenha realisado com a sinceridade de uma amizade purissima (Apoiados; muito bem).

Creio, senhores, que tenho satisfeito os desejos e as aspirações dos meus nobres collegas, e direi mais, apenas, que com isto nós não augmentamos os laureis e a aureola nobilissima daquelle que para morrer foi necessario que um vulcão o devorasse; vulcão que recebeu em suas lavas a ardencia das idéas do grande tribuno e o fogo constante de suas convicções de patriota legendario.

Era preciso que para morrer elle tivesse uma sepultura nobre, um sepulchro grandioso. Foram as lavas de um vulcão que tiveram o poder de apagar aquella vida singular! Silva Jardim submergiu-se na cratera do Vesuvio!"

Seguiu-lhe com a palavra o deputado Annibal Falcão, tambem testemunha da obra de Silva Jardim na preparação da Republica:

“Sr. Presidente, devo propor a esta Camara mais uma homenagem á memoria do illustre republicano, a quem, com tanta elevação e sentimento, acaba de referir-se o honrado deputado pela Capital Federal.

Como este meu digno collega, não pretendo historiar os serviços que Silva Jardim prestou á causa da Republica, no periodo em que ella era a mesma causa da nossa Patria; mas seja-me permittido assignalar os tres pontos em que esses serviços se podem resumir. Antes de tudo, Silva Jardim teve a intuição clara, quasi prophetica de que chegara a derradeira hora da monarchia no Brasil; ninguem o sentiu tão profundamente, nem o pregou tão convictamente; dir-se-ia que aquelle illuminado espirito não tinha somente a previsão, mas a visão nitida da Republica prestes a advir.

Quem era esse moço e de onde surgia, animado de tal fé? Longos annos de estudo e de meditação haviam-no preparado para essa elevada acção social, desde a campanha abolicionista, a sua extraordinaria aptidão de propagandista e de agitador.

Mas a agitação em que elle lança a Nação, apenas realisada a revolução abolicionista — e este é o segundo caracteristico dos seus patrioticos serviços, — tem a mais pronunciada feição organica, inspira-se em doutrina real, visa um objectivo demonstravel.

E elle o demonstra, propagando o instante do advento da Republica — despida das nuvens da metaphysica democratica a concepção desse regime, não o exigindo como satisfação a direitos populares, mas apon-

tando-o como a resultante necessaria de nossa evolução e para o preenchimento do destino nacional.

Todavia, não bastava essa indicação geral da theoria do regimen republicano, e era necessario demonstrar a sua incompatibilidade com o parlamentarismo, incompatibilidade não somente logica, mas historica, segundo se deduz do papel da realza constitucional no Brasil e da contemplação de todo o nosso passado, quer propriamente americano, quer anterior, até as remotas origens da monarchia portugueza.

O emerito patriota prestou ainda esse assignalado serviço, pregando a republica dictatorial, graças ao que o nosso paiz chegou a collocar-se na mais avançada linha do progresso politico em todo o occidente.

O povo brasileiro viu com que inabalavel fé, com que extraordinaria energia, com que indefessa actividade, com que impassivel coragem, com que elevação, lucidez e ardor de espirito o moço patriota effectuou essa campanha memoravel.

Começando por abalar no mais forte das suas tradições as classes conservadoras, agitando, convulsionando o interior do paiz, veio elle sitiar a monarchia brasileira em sua capital, cujas portas lhe foram abertas no dia seguinte áquelle em que ainda se ouviam acclamações entusiasticas á realza pela victoria republicana de 13 de maio.

Travou-se então verdadeiro duelo entre os dois regimens, que respectivamente representados por Silva Jardim e pelo Conde d'Eu, foram degladiar-se nas pro-

vincias do norte, onde o principe pretendia buscar amparo para a monarchia moribunda.

O resultado desse prélio era apregoado a 15 de novembro pelas tropas brasileiras, que desterraram para sempre os ultimos representantes do regimen de castas na America.

O audaz republicano via então realizados os votos do seu coração patriotico: estava proclamada a Republica, e como elle a pregara — a Republica dictatorial.

Depois disso, o espirito publico foi pouco a pouco advertindo no estranho silencio do ardente republicano. A marcha geral do governo instituido a 15 de novembro explicava-o bem clara e tristemente; mas aos menos avisados ou menos veneradores affigurara-se que o patriotismo de Silva Jardim adormecêra. O intemperato propagandista podera responder-lhes com os versos que o sublime esculptor da "Noite" inscreveu no sóco da sua estatua:

"Il sonno mi é grato . . . Mentre che il danno e la vergogna dura".

Resignou-se então Silva Jardim ao exilio; e, quando contavamos que, esclarecido ainda mais o espirito com a contemplação de regiões e povos estranhos, voltasse elle á Patria, partiu-se para novo, e desta vez eterno exilio, tragado pela cratera do Vesuvio — imagem de sua alma ardente, symbolo colossal de sua tormentosa existencia.

Mando á mesa a indicação a que me referi (Muito bem, muito bem).

Vem á mesa, são lidas e apoiadas as seguintes

Indicações

A Camara dos Deputados, reconhecendo os grandes serviços prestados á causa republicana pelo illustre propagandista Dr. Antonio da Silva Jardim, resolve inserir na acta da sessão de hoje um voto de profundo pesar pelo lamentavel acontecimento que pôz termo á vida de tão patriota cidadão.

Sala das sessões, 4 de julho de 1891.

(aa) Sampaio Ferraz. — Manoel Valladão. — Thomaz Flores. — Baptista da Motta. — Schimidt. — Bezerril. — Menna Barreto. — Gonçalves Ramos. — Nilo Peçanha. — Vinhaes. — Ferreira Pires. — Thomaz Delfino. — Casimiro Junior. Gabino Besouro. — Figueiredo. — Lopes Trovão. — Oiticica. — A. Guanabara. — Astolpho Pio. — Joaquim Pernambuco. — Barbosa Lima. — Pedro Velho. — João Lopes. — Gonçalo de Lagos. — Antonio Olyntho. — Alcides Lima. — José Avelino. — Alvaro Botelho. — F. Glycerio. — T. Lyra. — Bellarmino Carneiro. — Moreira da Silva. — Paula Guimarães. — Adolpho Gordo. — Pedro Chermont. — Viotti. — França Carvalho. — Cassiano. — Nascimento Silva. — Nina Ribeiro.

“Requeremos que em signal de profundo pezar pelo fallecimento do eminente republicano Silva Jardim, seja suspensa a sessão.

(aa) Annibal Falcão, Demetrio Ribeiro. — Bel-larmino Carneiro. — Gonçalves Ramos. — Antão de Faria. — Alcindo Guanabara.”

Por ultimo falou José Avelino em nome do jornalismo brasileiro, que teve em Silva Jardim um dos seus mais altos representantes, não só pelas idéas que defendeu, como pela elevação com que dignificou a imprensa do seu paiz:

“Sr. Presidente. — As eloquentes e sentidas palavras proferidas pelo honrado deputado, o sr. Sampaio Ferraz, communicaram á Camara a magua que uma tão grande perda inspira. Todas as homenagens são devidas a esse grande precursor da Republica, e a mim, o mais obscuro dos jornalistas da Camara (não apoiados), deve ser licito concorrer para esta gloriosa consagração á memoria de um homem que tambem passou pela imprensa, deixando traço luminosissimo (Muitos applausos).

Nós outros, jornalistas, conhecemos o que valem a actividade, o labor de todos os dias, a luta extenuante de todas as horas, em que consumimos mocidade e em que vemos desvanecerem-se tantos sonhos, para avaliarmos da perda que soffremos e dos desenganos a que succumbiu esse bello espirito (Apoiados).

Não conheci Silva Jardim como propagandista, porque para conhecel-o era preciso ter participado da sua

vida de sacrificios, tel-o acompanhado no seu doloroso e audaz apostolado; mas não creio que as vibrações de sua palavra tivessem mais energia e mais prestigio do que os jactos de luz que elle projectou sobre a imprensa, onde foi invencivel pela impavidez do seu character, e onde ninguem o excedeu no amor e nas aspirações pelo bem e pela liberdade (Apoiados).

Para nós, este nome illustre será de hora em diante a personificação gloriosa e immortal das idéas sobre que assenta o novo edificio politico da nossa patria e nas suas ameias fluctuará eternamente, como disse o nobre deputado, o sr. Dr. Sampaio Ferraz, o lábaro da democracia americana, de que elle foi ardente apóstolo (Apoiados).

Elle está morto, senhores, mas seu vulto ha de ficar na historia com a grandeza epica do nome de Plinio, o perscrutador mallogrado dos segredos e dos abysmos da natureza (Apoiados).

Cada vez que o monstro de fogo espalhar o seu clarão immenso e sinistro por aquelle céu azul, tão decantado pelas musas saudosas dos bardos italianos, a humanidade terá que agradecer á memoria de Silva Jardim os novos dominios abertos á liberdade pela sua grande alma... (Muitos apoiados, muito bem. O orador é felicitado por muitos srs. deputados presentes).

No Senado, foi a voz sobre todas insuspeita de Quintino Bocayuva, seu adversario dos ultimos tempos, que reclamou para Silva Jardim a veneração consternada da Patria agradecida:

“Sr. Presidente. — Em poucas palavras procurarei justificar o requerimento que vou ter a honra de submeter á consideração dos meus illustres collegas. .

Noticias telegraphicas parecem confirmar, infelizmente, a dolorosa noticia da morte prematura de um dos mais distinctos cidadãos da nossa patria (apoiados); homem illustre, cujo espirito paira sobre toda a organização social e politica de nossa patria, e cuja curta passagem pelo mundo foi assignalada por eminentes serviços prestados á causa do nosso paiz e da Republica (Muitos apoiados).

Penso não infringir nenhum preceito desta casa, solicitando que a nosso turno esta Camara demonstre por alguma forma o sentimento de que se acha possuida, acompanhando o sentimento da universalidade de todos os patriotas (Apoiados).

Não careço rememorar neste momento o largo espaço preenchido pela nobre individualidade que acaba de desaparecer da scena do mundo.

A Nação inteira registra nos mais gloriosos annaes das datas republicanas a intrepidez, a dedicação, o sincero amor á causa da Republica, de que tantas e tão assignaladas provas deu o dr. Antonio da Silva Jardim (Muitos apoiados, muito bem).

E' em nome da causa hoje triumphante, da qual somos legitimos representantes neste recinto, que fallo; é em nome do respeito e da veneração que nos deve inspirar a sua memoria, que tenho a honra de apresentar o seguinte requerimento:

“Requeiro que na acta dos trabalhos desta Camara seja inserida a seguinte declaração:

O Senado Federal dos Estados Unidos do Brasil recebeu com profunda magua a noticia do desastroso evento que pôz termo prematuro á existencia do dr. Antonio da Silva Jardim, cujos relevantes serviços á Patria e á Republica recommendam a sua memora á estima e gratidão nacional.

E' apoiado pela casa, posto em discussão e sem debate approved”.

Foi assim que a Nação, conturbada ainda pela dor de uma perda tão grande, prestou as homenagens devidas ao valente gladiador que tombára na mais espectacular das arenas, digna do homem que só viveu entre vulcões...

Mas, a imprensa tambem, do Brasil e do estrangeiro, não ficou emmudecida diante da tragedia.

Os jornaes parisienses, noticiando a sua morte, não pouparam expressões de pezar e sympathia para com o grande brasileiro, sendo accordes em ver nelle uma das mais impressionantes figuras do Brasil do seu tempo.

A “Illustration”, de 11 de julho, assim se exprimiu:

“M. Silva Jardim était un des hommes politiques les plus éminents de la jeune république des Etats Unis du Brésil, tant par son talent e le prestige de sa parole, que pour la somme de services rendus á la cause republicaine”.

Jehan Soudan, em "Les Matinées Espagnoles", de 15 de julho, escrevia:

"Il était eu passe de devenir un vrai parisien, cet infortunè Silva Jardim, le journaliste bresilien, englouti dans le Vesuve, comme Empédocle, á deux pas de son ami et compatriote, M. Joaquim Mendonça.

C'était — aussi — et ni plus ni moins, dans la ville de Paulus et de Kam-Hill (où nous ne savons rien de ce que dépasse Asnières) — un Rochefort bresilien dans le journalisme, un Gambetta d'outremer parlant au peuple".

E o "Journal des Debats", o "Figaro", o "Temps", o "Rappel", a "Nouvelle Reviste Internationale", a "Revue Occidentale", a "Nouvelle Revue", o "Seculo", o "Diario de Noticias" e outros grandes jornaes da França, de Portugal, da Hespanha e da Italia, foram todos accordes em verificar a extensão da perda que feria o Brasil.

E a imprensa do seu paiz, tambem.

A "Gazeta de Noticias" de 2 de julho estampava com dôr o seguinte telegramma, seguido de extenso artigo em que lhe estudava a personalidade: "Silva Jardim cahiu na cratera do Vesuvio. Seu companheiro Mendonça salvou-se milagrosamente. O ministro F. Cunha dirigiu-se ao marquez de Rudini, ministro de estrangeiros, pedindo-lhe ordenasse a pesquisa necessaria para o encontro do cadaver".

O "Jornal do Commercio", o "Diario de Noticias", "O Paiz" e toda a imprensa dos Estados se encheram

de dôr pela desgraça que enlutava a Republica. Foi uma apothese de amor e de lagrimas a que o Brasil tributo ao seu grande filho desaparecido.

E José do Patrocínio, seu adversario politico nos ultimos dias, contou a sua magua num magnifico artigo, no qual escreveu: "a sua palavra, como a de Jesus, aspirava a um dorso de montanha, uma tribuna para a multidão... "Extraordinario o destino do grande brasileiro: até para morrer se converteu em lava!"...

A VOZ DA HISTORIA



NAS PAGINAS que se leram, vê-se a extensão e a profundidade desse luminoso espirito, que desde os primeiros annos da juventude se consumiu no fogo da intelligencia, construindo com a propria energia tu-multuosa o mundo moral em que sempre viveu, irradiando da sua personalidade o exemplo de uma vontade orientada pelo mais alto attributo da alma humana — o amôr da verdade em serviço da Patria.

Nasceu pobre e morreu como nascera, e toda a fortuna do seu coração dirigiu-a no sentido universal da felicidade brasileira, para a qual ninguem trabalhou com mais ardor e desinteresse, que foram os traços marcantes do seu espirito inquieto.

A sua abnegação ficou na Historia da Republica brasileira como um marco solitario, indicando á posteridade o caminho do alto patriotismo, que não mede o sacrificio pelos proventos.

Si Patrocínio chicoteou a face dos brasileiros verberando que “a republica, a que elle sacrificara sua vida, não teve um cargo para dar-lhe”, responde Valentim Magalhães que “elle teve a dignidade da sua derrota, tomando dignamente o caminho do exilio, sem uma queixa, sem um protesto, sem uma ameaça”. E’ o mais alto

grau de amor e abnegação patriótica, isolados no meio da prostituição geral dos corações...

Nas horas turvas que a Nação tem vivido ultimamente, quando os homens se mostram como guardas infieis de um mercado incendiado, a alta figura de Silva Jardim se eleva no fundo do tempo transformada em lava de apostrophes indignadas, onde rugem as iras vingadoras de um capitão abandonado em meio da batalha...

E' a voz da terra clamando contra a ambição e a dobrez dos que não souberam zelar um thesouro de quatro seculos. E' a voz da nacionalidade inquerindo os salteadores de uma patria abandonada aos appetites do aventureiro mais affeito. E' a voz de todas as derrotas e victorias da Liberdade bramindo pela bocca de uma cratera, que não consentiu permanecesse entre homens tão pequenos um coração que deveria rugir, como um Vesuvio, no pincaro alcantilado da consciencia nacional...

Silva Jardim será sempre, para os traficantes da Patria, um incommodo phantasma, que não cessará de apontar aos criminosos o destino de todos os perjuros...

BIBLIOGRAPHIA

- Memorias e Viagens* — SILVA JARDIM
Paginas do Passado — SERZEDELLO CORRÊA
No Paiz da Arte — BLASCO IBAÑEZ
Cousas do meu tempo — ERNESTO MATTOSO
Pesquisas e depoimentos — TOBIAS MONTEIRO
Homens e Cousas do Imperio — VISCONDE DE TAUNAY
Deodoro — ERNESTO SENNA
Figuras antigas — ARTHUR DE CERQUEIRA MENDES
Perfil de Campos Salles — ANTONIO RIBAS
Origens republicanas — FELICIO BUARQUE
Historia da Republica — CAMPOS PORTO
A queda do Imperio — RUY BARBOSA
Contribuindo — MARTIM FRANCISCO
Da Propaganda á Presidencia — CAMPOS SALLES
Annaes do Senado e da Camara dos Deputados — 1891
Conferencias, pamphletos e discursos de SILVA JARDIM, CAMPOS SALLES, RANGEL PESTANA, JOÃO PINHEIRO, MIRANDA AZEVEDO, etc.
Cousas Politicas — FERREIRA DE ARAUJO
Reminiscencias — FRANCISCO CUNHA
Vultos e Factos — AFFONSO CELSO
Historia da fundação da Republica no Brasil — ANFRISIO FIALHO
Politica Republicana — ALBERTO SALLES
Almanack Republicano Brasileiro — 1889
L'idée republicaine au Brésil — OSCAR D'ARAUJO
Silva Jardim — *Apontamentos para a biography* — JOSÉ LEÃO
Historia Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil — FELISBELLO FREIRE